

*Mais de 150 anos depois, os gaúchos pegam
em armas e promovem*

A REVOLTA DOS NOVOS FARRAPOS

romance

DELMAR MARQUES



Seria possível eclodir outra Revolução Farroupilha agora, mais de 150 anos depois de deflagrada a revolta que abalou o Rio Grande por mais de dez anos? Esta pergunta tem sido feita ao autor freqüentemente desde que sua peça teatral "Em Farrapos" foi montada em Porto Alegre, em 1978, iniciando um processo de revisão de muitos conceitos em torno deste acontecimento histórico. Neste romance, uma obra de ficção mas fundada em muitas premissas reais no quadro político, econômico e social do Rio Grande do Sul, ele desenvolve a possibilidade de uma nova revolta gaúcha enredando fantasia e provas materiais, personagens e personalidades, concretizando as aspirações e os temores de muitos.

Jornalista especializado em economia, com experiência acumulada nos principais jornais do país, dramaturgo, escritor, ator, Delmar Marques já percorreu tantas vezes o Rio Grande, acompanhou por quase duas décadas suas transmutações, familiarizou-se com sua história e tradições, para condensar nesta obra uma visão muito particular. Suas previsões podem concretizar-se ou promover reformas capazes de remover os gaúchos da trilha de rebelião social que percorrem atualmente. Só o futuro o dirá. Ele não pretende

colocar-se, entretanto, como um apocalíptico profeta de um futuro imediato mas, pincelando com tonalidades fortes e traços objetivos, pintar um quadro muito sincero de suas visões interiores amparadas em observações pessoais críticas e contundentes. Numa linguagem despojada e envolvente, conduz suas personagens com uma lógica muito clara, absurdamente previsível, que confundirá o leitor nos limites entre a realidade e o imaginário. Depois de tratar, em seu primeiro livro — "Caso MFM - Sulbrasileiro / Ascensão e Queda dos Coronéis" — de um tema verídico com contornos absurdos, já que os crimes financeiros que denunciou continuam impunes, ele mergulhou, com este romance, nas fronteiras entre a fantasia e uma realidade tão fantástica que duvidamos possa estar acontecendo. Mas está. O Rio Grande se endivida, soma déficits, desemprega, expulsa mão-de-obra do campo, estagna e retrocede nos segmentos de produção mais importantes e ficamos todos, cada vez mais, convencidos de que é preciso fazer alguma coisa para mudar. Tirem suas próprias conclusões.

Os Editores

A REVOLTA DOS NOVOS FARRAPOS





www.PampaLivre.info

DELMAR MARQUES

A REVOLTA DOS NOVOS FARRAPOS



proletra

Revisão: Márcia Camargo
Capa: Delmar Marques/Antonio Klfeestadt
Diagramção: Smith
Composição: Proletra

Todos os direitos reservados
para o autor e Editora Proletra Ltda.
Av. João Pessoa, 345
Porto Alegre - RS

Impresso no inverno de 1985
Ano do Sesquicentenário
da Revolução Farroupilha

Quaisquer semelhanças com pessoas ou fatos reais, acontecidos ou por acontecer, será mera coincidência. As personagens não são representativas de classes sociais ou profissionais mas instrumentos únicos de criação literária.

O AUTOR

PARTE PRIMEIRA

... * ...
... * ...

"La llanura, así ruda y sombría, era la barbarie. Tiene sus encantos: es algo hermoso que vale a pena vivirlo, es la plenitud del hombre rebelde a toda limitación".

"Dona Bárbara", Rómulo Gallegos

Os paredões do Taimbezinho, grande “canyon” na borda da fronteira com o resto do país, surgem como um corte natural a separar a antiga Província de São Pedro do Rio Grande do Sul da extensão geográfica até então praticamente dominada pela Serra do Mar. Um facão gaudério retalhou a natureza e recortou aquele íngreme chapadão permitindo passagem apenas pela costa, onde os charcos e os alagados somente foram vencidos pela moderna engenharia na segunda metade deste século.

Pelo mar, o ingresso no território ainda é mais difícil, arriscado. Toda a extensão do Atlântico é protegida por baixios, por bancos de areia em constante movimentação a engolir as naus dos navegantes incautos. Até mesmo o memorável capitão Giuseppe Garibaldi soçobrou naquelas águas, perdendo mais de duas dezenas de homens no naufrágio. Resta somente o porto de Rio Grande, onde a entrada da barra para a Lagoa dos Patos é protegida por dois braços de pedras colossais e o canal exige constante manutenção para permitir o ingresso de embarcações de grande calado.

O porto da capital pode receber grandes navios que cruzam com algum risco a Lagoa dos Patos. Mas eles levam uma carga mínima ou não poderiam retornar a Rio Grande, onde a capacidade dos

porões é completada. Quando se penetra no interior do Estado, contudo, somem todas as proteções, os anteparos da serra, os banhados e fica a descoberto o planalto, as coxilhas verdejantes onde a vista perde-se no horizonte, acompanhando aquela ondulação suave dos campos.

As estâncias estendem-se para o sul, penetram o Uruguai e a Argentina, ocupadas pela mesma gente, as mesmas tradições, uma identidade cultural pampeana. O território dos gaúchos não conhece as fronteiras impostas pelos tratados entre Portugal e Espanha. Os trajes, os costumes, o caráter encontram pontos em comum muito fortes e quando o Minuano, vento frio a varrer o pampa, desperta as paixões de um homem, seja ele rio-grandense, uruguaio ou argentino, os dedos enregelados acariciam o revólver na guaiaca, sob o poncho de lã natural, e o peso de uma história de lutas e coragem transmitida de uma geração para outra fará com que levante a cabeça e esporeie o cavalo como se mais uma vez fosse convocado para nova batalha.

Três ou quatro anos depois (posso consultar as datas nas minhas anotações e recortes da época, mas não acho que esses detalhes tenham a menor importância) daquele ano comemorativo ao Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, imagens e sentimentos do passado ressurgiram no seio de uma crise depressiva em que mergulhara a antiga Província. Os fatos desencadearam-se com extrema desenvoltura e rapidez, provocando uma situação inusitada e, apesar de testemunha ocular dos acontecimentos, nem sei se posso justificá-los.

Na minha rotina entre as quadras de tênis e a máquina de escrever, onde trabalhava em mais uma peça de teatro, conseguira distanciar-me tão completamente de tudo que se passava ao redor que perdi muitas ocorrências preliminares. Se estivesse numa redação, certamente as evidências entrariam pelos olhos. Mas havia dado um tempo ao jornalismo, esperando dedicar-me a tarefas menos castrantes, de modo que os sintomas da catástrofe iminente passaram despercebidos.

Só fui atentar para a gravidade da situação quando já estávamos muito próximos à Semana Farroupilha e surgiam manifestações alusivas à revolução estadual contra o governo central, em 1835. Era sempre lembrada com carinho e desfiles festivos apesar de tratar-se de uma guerra perdida de fato e de direito, tanto no campo militar, político ou econômico. Mas todos insistiam em feste-

já-la anualmente com paradas militares e desfiles cavalarianos, o que estava bem no espírito da época.

As autoridades locais acreditavam que podiam transformar derrotas em vitórias e insucessos financeiros em grandes superávits se um discurso convenientemente inflamado dourasse a pílula. Funcionava assim enquanto instituições financeiras e industriais quebravam, os prejuízos orçamentários do Estado acumulavam-se, o desemprego aumentava e o quadro social desfigurava-se dia a dia.

Talvez o que tenha me preocupado especialmente, além das constantes manifestações populares, greves e pronunciamentos cada vez mais arrojados de certas lideranças, foi o inusitado movimento de tropas militares nas ruas. Eu já tivera conhecimento, alguns dias antes, que as constantes dispensas em massa de trabalhadores nos bancos, nas indústrias metalúrgicas, nas fábricas de calçados, nos transformadores petroquímicos levaram à paralisação, em coincidente momento, de todos estes segmentos de produção.

Na área estatal, os professores, os previdenciários, os funcionários públicos estaduais e municipais estavam em greve quase permanente. Grupos de desocupados espalhavam-se pelas praças, por cada esquina. O setor da construção civil estava praticamente desativado com milhares de apartamentos colocados à venda sem a menor hipótese de comprador à vista. Pelo contrário, os mutuários do sistema financeiro de habitação haviam deixado de pagar suas prestações e colocavam seus imóveis à disposição. Há muito tempo as empresas de crédito imobiliário desistiram de promover despejos, só adotando a medida naqueles raros casos em que conseguia revender a residência. Descobriram que era mais fácil conservar aquele patrimônio mantendo o morador, tolerando o atraso de pagamento.

Naquela manhã ensolarada, a camiseta suada num treino puxado, o serviço de alto-falantes chamou-me à secretaria do clube para atender um telefonema. Deixei as raquetes sobre um banco e caminhei sem pressa, batendo os pés com força no chão para descarregar um pouco do pó de tijolo que invariavelmente apegava-se às meias e ao solado dos tênis. Na outra extremidade da linha estava meu parceiro para os jogos em dupla, Rafael, um médico recém-formado que, sem outra oportunidade de emprego, alistara-se na Brigada Militar e conseguira, de imediato, a patente de oficial. O te-

nente-médico de uma unidade hospitalar da força pública estava cancelando um compromisso:

— Meu chapa, desculpe mas não poderei treinar para o torneio — lamentou ele. — Estamos todos retidos pelo comando, prontidão total. Parece que tem bolo grande por aí.

— Mas do que se trata — indaguei curioso — vão prender todos os grevistas do Estado?

— Acho que é rolo ainda maior mas não posso adiantar nada por telefone — desculpou-se. — Só espero sair a tempo para nossa partida de estréia na copa.

Desligaria em seguida e enquanto retornava para a quadra pude notar algumas nuvens negras despontando no horizonte e começando a sombrear o céu impecavelmente azulado daquela manhã. Dominado por um pressentimento maléfico não consegui a mínima concentração para o jogo, perdendo bolas fáceis, alongando os drives para fora da quadra, smashando na rede. Foi com mal humor que peguei o carro, deixando de tomar uma ducha, com pressa de retornar para casa.

Cruzei por caminhões do Exército que desciam o Morro Santa Tereza e a Serraria, rumando aparentemente para as pontes que ligam a capital à zona sul do Estado. No rádio, apenas a programação musical de sempre e alguns debates esportivos, melhor dizendo, futebolísticos, única modalidade a merecer cobertura da imprensa com intensidade.

Num cruzamento da Ipiranga, um tanque avançou sobre seu predecessor numa longa fila de blindados e o arremessou sobre a calçada. Ele ficou próximo à borda do riacho que corta a Capital, cercado por soldados em uniforme de campanha ou em macacões engraxados de mecânicos.

Que raios estava acontecendo? Em casa, apanhei o telefone e liguei para a Cida, uma repórter miudinha mas sabida, correspondente de um grande jornal do centro do país. Ela estava atarefada, voz rouca, provavelmente com dor de cabeça e uma baita ressaca, mas largou seu trabalho na sucursal para falar comigo:

— Oi cara, estou no maior auê — foi falando. — Me liga mais tarde ou passa lá em casa tonigth.

— Péraí, me dá uma luz, está o maior carnaval de periquitos nesta cidade.

— Pensa que eu não sei. É o que estou tentando descobrir mas, como sempre, ninguém diz nada. Vê se te manca e pinta na minha

baia, oquei?

Não tive alternativa senão aguardar. Bom, tentei matar o tempo trabalhando na minha mais nova peça de teatro, um texto que pretendia montar no primeiro semestre do ano seguinte, se conseguisse uma casa de espetáculos. Versava sobre uma alta patente militar, um oficial vítima de câncer fatal. Só ele sabia que estava com data certa para morrer. Seu filho mais velho, cadete da Escola Militar, sofrera um acidente de motocicleta e estava em coma, sem chance de recuperação. Sua filha, casada com um industrial, tentara suicídio. O marido estava pedindo divórcio. Sua própria mulher, casamento para mais de quarenta anos, o abandonara definitivamente. No meio a todo esse drama pessoal, ele resolvera colocar suas tropas na rua, um último gesto heróico, quase de desespero. Estava ainda no meio do primeiro ato.

Olavo Oliviedo salivava, o lábio queimado pela bomba quente do chimarrão, morrendo de ódio por dentro. Não pelo idiota que inadvertidamente jogara água fervendo na cuia, condenando a erva a uma vida prematura, mas pelos sessenta dias contados que passara na beira daquela estrada, no piquete de arroseiros de Herval. Debandara de sua terra, deixara sua família, mulher e três filhas, para bloquear a rodovia com os companheiros agricultores na tentativa de impedir o transporte do arroz para o centro do país por preços não compensadores. Com a inflação galopante, o valor fixado pelo governo federal não permitiria o replantio da lavoura, não atingiria sequer os custos de produção do momento.

Dormindo na carroceria de um caminhão, embaixo das lonas improvisadas em barraca, comendo arroz com charque cozido no liquidinho, atravessara dia após dia naquele local, próximo às pontes do rio Yguaí, ponto de acesso obrigatório da zona sul do Estado para a capital. Por ali deveria cruzar a maior parte da produção orizícola, mas o piquete era de uma eficiência total. Nenhum veículo com arroz transitara por aquele acesso durante os últimos três meses.

Mas Olavo estava cansado, contudo. O governo não cedia, o dinheiro estava acabando, a mulher certamente estava apelando pa-

ra os parentes, pois deixara poucos trocados em casa. Sua safra estava no galpão, correndo o risco de deteriorar-se com o tempo, pois o telhado não resistiria ao menor aguaceiro. Suas dívidas para com o banco, nesse ínterim, aumentavam com juros e correção monetária e multas pelo atraso, comprometendo seu crédito futuro. Ele tinha razões para temer e os ossos doídos pelas noites mal-dormidas reclamavam da sorte. Mantinha-se firme, porém, o revólver ao alcance da mão, no coldre na cintura, sob o poncho de lã natural.

— Oigaletê, que vamos ter barulho — saltou do pedaço de toco, cuspidando para o lado, ao ouvir o ronco forte de motores se aproximando.

Ao redor, quase duas centenas de agricultores moveram-se em uníssono, voltando-se para a origem do ruído. As máquinas pesadas, pressentia-se pelo barulho, não vinham dos lados de Pelotas ou Camaquã, região arroseira, mas da própria capital. É a polícia chegando, pensaram todos. De dentro de barracas multicores, adquiridas para os campings de fim de semana, pescarias ou caçadas, mas agora transformadas em quartel-general dos arroseiros em piquete, saltavam colonos já com o revólver na mão ou carregando espingardas de caça, armas de chumbo grosso, carabinas com miras telescópicas.

A estrada empinava em direção ao horizonte e no ponto alto do aclive surgiram os primeiros tanques. Centenas de bocas deixaram escapar o mesmo “ah” de espanto diante dos canhões dos blindados. Mas os colonos haviam pensado na possibilidade e tomaram as medidas previstas. Dois caminhões tanques fecharam a estrada e tonéis de gasolina foram distribuídos estrategicamente. Os homens tomaram posição, vários metros atrás, com garrafas encimadas por chumaços de pano nas mãos. Os coquetéis molotov provocariam um incêndio que manteria o caminho impedido por algum tempo, o suficiente para retirarem-se explodindo algumas pontes. A tática adotada, então, seria a de guerrilha, o piquete distribuindo-se ao longo de centenas de quilômetros de rodovias para atacar qualquer caminhão que tentasse furar a determinação de boicote.

Dois tanques estavam parados no alto da colina e se adivinhava um longo cortejo de blindados pelo ruído dos motores. Um jipe com uma bandeira branca, parecia um enorme lençol encimando o capô, deixou a comitiva e aproximou-se do piquete, parando a menos de dois metros dos caminhões tanques atravessados na rodovia. Com um megafone na mão, um oficial de fartos bigodes, come-

çou a falar:

— Senhores, não é nossa intenção interferir no movimento dos arrozeiros, apenas queremos passagem para o sul, onde realizaremos manobras nos próximos dias, dentro do nosso programa anual de exercícios militares.

A sensação de alívio misturou-se à desconfiança. Se a intenção era cercá-los não precisariam utilizar este artifício, poderiam simplesmente ter deslocado tropas de Cachoeira do Sul ou Santa Maria para fechar a retaguarda. Nestor Pedreira, presidente do Sindicato Rural de Santa Bárbara, foi indicado como interlocutor e seguiu com as instruções. Poderiam passar, sim, mas um a um, com uma distância de cem metros no mínimo entre um veículo e outro. O diálogo foi breve, o militar concordou com a cabeça, estendeu a mão para um aceno rápido e retornou. O próprio Nestor subiu num dos caminhões e deu de ré alguns metros, deixando passagem no meio para um carro de cada vez.

O resto da manhã e boa parte da tarde, os arrozeiros assistiram à passagem das guarnições motorizadas, soldados em uniforme de camuflagem, urutus e cascavéis, carros de comunicação, um desfile completo, em baixa velocidade, mantendo as instruções do trato. A formidável potência bélica cruzou por aquelas duas centenas de pequenos agricultores boquiabertos e pela primeira vez deram-se conta do que estavam enfrentando com aquela teimosa resistência. Muito gauchão tremeu por dentro e sentiu as coisas afrouxarem-se na barriga diante da procissão militar que cruzava lentamente e seguia adiante, contudo, aparentemente alheia ao piquete, ao problema de preços do arroz, como fantásticas personagens de outro mundo que tivessem descido à Terra para um passeio de reconhecimento.

Os tanques com suas antenas, sonares, pareciam discos voadores. Seus comandantes, encimando as escotilhas, capacetes com visores na cabeça, assimilavam o ambiente hostil à sua volta como marcianos conscientes de seu poderio superior, inatingíveis por simples mortais com seus paus de fogo medievais.

— Ala pucha — Olavo sorriu para o companheiro mais próximo — se essa milicada nos cai em cima estamos fritos, tchê.

O outro assentiu e depositou a garrafa de vinho cheia de gasolina e cascalho, sua improvisada bomba incendiária, no chão, enquanto admirava um caminhão rebocando um complexo lança-mísseis.

À noite, enquanto assavam um churrasco de ovelha, ninguém sabia bem se roubada ou doada por algum criador das vizinhanças, a conversação corria entre alguns copos de caipirinha, para espantar o frio, em torno do cortejo militar:

— Acho que passou por aqui boa parte das tropas aquarteladas em Porto Alegre — comentou Nestor.

Nunca vi exercício assim, com tanta gente. Às vezes, o regimento de Jaguarão e um que outro de Pelotas se bandeiam lá pros lados de Herval, mas nunca em tamanha quantidade — observou Olavo.

— É que pra tomar conta de Herval basta um batalhão e corneiteiro. É só tocar o clarim e todo mundo foge nos matos — brincou Pedro Conceição, plantador de Arroio Grande, cidade tradicionalmente rival.

Olavo aceitou a brincadeira e emendou:

— Pois se essa cambada toda que passou por aqui chegar por lá, passamos eles no laço.

Todos riram na volta do fogo, algumas gargalhadas até meio forçadas, da boca para fora, que ainda não tinham recuperado a tranqüilidade perdida diante do desfile. Nestor, eleito um dos coordenadores do grupo, estava preocupado com os efeitos da demonstração militar no espírito dos companheiros e procurou acalmar a tensão:

— O Exército não vai se meter com a gente. Eles têm vida tranqüila, no come-e-dorme, vão ficar à margem. Se vier a Polícia, aí sim, temos que ter cuidado.

— Mas é tudo da mesma coisa. A Brigada hoje está na mão do Exército — afirmou o mesmo Pedro, que tinha um irmão na força pública estadual.

— É, até o comandante da Brigada tem que ser indicado pelo ministro do Exército. O Estado só paga os salários — emendou alguém, um assessor da Federação da Agricultura.

— Pois te informa lá na Feagri — cortou Nestor — para ver se eles sabem explicar esse movimento todo dos milicos.

— Já liguei pra lá — explicou-se o outro — mas ninguém sabe de nada. Falam que mexeram com o 13.º Batalhão de Infantaria Motorizado, com a Primeira Companhia de Guardas, com o 3.º Regimento de Cavalaria de Guardas e o 12.º Regimento de Cavalaria Mecanizado, mais alguma coisa que veio de Caxias do Sul. E a Polícia do Exército está espalhada por toda a cidade, inclusive cuidando do trânsito.

— Muito estranho tudo isso.

— O mais estranho — acrescentou o assessor num tom conspiratório — é que todo o pessoal da Brigada Militar está recolhido aos seus quartéis. Não se vê um pé-de-porco na rua.

Cruzaram-se olhares cúmplices em discernimento, todos querendo dizer a mesma coisa, tem boi na linha. Ciscaram o chão por mais algum tempo, passando a cuia do mate e a cachaça de mão em mão e comeram a carne de ovelha velha com redobrada satisfação. Se alguma coisa estava acontecendo, raciocinavam, seria ótimo, pois pior do que estava não poderia ficar.

O estádio de futebol do Alarica F. C. estava tomado por trabalhadores das indústrias metalúrgicas e no palanque improvisado sobre a carroceria de uma camioneta, atrás de uma das goleiras, o secretário-geral da União da Greve Total (UGT), Osvaldo Brito, sujeito enorme, troncudo, mais conhecido como "O Bruto", se esgoelava no microfone:

— Os professores estão aderindo à greve, todas as escolas paralisarão suas atividades a partir da zero hora de hoje. Os funcionários públicos estaduais, com seus salários também atrasados há três meses, estão decidindo, agora, neste momento, em Assembléia Geral no Centro Administrativo do Estado, parar completamente — bradava, impondo sua voz potente até mesmo por cima dos alto-falantes, os amplificadores operando em máxima potência.

Milhares de operários acotovelavam-se pelo gramado, lotavam as arquibancadas circundantes e espalhavam-se pelas avenidas adjacentes ao estádio, numa concentração jamais vista desde a deflagração da greve, trinta dias atrás. Misturavam-se desempregados daquele setor e de outros, como o pessoal da construção civil, sem trabalho praticamente desde o início do ano, com os poucos operários remanescentes nas empresas ainda operando na região

apesar da alta ociosidade, dos custos financeiros e dos impostos. Todo o parque fabril metalúrgico estava parado agora, num movimento sem precedentes. Em torno de uma carrocinha de pão com lingüiça, Chico Bezerra, soldador das Indústrias Quetal, comentava lambendo os beiços com molho de cebolas:

— Eu até estava a fins de trabalhar mas o patrão mandou parar com tudo, juntou o pessoal e fez um discurso bacana, bacana mesmo, não foi? — indagou merecendo a aquiescência dos demais — Se ele que é rico, não güenta mais, eu é que vou segurar essa?

Ninguém estava agüentando, o país estava parando, tolhido pelas dívidas externas assumidas para realização de obras grandiosas, em outros Estados. São Pedro crescera com base na sua agricultura de exportação e com pequenas indústrias dependentes dos complexos fabris do centro do país. Eram produtoras de componentes utilizados pelas grandes montadoras, que ditavam preços, condições de pagamentos e cancelavam encomendas ao menor problema em suas linhas de montagem. Os empresários eram, então, forçados a demitir, endividar-se ainda mais para atender os custos trabalhistas, o crescente aumento das taxas de juros, impostos incidindo aleatoriamente sobre a produção. Gradualmente, iam dando com os burros n'água, entrando em concordata, pedindo falência, vendendo máquinas, desmobilizando o patrimônio acumulado durante anos de operações.

Osvaldão, esse o apelido carinhoso para "O Bruto", largava o verbo, nesse ínterim, um arrazoadado de chavões absorvidos pela classe dos dirigentes sindicais que costumavam misturar leituras filosóficas e cartilhas doutrinárias das mais diversas ideologias ao seu bel prazer. Para o povão iletrado, era demonstração cabal de suma sapiência:

— O sistema está podre — esbravejava ele e o serviço de som espalhava suas palavras pelos quatro cantos.— O imperialismo internacional corroeu nossa economia, a classe trabalhadora foi oprimida e marginalizada nesse processo que concentrou a renda nas mãos de uns poucos, lacaios das multinacionais, e levou para fora as riquezas nacionais. Trabalhamos, hoje, para os investidores estrangeiros que sugam o sangue do nosso povo. Mas o trabalhador unido jamais será vencido. Greve geral.

O coro retumbava logo com os refrões mais conhecidos. O povo unido jamais será vencido. Greve geral pela soberania nacional. Chico Bezerra notou um murmurinho poucos metros além e descon-

fiou que uma briga estava prestes a eclodir entre um mulato visivelmente embriagado, ainda trazia uma garrafa de cachaça na mão, e um garoto de cabelos crespos, cara de colono migrante da região de colonização italiana, as faces tomadas pelo tom purpúreo do ódio avolumando à cabeça. Procurou ao redor e não descobriu nenhum brigadiano. A camioneta que estava sempre estacionada ao lado do portão de entrada e os caminhões de transportes de tropas que ficavam no outro extremo da praça não haviam surgido naquele dia. Nas outras assembléias sempre estiveram presentes, acompanhando as manifestações à distância, controlando o tráfego na periferia, contendo rolos como este que agora estava prestes a estourar.

— Tá olhando o quê, seu gringo cara de bode? — desafiava o bêbado enrolando a língua e avançando com os ombros meio caídos, os olhos injetados de sangue.

O rapaz recuava com os punhos erguidos, aguardando a agressão, um vazio abrindo-se às suas costas pelas pessoas que afastavam-se ligeiras. Breve estaria encostado ao muro. Chico Bezerra xingou os santos no seu íntimo, abaixou-se para largar o pão com lingüiça, enrolado num pedaço de papel, sobre o cordão do calçamento, substituindo-o na mão por uma pequena pedra roliça que encontrou próximo ao pé direito.

— Merda — murmurou enquanto avançou com rapidez para o moreno que erguia a garrafa ameaçador. Chegou pelas costas e atingiu-o com um soco na nuca, a porrada mais forte que conseguia desferir com um pedaço de cascalho à guisa de soqueira. O cara desabou incontinenti e o jovem soltou um suspiro de alívio.

— Ajuda aqui — pediu para o outro, que auxiliou-o a remover o sujeito do meio da calçada para depositá-lo encostado à parede, a cabeça apoiada no muro, dormindo, roncando mesmo, com um bafaz capaz de derrubar uma mosca a menos de dois metros.

— Meu nome é Francisco mas todos me chamam de Chico — apresentou-se Bezerra estendendo a mão calejada.

— Todos me chamam Beto — retrucou o outro.

— De Alberto? — perguntou por perguntar.

— Não, meu nome na verdade é Florisberto Piccoli.

— Daqui dessa zona mesmo?

— Não, vim de Veranópolis para arranjar trabalho. Peguei no fim do verão, três dias antes de estourar a greve.

Soubera do boato. Diante da paralisação iminente, os patrões

estavam contratando mais alguns operários na tentativa de esvaziar o movimento. Mas até estes recentemente empregados estavam aderindo, sorriu diante da constatação. Beto, que adotara um tom manso e gentil diante do estranho que viera em sua ajuda, respondeu com outro sorriso.

Chico apontou para um caminhão que se colocava em movimento com vários trabalhadores na carroceria, único transporte existente na área desde a greve dos motoristas de ônibus, e propôs:

— Isso aqui vai se arrastar nisso aí mesmo. Vamos até a cidade, dar uma olhada no centro, talvez tenha uma passeata.

Pensava mais exatamente nas professorinhas que costumavam desfilar seus cartazes e cantar hinos defronte ao Palácio do Governador todos os fins de tarde. Sempre fora apaixonado por suas mestras, péssimo aluno mas dedicadíssimo em seus amores platônicos e olhares lânguidos para qualquer pedaço mais generoso de perna a sobressair-se de uma saia mais justa. Consultou o motorista sobre o destino e pulou para a traseira, estendendo a mão para o novo amigo, que o seguiu prazerosamente.

O centro da capital estava tomado por soldados do Exército com capacetes encimados por duas letras vermelhas, P e E, de modo que o camioneiro descarregou sua carga junto ao Parcão, a alguns quarteirões de distância. Os trabalhadores dispersaram-se em pequenos grupos tomando destinos diferentes e Beto e Chico embrenharam-se entre as árvores e procuraram um banco à sombra para fumar um cigarro.

— Que será que tá acontecendo? — questionava o mais jovem.

— Sei não. Mas não duvido que a própria Brigada esteja em greve — sugeriu o velho Bezerra, soldador experiente com mais de vinte anos de profissão, sempre juntando as pontas, o que exige alguma perspicácia.

Beto concordou com uma tragada funda. Analisavam a possibilidade e suas conseqüências quando um jipe verde surgido repentinamente entre a vegetação do parque estacionou ao seu lado e quatro soldados desceram encostando os fuzis no seu peito. Bezerra ficou de pé num salto, as duas mãos estendidas para o alto:

— Mas o quêquê isso, tchê?

— Quietos, deem aí, de costas, vamos — ordenou um dos militares.

Obedeceram e foram revistados. Depois o soldado que dera a ordem aproximou o cano da sua arma da cabeça de Chico e rosnou

entre dentes:

— Vamu acabá com tudo quié comunista safado.

O coronel Astrogildo Raguzzoni Winter estava um tanto deslocado no comando de um regimento de cavalaria em São Gabriel. Técnico em mísseis teleguiados, com curso de especialização nos Estados Unidos e Alemanha, sua última missão fora como designado na comissão mista para troca e desenvolvimento de tecnologia decorrente de um acordo assinado com a França. Com a promoção esperava um cargo num dos institutos de ciências bélicas ou num quartel-general onde seus conhecimentos pudessem ser utilizados. Estranhamente, numa dessas manobras comuns a qualquer carreira militar, seja para favorecer o sobrinho de um general ou político qualquer, seja porque topara com o veto de algum superior contrariado diante do seu nível de aplicação e estudos, acabou transferido para o corpo de tropa, para gerenciar uma unidade da arma de cavalaria dotada de uma série de equipamentos blindados, carros de transporte anfíbios, tanques leves de fabricação nacional e canhões sobre rodas.

Os cavalos, restavam alguns nas cavaleriças nos fundos do quartel, eram utilizados nos desfiles e no treinamento do pessoal, coisa relativamente fácil de fazer pois a grande maioria dos soldados era convocada na campanha, gente por demais acostumada ao

lombo de um animal. O duro era prepará-los para manejar o equipamento pesado. A instrução nos primeiros meses limitava-se quase exclusivamente a aperfeiçoar a precária alfabetização dos conscritos, base indispensável para avançar nos complexos manuais técnicos do armamento mais sofisticado.

Uma boa parte da tropa seria considerada inaproveitável, ficaria limpando cavalariças ou na troca de guardas, posição de sentido, fuzis ao ombro, revezando-se nas diversas guaritas do regimento. Poucos, raros mesmo, seriam utilizados nas guarnições dos tanques, apoiando os profissionais, oficiais subalternos responsáveis por cada veículo.

Para uma guerrinha interna, sufocar uma manifestação de trabalhadores ou perseguir grupos terroristas, a tropa até poderia render alguma coisa. Mas numa guerra de verdade, Winter tremia ao pensar no assunto, o desastre seria total. O fiasco dos argentinos diante dos ingleses nas Ilhas Malvinas estava nítido em sua lembrança e algumas vezes, verdadeiro pesadelo, sonhava que estava sendo atacado por forças de elite norte-americanas que acompanhara em treinamento nos seus cursos no exterior. Então, em seu sonho, o nono de São Gabriel era destruído completamente, os tanques retorcidos como baratas mortas, esmagados por um enorme coturno ianque. Acordava suado, a garganta ressequida, e permaneceria o resto do dia em completo mau humor, distribuindo ordens secas e cobrando eficiência de seus oficiais. O que lhe valera o apelido de coronel Rabugento, jamais proferido em sua presença.

Porque, de uma maneira geral, o coronel Winter era querido por seus subalternos. Seu porte marcial, olhos azuis, uma expressão um tanto americanóide, inclusive no sotaque ligeiramente carregado pela influência dos anos passados no exterior, provocavam respeito e admiração. Nascido numa cidade vizinha, Rosário, filho de um próspero fazendeiro da região, era muito requisitado socialmente e sua presença era motivo de orgulho para qualquer anfitrião.

Nos fins de semana, podia ser visto de botas e bombacha dirigindo sua própria camioneta rumo à estância paterna, onde costumava pescar ou caçar com amigos, políticos e empresários das cercanias. Dois filhos, um estava na faculdade de agronomia, na capital, o outro na Academia Militar, prestes a receber seu espadim. Dona Sílvia, sua mulher, também de uma família fronteiriça, herdeira de nada desprezível latifúndio, era uma matrona doméstica e

religiosa promotora de chás beneficentes e inocentes rodadas de canastra, sua irrefreável paixão.

Apesar da cidade abrigar outros regimentos, havia um batalhão de engenharia de combate, uma companhia de comunicações e um pelotão da polícia militar, quando alguém se referia ao “comandante” ninguém ignorava tratar-se de Winter, a personificação do exército nacional num município de pouco mais de sessenta mil habitantes. Poderia se considerar um homem realizado mas, fato escondido no mais recôndito escaninho de seu íntimo, tinha uma ambição. O coronel não queria um posto num quartel-general ou num estabelecimento tecnológico das Forças Armadas. Jamais confessara a outra pessoa, apenas a seu pai, o velho Almerico e sua mulher ouviam, uma ou outra vez, uma leve referência, colocada, assim, sem muita convicção. Mas ele o queria realmente, sua maior expectativa, desde os tempos de guri, desde o momento em que decidira seguir a carreira militar, seria o de comandar o 5.º Regimento de Cavalaria Blindada de Rosário, o quartel de sua cidade natal.

O Quinto era considerado, por aquela época, como o regimento modelo da arma, quicá de todo o Exército. Tanques pesados, os M41-B adquiridos dos americanos e remodelados, um canhão de 90 milímetros adaptado e um novo motor, mais potente, mais os carros leves de fabricação nacional, uma tropa adestrada por oficiais instrutores dos mais capazes, selecionados a dedo, faziam daquela unidade uma das mais fortes do país em poder de fogo, mobilidade, capacidade de ação em qualquer terreno e circunstância. Seu tempo em São Gabriel estava se esgotando, breve seria transferido, como rezam os regulamentos, de modo que Winter mexia seus pauzinhos para ganhar o posto ambicionado. Mas o fazia com muita discrição, amparado nos amigos que ocupavam postos no próprio ministério.

Com o comandante da região, general Eli Tatagiba, sabia que não poderia contar. Numa das últimas reuniões dos oficiais comandantes no QG, ousara criticar o equipamento que estava sendo fornecido para sua unidade:

— Eu não entendo — colocara Winter na ocasião — como é que um tanque Cascavel exportado pelo país conta com componentes superiores em qualidade aos entregues às unidades nacionais.

— O equipamento é basicamente o mesmo — atalhara o general num tom seco.

— Não, meu general — Winter esperava estar sendo elucidada-

tivo — os nossos não contam com os mecanismos eletrônicos que acionam a torre, de fabricação francesa. Temos que fazer os ajustes mecanicamente, ou seja, manualmente. Também não temos sensores de raio laser, intensificadores de luz noturna...

— O coronel também não quer ar condicionado nos tanques? — não havia nada de brincalhão no tom do general e ninguém esboçou o menor sorriso na sala.

— Eu só espero que nunca tenhamos que enfrentar um inimigo equipado com nossos tanques modelo exportação. Eles teriam uma vantagem de dois quilômetros sobre os nossos modelos “nacionais” — proferiu a última palavra com mordacidade ferina e o general chegou a engasgar, servindo-se do copo de água à sua frente.

A reunião foi encerrada bruscamente e Winter retirou-se sozinho. No hall, enquanto aguardava seu carro, o comandante do 29.º Batalhão de Infantaria Blindada, de Santa Maria, coronel Dércio Mitri, abordou-o com um leve toque nas costas com as pontas dos dedos da mão direita. Baixo, calvo, um bigodinho bisonho encimando os lábios salientes, falou com a máxima seriedade:

— Meu caro, vejo que o senhor ignora que o nosso general comandante da divisão passará em breve para a reserva e já tem um emprego assegurado na nossa fábrica nacional de tanques.

— Raios — Winter mordeu o lábio inferior com raiva — pelo jeito teremos que continuar recebendo o que nos mandarem sem reclamar.

— Dê-se por satisfeito se eles pelo menos estão andando bem. O Mendonça — Mitri referia-se ao comandante de outra unidade, de Santo Ângelo — recebeu uma leva de 28 tanques e um ano depois um deles capotou durante uma marcha. Capotagem assim no mais, sem ter porquê. Foram ver e descobriram que as engrenagens das rodas não resistiam ao peso e estavam gastas. Um exame nos demais veículos constatou que todos estavam à beira de sofrer o mesmo problema.

— Não foi um acidente, então?

— Lhufas — o outro encaminhou-se para a porta, onde um sargento abria a porta de um sedan negro — toda a guarnição foi paralisada por seis meses, retiraram as engrenagens de todos e devolveram à fábrica, para serem substituídas. Ele ficou dando instrução com os tanques apoiados em cima de tocos de madeira.

— Na Inglaterra, as guarnições de tanques treinam em equipamento simulador eletrônico. Aqui estaqueamos nossos tanques e

fingimos que estão funcionando.

— Com um pouco de imaginação, dá quase na mesma — despediu-se Mitri batendo uma continência de leve, um toque quase imperceptível no quepe com aba floreada.

PARTE SEGUNDA

"A revolução foi, apesar de tudo, uma admirável escola de patriotismo".

"A Revolução Farroupilha", Augusto Fragoso

No seu gabinete palaciano, Jatahy Sá Aerts, o governador, roía as unhas, nervoso, cercado por meia dúzia de auxiliares. Com o funcionalismo em greve, alguns secretários de Estado recolheram-se ao Palácio Negrinho do Pastoreio, solidários ao chefe do executivo. Seu genro e secretário particular, Adir Honscha, não podia faltar. Nestor, seu motorista, assumira as funções de garçom e servia um péssimo cafezinho. Comprara latas de café em pó para facilitar a tarefa. Tónico Maluz, amigo íntimo do governador, presidente de uma das maiores agências de propaganda do país, a Mepela Publicidade, não arredava pé do local, sempre pendurado aos telefones que ainda funcionavam:

— Diante deste fato novo — Maluz deixou escapar cada palavra isoladamente, medindo bem seus pensamentos — talvez fosse mais sensato recuar em algumas questões e aceitar uma negociação com o comando de greve.

— A orientação do governo federal é para mantermos a máxima intransigência — retrucou Jatahy com pouca convicção — mas talvez agora, com a situação agravando-se, adote-se outra alternativa. Também estou recomendando a negociação.

— O que diz o comandante regional do Exército? — indagou

Maluz estendendo o olhar morno em direção ao quartel-general.

— Acha que a coisa deve ser encarada como duas frentes distintas, uma trabalhista e outra militar.

— Mas é tudo a mesma coisa — rebateu o publicitário.

— Ele acredita que pode colocar a questão militar sob controle com uma boa parada de homens e armamentos.

— Se o seu desfile não der certo e a rebelião fardada se aliar à revolta civil, então será o caos — advertiu Maluz esfregando as pálpebras caídas na constante ressaca de uísques estrangeiros.

O governador mirou a parede ornamentada, ao centro uma grande tela do herói regional, em seu cavalo branco, a espada desembainhada, o poncho caindo sobre os ombros para dobrar-se ao vento nas costas, deixando o dólma azul com dragonas douradas à vista. Cento e cinquenta anos atrás ele levantara seus regimentos e comandara uma guerra que se alastrou por toda a província e além-fronteira por mais de dez anos.

— Hoje ele não teria vez — sentenciou Jatahy, apontando para o líder de antanho.

— Nunca se sabe — observou o outro.

— Não, com esses tanques todos, tropas treinadas, armamento moderno, o Exército resolve a parada em questão de dias com a ajuda da Aeronáutica.

— Talvez, se a coisa ficar estritamente no plano militar. Mas se a população acabar envolvida...

— O que podem fazer contra o potencial bélico do Exército? — duvidou o governador.

— Muita coisa. Os soldados não poderão sair por aí disparando contra todo mundo. Ações de guerrilhas, movimentos de tropas protegidas pela população podem surpreender. Os militares ficariam sitiados em seus quartéis.

— Bota-se alguns na cadeia, matam-se outros tantos e a rendição será inevitável — frisou o governador.

Maluz discordava. Algo no íntimo de seu ser acreditava no que seu raciocínio lógico certamente recusaria. Talvez um ascendente farrapo, talvez a reencarnação de um espírito rebelde de uma das muitas vidas que acreditava ter vivido. Maluz muitas vezes era tomado por esta concepção espiritualista da existência humana, cada homem apresentando-se como a soma das experiências anteriores, cada passagem pela terra agregando alguma coisa à sua bagagem existencial. Como um assessor do governador, um antigo clien-

te que sempre recorria aos serviços da sua empresa de propaganda como apoio às suas campanhas políticas, deveria esperar uma rápida solução para os impasses que estavam se avolumando em torno do palácio. O governador já não tinha praticamente mais nenhum poder. O funcionalismo entrara em greve, as indústrias paralisaram suas atividades, os transportes idem, a Brigada, o corpo auxiliar policial, recolhera-se aos seus quartéis. Apenas um batalhão, menos de trinta homens, permanecera aquartelado na sede do governo estadual, para garantia pessoal do governador. Insuficiente para conter a multidão de mais de duzentas mil pessoas acotovela-das na praça fronteira, estendendo-se como um rio humano pelas ruas circunvizinhas, a bradar palavras de ordem.

— Por quanto tempo teremos que aturar essa gente — o governador correu para fechar uma das janelas ainda entreaberta do gabinete, prontamente auxiliado pelo genro.

— Pode deixar — Honscha procurou ser gentil.

— Não adianta ficar por aqui — o governador deixou escapar o habitual tom nada polido com que costumava dirigir-se aos subalternos — melhor você sair por aí e ver como andam as coisas. Os deputados continuam reunidos na assembléia mas não conseguem nada.

— O comando grevista conseguiu isolar os políticos — lembrou o genro em seu terno escuro e gravata.

— Vai lá, descobre se já sabem sobre os militares, se existe alguma ligação entre estas coisas todas. Mas com cautela, heim. Ou acabas levando mais informações do que as que trazes depois — emendou Jatahy.

O genro escafedeu-se e deixou o palácio por uma das portas laterais, misturando-se à multidão para chegar ao Palácio Legislativo, no outro extremo da praça. O edifício fora transformado num amplo acampamento, os corredores tomados por manifestantes em seus sacos de dormir ou deitados sobre os cobertores ou palas de lã.

Com dificuldade, abrindo caminho entre os corpos estirados ao chão, tomando cuidado para não tropeçar nas pernas das pessoas, subiu um lance de escadas e dirigiu-se ao auditório onde os parlamentares estavam reunidos. A mesa diretora dos trabalhos estava tomada por representantes dos comitês grevistas e alguns poucos deputados ainda encontravam-se no salão, misturados aos trabalhadores, ouvindo os debates com atenção. A maioria retirara-se para seus redutos eleitorais, onde se sentia segura. Honscha

aproximou-se de Vinicius Colling, outrora combativo representante das esquerdas, que acompanhava a tudo acocorado no chão, numa das primeiras filas da platéia que lotava o auditório.

— O que está havendo, acabaram com a sessão permanente? — o genro acomodou-se ao seu lado, dando um encontrão num jovem o barbudo.

— Os trabalhadores tomaram conta e os representantes da burguesia deram no pé. Eles já não se contentam com promessas de melhores salários, garantia de emprego, cansaram de reivindicar.

— Quando aconteceu?

— No início da tarde, quando deram-se conta que a polícia militar deixou as ruas. O que está ocorrendo, entraram em greve também?

— Não, acho que fugiram de um confronto com a população, o que seria inevitável caso continuassem no patrulhamento — o genro procurou justificar.

Era óbvio, concluiu, que ignoravam ainda os novos acontecimentos. Estavam raciocinando em termos de trabalhadores contra o governo e os patrões, aguardando a reação da polícia e do Exército. Então, pensou Honscha, o rebuliço na fronteira era um ato isolado, não havia nenhuma conexão com o movimento sindical e seus atos de provocação, greves, tomada de prédios públicos, fábricas. Nesse caso, o grande general teria razão, cada frente seria atacada a seu tempo.

— Achas que há risco para o governador no palácio? — indagou de Colling, para certificar-se.

— Não, já discutiram aqui que não vale a pena tomar o palácio. Ficaram alguns guardas por lá mas não é só por isso. Seria inútil — o parlamentar esboçou um sorriso — tomar um governo que não existe mais, não governa mais nada. Seria apenas um gesto simbólico e não precisamos disso. O governador ficará por lá, até por que é o único interlocutor que resta para manutenção de um contato com o governo central. Ninguém espera que o grande general venha conversar conosco ou nos mande seu genro para ver como andam as coisas.

Honscha engasgou em seco, balançou a cabeça em concordância enquanto examinava a jovem morena que dirigia-se aos companheiros no plenário. Ela falava de coisas práticas, organização do refeitório, revezamento da segurança, enfim, cuidava de estruturar a ocupação do legislativo. Pouca atenção deu às palavras mas

notou que já a conhecia. Dentro das calças de brim, um enorme blusão de lã escondendo as curvas dos quadris, os cabelos soltos, confundia-se com outra manifestante qualquer. Mas era linda, dois grandes olhos castanhos e uma farta cabeleira negra emoldurando a beleza de mulher que sempre o atraía. Costumava encontrá-la em coquetéis, hotéis de luxo, em roupas da moda e deixando um imperceptível cheiro de perfume importado no ar. Ela chamava-se Maria. Sim, Maria, esposa de um rico empresário do setor siderúrgico, uma das famílias mais influentes da região. Coçou a orelha esquerda, um velho cacoete, e indagou de Colling:

— O que ela faz aqui?

— Representa os professores — explicou o outro sem se dar por achado.

O genro do governador abriu caminho para levantar-se e deixou o plenário, meio curvo, por alguns momentos apoiando-se mesmo nas mãos para não cair sobre alguém. Atravessou o torvelinho de manifestantes um tanto quanto confuso, deixando-se espremer para fora na tentativa de retornar ao palácio governamental. Droga, na sua cabeça a revolução dos farrapos acontecera há mais de cento e cinquenta anos, decorara breves parágrafos em seu livro de história. Começara em 1835 e terminara em 1845 com a rendição e um tratado honroso. Gostaria de saber mais sobre o assunto mas, infelizmente, deu um último olhar de relance para a mulher que falava no palanque parlamentar, nunca tivera uma professora tão linda.

No quinto andar do quartel-general da região, os generais estavam reunidos. Nenhum deles jamais participara de uma batalha. Galgaram os postos e acumularam medalhas no peito sem entrar num único combate. O supremo comandante, general do Exército Mário Madalena Magalhães, era oriundo dos quadros dos serviços secretos, pertencia a uma restrita elite castrense, denominada comunidade de informações, que dominava os processos de ascenso. Somente aqueles que se destacaram na luta contra a subversão atingiam o ápice e contava pontos o comportamento enérgico contra os apontados como inimigos internos, simpatizantes de regimes ideológicos de esquerda. “Madalena Arrependida”, apelido colocado pelos oficiais mais jovens, fora particularmente duro na sua carreira, chegando a constar de uma lista de reconhecidos torturadores divulgada pela Anistia Internacional. Fizera por merecer seu comando:

— As tropas deverão tomar posição esta madrugada. Pela manhã estará formado um cinturão de blindados que se estenderá do centro do Estado, por aqui e por ali — traçou com seu bastão de punho dourado duas linhas perpendiculares sobre o mapa aberto sobre a grande mesa de reuniões.

— Talvez não seja prudente abrir tanto o leque — recomendou o general de divisão Eli Tatagiba, chamado com urgência à Capital para participar do encontro.

— Eles ficarão onde estão, não teriam a ousadia de nos enfrentar, apesar da superioridade momentânea de homens e material — o comandante apertava com fúria o cabo do bastão, símbolo do comando regional.

— E a Aeronáutica, as bases estarão prontas para intervir? — indagou Tatagiba.

— Este é um problema do Exército — atalhou o graduado — não precisamos da Aeronáutica ou da Marinha para resolver esta parada. Afinal, são apenas alguns regimentos de uma brigada e a maioria dos oficiais e soldados dará para trás quando se derem conta da burrada que fizeram.

O oficial de informações do QG, coronel Almir Manta, aproveitou a deixa:

— Nossos agentes já estão por lá procurando manter contato com oficiais dos regimentos envolvidos. Mas como estão isolados no campo de treinamento...

— Como está a operação desmobilização? — perguntou Madalena, espichando o olho curioso para a pasta que o coronel colocara sobre a mesa, certamente com as fichas de todos os implicados, os alvos da operação.

— A infiltração está difícil, os quartéis estão de prontidão — informou o oficial da E-2.

— Vamos agir sem alarde. Eles nada comunicaram ao público, poderiam ter tomado uma das emissoras de rádio da região e divulgado manifestos, alastrado pelos quatro cantos suas intenções. Mas não o fizeram, o que é estranho — o comandante ficou-se pensativo, o queixo sobre a mão direita espalmada.

— Realmente, é uma demonstração de que tencionam negociar internamente — reconheceu Tatagiba.

— Portanto, nossa demonstração de força tem sentido. Espalhamos as tropas ao redor e aguardamos os acontecimentos. Eles não poderão ir a lugar nenhum mesmo.

A reunião prosseguiu com o detalhamento da marcha, providências para abastecimento, medidas de comunicação, mapeamento das posições. Os oficiais faziam anotações, discutiam detalhes técnicos, sem alongar-se por demais. As ordens estavam dadas, cada um deveria cumprir seu papel sem revelar nervosismo, o

que poderia ser notado e tomado como um comprometimento, ou colocar questões, cada dúvida podendo gerar desconfianças, demonstrar a ausência de segurança pessoal. Teoricamente, um oficial do exército deveria estar apto a enfrentar uma situação daquelas a cada momento da sua vida. Mas na realidade não estavam.

Tatagiba seguiu de carro, precedido de batedores, para assumir o comando dessa missão. Tudo estava acontecendo justamente na sua área, algo nada promissor para sua carreira.

— Merdas — deixou escapar enquanto examinava a paisagem.

Cruzou o Yguaí e dirigiu-se para o sul do Estado. Podia observar os campos ondulados, as Coxilhas, as grandes fazendas de criação de gado que estendiam-se até a fronteira. O Estado podia ser dividido por uma linha imaginária que cortaria duas realidades fundiárias. Ao norte, as pequenas propriedades onde se plantava o trigo, a soja, o sorgo, o milho, produção agrícola responsável por cerca de 80% do produto interno bruto estadual no setor. Ao sul, os latifúndios refletiam a colonização monárquica, mantendo terras na ociosidade, expulsando mão-de-obra para as cidades por falta de empregos, explorando a carne, gerando inflação. Ao norte poderia sobrevoar os lotes entrecortados dos lavoureiros, as cidades muito próximas umas das outras. No sul o horizonte abria-se pelos pampas desertos, as distâncias eram maiores, a população rarefeita, cada boi ocupando dois ou três hectares de boas terras.

Acima da linha imaginária, o paralelo 30, uma operação do gênero teria um desdobramento diferente, raciocinou Tatagiba. Seria impossível avançar horizontalmente sem passar por cima de plantações de batatas ou esbarrar numa casa de colono a cada cem metros. A população acabaria irremediavelmente envolvida e as conseqüências sociais seriam inevitáveis. Mas no sul a tática do general talvez desse certo, o confronto poderia ser tomado por um exercício e as partes resolveriam suas diferenças sem alardes. Com algumas transferências e passagens para a reserva dos maiores implicados, tudo ficaria resolvido. Imaginou que nas hostes inimigas também tenha passado raciocínio semelhante. Até aquele momento haviam se limitado a colocar as peças em jogo sem revelar o objetivo real. Onde se daria o confronto, haveria choque verdadeiro ou tudo se resolveria na mesa de negociações? O comandante apostava na última hipótese e jogava tudo na parada, visando intimidar.

Tatagiba sobrevoou as colunas que se deslocavam desde a ca-

pital e imaginou idêntico movimento pelas estradas que se internavam, desde o litoral, pela fronteira sulista. Conseguiu reunir muitas guarnições, blindados, artilharia pesada, numa concentração de forças orquestrada para tirar o máximo efeito da imponência e do garbo militar. Recostou a cabeça no espaldar da poltrona, sentindo os ouvidos zumbirem. Olhos semicerrados, abraçou as folhas de instruções que trazia sobre o colo. Daria certo, os rebeldes refletiriam e aquele gesto de loucura amanhã provocaria sonoras gargalhadas entre os oficiais na cantina. Sorriu com a idéia e desejou chegar logo para, mais rapidamente ainda, acabar com tudo.

Quando Honscha aproximava-se do corredor de acesso à porta de saída do legislativo, foi forçado a recuar por um torvelinho humano, uma verdadeira massa uniforme que adentrava trazendo à frente, carregado nos braços, um velho ensangüentado. Outro homem, mais jovem, era literalmente arrastado pelos companheiros, a testa sangrando e a camisa rasgada ao peito, embora ainda mantivesse os sentidos alertas. Mas o velhote, como um Cristo rumo ao monte Calvário, entrara em estado de coma e não conseguiu balbuciar um único gemido apesar do flagrante desconforto de ser conduzido daquela maneira.

Com tanta dificuldade para chegar onde chegara, Honscha refez todo o caminho de volta ao plenário. Agora, todo o ambiente fervilhava de estupor, todos estavam em pé, os punhos erguidos. O corpo do ferido foi depositado sobre uma mesa e seu companheiro estirado sobre a poltrona outrora ocupada por um deputado. Um jovem barbudo tomou o microfone para esbravejar:

— Começou o massacre, companheiros. O Exército agrediu estes dois grevistas que foram recolhidos no parcão neste estado.

Honscha, inadvertidamente, estancara na primeira fila, observando os dois homens e seus ferimentos. Maria, que examinava o operário deitado sobre a mesa, notou sua presença e lançou-se pa-

ra seu lado num impulso:

— O senhor é médico, não é mesmo? Venha examiná-los — pegou de sua mão e puxou-o para o lado enquanto uma jovem estudante apartava o orador improvisado:

— Estes homens precisam de um médico, não é hora de discursos, companheiro.

O barbudo vacilou e Maria aproveitou a deixa:

— Temos um aqui, ele vai vê-los.

Os olhares concentraram-se em Honscha, em seu terno brilhante e gravata, e todos deram-se conta de que não haviam notado ainda sua presença no recinto, apesar do traje inapropriado. Seria um deputado, um médico do legislativo que se deixara ficar no local quando todos os demais funcionários abandonaram o prédio tomado pelos manifestantes? O deputado Colling, que poderia esclarecer a origem da estranha personagem, ficou calado, entretanto, provavelmente julgando perigoso frisar tratar-se do genro e secretário particular do governador. Desconfiava, o que era verdade, que Honscha jamais chegara a exercer a medicina. Formara-se, com certeza, até mesmo realizara um curso de aperfeiçoamento no exterior, mas limitara-se a exercer cargos políticos, à sombra do sogro, desde o casamento com Helena, na ocasião, filha do secretário da Saúde. O genro fora guindado a uma diretoria daquela pasta e depois, com o sogro no governo, acompanhara-o ao palácio.

Diante dos pacientes, sentiu-se como um estagiário necessitando urgentemente do aconselhamento de um mestre. Mas não havia nenhum na sala, de modo que restava apenas improvisar. Tomou o pulso do velho, sentiu o batimento, acompanhou o minuteiro e notou que estava fraco mas ainda firme. Examinou a cabeça, onde os hematomas das pancadas eram evidentes e pôde constatar que os cortes eram superficiais. O nariz fora quebrado e sangrava muito, dando aquela impressão deformada ao rosto, moveu os braços, estavam bem, as pernas idem, mas sentiu um achatamento numa das costelas, do lado esquerdo, provavelmente o choque responsável pela respiração compassada, difícil. Voltou-se para o mais jovem que o observava abatido, o supercílio direito sangrando:

— O que aconteceu?

— Somos metalúrgicos, pegamos uma carona para o centro e descemos no parcão. Aí vieram os soldados e começaram a bater.

— Do Exército?

— Sim senhor, de verde, num jipe verde.

Retomou o ritual do exame com o jovem enquanto se informava de seus nomes. O velho chamava-se Chico Bezerra, o outro apenas Beto, foi o que conseguiu saber. Virou-se para Maria:

— É preciso levá-los para um local onde possa tratá-los. O velho está com uma costela deslocada, precisará de cuidados especiais.

— Para o Pronto Socorro não adianta, estão em greve — atalhou o barbudo.

Maria prontificou-se a levá-los ao seu apartamento, no outro extremo da praça, e tomou o microfone para colocar o público a par:

— Vamos levá-los para um local, aqui perto, para que o médico possa cuidar dos ferimentos da melhor maneira. Pediria que os companheiros abrissem passagem e ficassem em seus lugares, para não atrapalhar a remoção.

Apesar do aviso, não foi fácil cruzar com o ferido pela multidão, o que foi feito entre muitos empurrões e gritos. Na rua, já foi mais fácil caminhar entre os manifestantes concentrados na praça e alcançar o luxuoso prédio, na esquina, no outro extremo, onde Maria morava. Ela e Honscha conduziam Beto, que conseguia caminhar aos tropeços. O barbudo e mais dois jovens traziam o velho sem muito esforço.

Honscha lavou os ferimentos e desejou ter um aparelho de raio-X para cientificar-se da situação das costelas. Pelo toque, sentiu que não estava quebrada, apenas deslocada, de modo que retalhou um lençol e providenciou ataduras para enfaixá-lo. Com algodão, mercúrio e bandagens improvisou curativos nos ferimentos na cabeça que raspou, nas partes mais afetadas, com uma gilete de barbear. Já sem muita pressa, tratou do jovem que Maria ajudara a lavar, estancando o sangue da testa com uma toalha. Da ampla sala do apartamento luxuoso, decerto presente do marido, Maria podia acompanhar o movimento das massas na praça, o palácio do governo com as portas gradeadas fechadas e o legislativo, onde bandeiras vermelhas tremulavam nas janelas envidraçadas.

— Bonito apartamento — Honscha deixou-se cair numa poltrona estofada, branca como a neve, e estirou os pés sobre uma mesa com tampo de vidro coberta por pequenas peças em cerâmica, madeira e bronze. — Pretende deixá-los aqui?

— Sim, por que não? — respondeu Maria no mesmo tom de desafio.

— Seu marido... — começou ele mas não pôde prosseguir.

— Pedi o divórcio, isto aqui é só meu.

— Bom, preciso ir — bateu com as mãos nas duas coxas e corrigiu o nó da gravata, ligeiramente entreaberto durante o trabalho.

— Desculpe tê-lo envolvido. Precisamos tomar algumas providências, convocar os médicos e estudantes de medicina em greve e montar um ambulatório para casos do gênero.

— Seria bom. Ninguém sabe por quanto tempo esta situação vai se manter desse jeito.

— Eles podem ficar sozinhos?

— Sim, Beto poderá cuidar do velho. Ele precisa apenas de repouso.

— Obrigado, doutor — ela estendeu a mão e ele a tomou entre as suas levantando-se.

Agora, com aqueles grandes olhos negros muito próximos, Honscha pôde mergulhar em seu perfume real, a mistura dos produtos químicos com a natureza do seu corpo de mulher. Ela o fitou atentamente, mediu seu perfil elegante e refletiu ligeiramente sobre o conceito de bunda-molice que sempre associara ao genro do governador. Toda a vida o tivera como um sujeito assim, meio oportunista, sem lá muito caráter e projetos próprios. Agora, semblante cansado e preocupado, uma expressão meio enxovalhada contrastando com o terno sob medida, causava outra impressão, pensou ela notando os primeiros fios de cabelos brancos nas têmporas e pequenas rugas junto aos olhos claros.

— Não tem de quê — ele mantinha sua mão presa — voltarei para vê-los assim que me desvencilhar daquele rolo lá no palácio.

Ela retraiu a mão e tomou-o pelo braço, conduzindo-o à porta. Tinha vontade de perguntar muitas coisas, das perspectivas do ponto de vista do governador, dos entendimentos com o governo federal, do recolhimento da força pública aos quartéis. Mas julgou que não seria oportuno, não seria conveniente rebaixar-se ao papel de espião. Até porque, tendo-o ali tão próximo e solícito, não conseguia confundir-lo com um inimigo. Ela mesma, em outras circunstâncias, freqüentara as classes dominantes, os palácios, gozara da intimidade de governantes e suas esposas. Compreendia o fato de Honscha permanecer ao lado do governador, seria demais esperar que ele também entrasse em greve.

— Vou ao palácio — disse ele, sondando a reação no fundo dos seus olhos. Encontrou compreensão, apenas.

— Está decidido que a sede do governo não será invadida, não nos interessa expulsar o governador — assegurou Maria.

— Ele ainda é o melhor interlocutor junto ao governo federal. Fique certa de que está esforçando-se para solucionar os problemas do Estado — arrependeu-se pelo formalismo mas era tarde demais, vício de tantos anos.

— O que não conseguimos por bem, acabaremos conquistando na marra — ela soltou o seu braço e estendeu a mão em despedida para um aperto rápido e forte.

No elevador, ele sentiu vestígios de seu perfume impregnando sua própria mão e lamentou o desfecho do encontro. Ela se refugiara em suas palavras de ordem e aquele relance de hostilidade na voz parecia ter quebrado o encanto de tudo o mais. O movimento reivindicatório poderia evoluir tragicamente, pressentiu ao recordar os dois feridos, o que seria lamentável, conjecturou. Afinal, de que lado ficaria se o governador resolvesse apoiar os atos de força do Exército contra os grevistas? Absorto em seus pensamentos, retornou ao palácio.

O comandante Winter estava com os nervos à flor da pele. Sentava em seu gabinete, colocava os pés sobre a mesa e tamborilava os dedos no espaldar da cadeira visivelmente impaciente. A cabeça pesava, a pulsação estava acelerada e ele culpava-se por tudo. Em breve sairia general, o curso de Estado Maior fora brilhantemente concluído, os filhos estavam criados, sua situação financeira era invejável, ainda mais se considerasse as heranças a receber tanto do lado paterno quanto da família da esposa, enfim, suas preocupações não tinham sentido. Quando chegava a tal conclusão batia com a palma da mão no tampo de vidro da enorme escrivaninha do seu gabinete. Mas logo outros enunciados invertiam seu raciocínio. A transferência para Marabá, no norte do país, quase que em plena selva, tinha a evidente intenção de forçar sua imediata passagem para a reserva. Era uma manobra clara de seus desafetos no quartel-general para forçá-lo a pedir sua aposentadoria prematura. Já tinha tempo de serviço para tanto.

— Jamais — deixava escapar entre os dentes.

Fora avisado da manobra por um amigo lotado no ministério. A indicação subiria para a próxima reunião do comando das Forças Armadas. O que mais o irritava, porém, fora a informação de que o lugar que ambicionava estava comprometido. Winter queria ficar

num município vizinho, em Santiago, onde vagara o cargo de chefe do Estado Maior da Brigada. Mas um coronel recentemente promovido seria designado. Tratava-se de um oficial da chamada comunidade de informações. Quando capitão envolvera-se num incidente tristemente famoso. Explodira uma bomba no colo do sargento que conduzia em seu carro esporte e ninguém acreditou tratar-se de um atentado.

— Mandam logo esse terrorista fracassado para cá — esbravejava o contrariado Winter.

Apanhou o telefone e pediu uma ligação para o coronel Mitri. Todas as conversações deveriam passar pela mesa e Winter desconfiava de que a Segunda Secção, setor de informações, controlava as chamadas. Deveria ser comedido em seus comentários, portanto.

— Alô, Mitri.

— Como estás, Winter? O que é que o comandante manda?

— Soubestes das novidades?

— É, o mar não está prá peixe.

— Podes passar na fazenda, este fim de semana? Precisamos conversar.

— Por que não tiras uns dias de licença e vais até o Distrito Federal? As conversações seriam mais produtivas.

— Teria que obter a autorização do Tatagiba.

— Nada disso. Ele está na capital da província. Avisa o comandante da Brigada e cai na estrada. Por aqui não consegues nada, não te parece?

Um conselho proverbial, aquele baixinho com cara de rato de Cinderela sabia das coisas, Winter nunca menosprezava sua inteligência. Sempre rompera o cordão de isolamento que os colegas da academia militar montaram em torno daquele cadete de pequeno porte e feições nada bonitas, o último na fila da formatura para as paradas matinais. Apreciava a seriedade de suas colocações, a objetividade com que encarava os problemas mais comezinhos. Agora, mais uma vez, entrava a fundo na questão sem precisar de mais de dois minutos.

Tinha razão. Os amigos não estavam na região, circulavam no ministério. Companheiros de curso no exterior, em postos em outras regiões do país que poderiam, agora, à margem das divergências bairristas, ajudá-lo a contornar a situação. Despediu-se e pediu nova ligação de imediato. Entrou em contato com o general Ote-

ro Borges Alves, comandante da área, e pediu alguns dias de licença para ausentar-se da região alegando questões pessoais e familiares que não explicitou propositadamente.

— Bem, coronel, se o senhor estiver de volta na segunda-feira, não tem problema — concordou o superior.

Combinaram que ele passaria um rádio ainda naquela manhã e receberia a autorização formal à tarde. Winter deixou seu gabinete e dirigiu-se ao departamento de comunicações. Somente um sargento estava na escuta, o oficial responsável fora até à cantina.

— Vou mandar chamar o tenente — prontificou o subalterno.

— Não é preciso. Me dá o livro de códigos — ordenou sentando-se numa mesa.

Ele mesmo folheou o manual e preparou a mensagem. Mandou passá-la imediatamente.

— Quando vier a resposta quero que me seja entregue tão logo chegue, sem decodificação — frisou com firmeza.

— Sim senhor, informarei o tenente.

Por via das dúvidas, Winter saiu com o manual de códigos na mão. Havia outro exemplar no seu cofre e só, o regulamento impedia outras cópias. O sargento notou:

— O livro, coronel?

— Devolvo quando a mensagem chegar — disse e saiu.

Pediu seu carro e foi para casa. A mulher foi instruída a tomar as providências necessárias. Arrumar as malas, comprar e marcar passagens, preparar-se para viajar ainda naquela tarde. Na primeira hora da tarde, chamou o sub-comandante em seu gabinete, tão logo chegou ao quartel:

— O senhor assumirá o comando na minha ausência. Vou ficar fora até segunda-feira.

— Sim, senhor. Algum problema, coronel?

— Não, nada, questões pessoais, de família. Negócios a serem acertados, só isso.

— Sim senhor — o outro bateu continência e saiu enquanto o tenente de comunicações entrava na sala com um papel.

Winter conferiu no livro. Estava com a autorização para viajar nas mãos. Devolveu o manual ao tenente e ordenou.

— Chame o sub-comandante e reúna todos os oficiais imediatamente.

— Sim, senhor. — o tenente bateu os calcanhares e debandou aceleradamente.

Em meia hora, Winter transferiu seu comando, fez uma breve preleção aos oficiais recomendando a continuidade das instruções, chamou o motorista e deixou a unidade. Trocou de roupa, apanhou a mulher e as malas e seguiu para o aeroporto, onde um táxi aéreo o esperava. Em hora e meia chegou à capital do Estado e teve que aguardar apenas quarenta e cinco minutos no aeroporto para embarcar no primeiro vôo comercial para a capital federal. As reservas já haviam sido feitas por Dona Sílvia.

— Não estás sendo um pouco precipitado, querido — ela deixou para fazer a observação já a bordo, quando não corria mais o risco de perder o passeio.

— Terás tempo para reencontrar velhas amigas e organizar boas rodadas de canastra — retrucou ele, com um toque amigável de humor.

— Se o Cavalcanti ainda estiver no ministério vou à forra com a Conceição.

Conceição, esposa do general Alvaro Cavalcanti, era uma exímia jogadora e vencera Dona Sílvia com relativa facilidade na última vez em que se enfrentaram, em Washington.

— Por que o Cavalcanti subiu tão rápido enquanto a gente vegeta lá na campanha? — ela o atçou, provocante, mas não encontrou reação.

— O nordeste agora está por cima também no Exército.

— Eles não se contentam com a Marinha.

— Pegam o que podem.

— O problema é que a gauchada esteve muito tempo no poder e em vez de tirar proveito da situação, não — ela suspirou e sussurrou asperamente — acabaram divididos, cada um para seu lado, cuidando de si e da sua panelinha particular.

— Nós ficamos muito tempo fora, não fechamos com nenhum grupelho.

— Foi melhor assim. Acabarias atritado com essa gente. Os que subiram fizeram de tudo, prenderam, mataram, torturaram, coisas ainda piores. Não terias estômago para tanto.

— Mas os tempos mudaram.

— É, mas eles continuam por cima, principalmente no Exército. — sentenciou ela, satisfeita com a conclusão da conversa.

Enquanto Sílvia mergulhava numa revista de bordo, Winter recostou a poltrona e fingiu dormir. No fundo, porém, ruminava os pensamentos e duvidava do acerto da sua decisão. Provavelmente,

nada conseguiria na capital e acabaria ridicularizado. Sempre poderia, essa era a alternativa natural, pedir para passar para a reserva e vestir seu brilhante pijama de seda.

Enrodilhado em seu poncho, sorvendo o chimarrão para esquentar a alma na noite fria, Olavo cismava em enganar o sono no acampamento dos colonos na beira da estrada. Varava a madrugada em claro, acocorado na beira do fogo, a garrafa térmica entre as pernas com a água quente para o mate e os dedos enregelados apertando o porongo com a erva. Fungava na bomba de prata, herança do avô caudilho, com os olhos negros faiscando na dança dos vagalumes em redor, as idéias se atropelando na cabeça. O governo não só batera pé na questão de preço do arroz como agora, para maior despeito dos agricultores, proibia a exportação da soja e decretava o confisco do milho.

Com a inflação na casa dos vinte e cinco por cento ao mês, a economia estava uma barafunda danada e Olavo se confessava perdido nas contas da vida. Nos seus tempos de escola, aprendia-se a somar, diminuir, multiplicar e dividir, mas, agora, era preciso entender de progressão aritmética para acompanhar a evolução das despesas e calcular por quanto andaria seu prejuízo caso aceitasse entregar cada saco pelo valor estipulado na tabela oficial. Uma coisa ele tinha como certa, o dinheiro não daria para plantar a próxima safra.

Pedro Conceição, envolto em seu cobertor, aproximou-se do fogo. Dá-lhe um mate. O outro sorve devagar, o farto bigode escondendo os lábios ressequidos pelo frio. Olavo observou o companheiro de antigas caçadas, quando ainda era possível subir a Serra de Herval para abater veados e arrancar tatus de suas covas pelo rabo. Era como se observasse num espelho. Nele, também surgiam os primeiros fios brancos no bigodão e o cabelo começara a rarear no alto da testa, as entradas proeminentes emprestando um ar de maturidade aos rostos lisos e tostados ao sol.

— Passei o dia cismando com isto tudo — começou Conceição — e acho que está acontecendo alguma coisa que foge ao nosso entendimento.

— Tá tudo numa bagunça danada. É greve prá tudo que é lado. O rádio só toca música — balançou o aparelho mudo junto ao ouvido esquerdo, provocando um leve zumbido com a antena estendida ao máximo — e os jornais trazem sempre as mesmas notícias de negociações, propostas e contrapropostas.

— Gostaria de pegar a camioneta e dar um pulo até a capital. Telefonar para casa. Não queres vir comigo.

— Pois olha, pode ser meio perigoso sair assim, na noite — disse levantando-se para espreguiçar o corpo, os braços abertos para o ar — mas eu vou, já tou de saco cheio de esperar por aqui.

Com um pontapé jogou areia sobre a fogueira e foi acomodar os trastes dentro da barraca. Deixou a cuia, o pacote com um resto de erva e passou a mão numa bolsa para encher a guaiaca com mais munição. Colocou o revólver no coldre e fechou o cinturão sob o pala. A boina negra enterrada na cabeça, esticou o passo para o veículo onde Conceição aguardava com o motor ligado. Alguém perguntou algo, uma voz no meio da penumbra.

— Já voltamos — respondeu Conceição, arrancando para o asfalto.

Desde a passagem da frota militar, o bloqueio fora relaxado. Nenhum caminhão de transporte de cereais ousaria passar, mesmo. Cruzaram as pontes sobre o rio e entraram na cidade deserta. Nenhum táxi varando a madrugada. Nenhum casal enamorado engalfinhado atrás da direção entre a boate e o motel mais próximo. Na altura da rodoviária, uma barreira do Exército, Olavo identificou as letras vermelhas sobre o capacete verde e recomendou:

— Vamos por baixo.

Conceição cantou os pneus na curva forçada no entroncamen-

to do viaduto e voltaram no sentido das pontes. Um pouco antes, quebraram por um terreno desocupado e ganharam uma das ruas da parte mais antiga da cidade, as vielas dos prostíbulos, das lojinhas dos turcos, dos bares das meias-taças com pão e manteiga. Num esquina, um puta. Loira, uma minissaia curta sobre meias coloridas de lã grossa, um amplo cachecol vermelho envolvendo o pescoço e caindo quase aos pés.

— Péra aí — recomendou Olavo.

— Não é hora pr'essas coisas — o outro fechou o semblante com nojo.

— Vamos só bater um papo. Essas pintas sabem de coisas.

— Sabem sim, sabem de tudo — Conceição sorriu e encostou no meio-fio.

Notaram logo tratar-se de um travesti mas Olavo abriu seu sorriso sedutor, aquele que deixava Dona Maria, do boteco do português, com as pernas trêmulas, pois lembrava um cantor de fados de seu vilarejo além-mar. A bichona debruçou-se sobre seu ombro.

— O que vai ser, queridos?

— Ainda está dando para fazer a noite?

— Podemos ir logo ali, descolo companhia para teu amiguinho.

— Olha, a gente só quer bater um papo, sacar como estão as coisas por aqui.

— A polícia está em greve, tudo limpeza — atalhou o veado, acariciando a ponta dos dedos e examinando desconfiado os trajés da dupla.

— Estamos no acampamento dos arroseiros — justificou Conceição, desligando o motor.

— Então vamos lá — propôs o travesti.

— Tem uma coisa, a gente paga um trago, até te dá uma grana. Mas só queremos conversar — propôs Olavo.

— Tá bom — concordou com um muxoxo e piscar de olho malicioso — Lá dentro a gente vê. Vamos entrar que eu tou morta de frio.

Eles a seguiram até a porta carcomida de um prédio condenado e subiram por uma estreita escada para um quarto do andar superior. Uma porta envidraçada abria para uma escada e a bicha correu para fechá-la. O cheiro de mofo e podridão impregnava o soalho esburacado e as paredes com vários tons de pinturas descascadas, de um rosa berrante mais recente a um verde escuro de outras briscas.

— Sentem que vou chamar a Martinha. Mora aqui no fundo do

corredor. Fiquem à vontade — propôs o boneco.

Olavo o reteve pelo braço.

— Não precisa não, só queremos conversar.

— Eu não presto pr'essas coisas — advertiu a bichona, o rosto repentinamente contraído.

Conceição buscou uma nota de cinqüenta no fundo do bolso da bombacha e estendeu para o travesti mas ela afastou a mão deixando transparecer uma ponta de medo na voz.

— Eu não entro em suruba, já me estrepei uma vez e não vou noutra — recuou um passo para a porta.

— Mas só queremos conversar — Conceição sentiu-se meio ridículo, com o dinheiro na mão e cortou para Olavo — Vamos s'imbo-ra, essa bicha sabe menos ainda do que nós.

— Não convém andar por aí, à noite, do jeito que a coisa anda — a boneca adotou um tom desevolto, apanhou a grana e sentou na beira da cama, cruzando as pernas — o que é que querem saber, afinal?

— Posso? — Olavo apanhou a garrafa de cachaça sobre a mesa e serviu um copo pela metade, tomando tudo de um talagaço. Depois serviu Conceição.

— À vontade, mas depois não fiquem tendo idéias. O álcool desinibe — observou o travesti com ironia.

Conceição ficou pela metade do gole e engasgou. Aquele moleque estava irritando-o. Era jovem, muito jovem, menos de dezoito anos, certamente. Talvez quinze, dezesseis. O corpo esguio, o rosto ovalado e os grandes olhos negros, encimado por cílios postiços, emprestavam-lhe a real aparência de uma garota bonita. A voz o traía, a voz e uma certa postura meio desafiante, a maneira de jogar os ombros para trás e levantar o queixo interrogativo.

— O que vocês querem afinal?

— Em Herval, tu farias o maior sucesso — brincou Olavo.

— Deus me livre, os brutos não fazem meu gênero.

— Ele gosta de carinho — Conceição derrubou a bebida pela garganta seca — Vamos ao que interessa?

— Os brigadianos sumiram, os milicos tomaram conta das ruas. O que aconteceu?

— Como vou saber?

— Ora, todo veado que se preza tem um pé-de-porco em sua vida — Olavo falou macio, com malícia.

— Se ele te ouve falar pé-de-porco te capa — o garoto livrou-se

do cachecol e estirou-se sobre os lençóis sujos da cama, apoiando-se sobre os cotovelos — Está dando algum rolo entre os milicos e os brigadianos resolveram ficar de fora.

— Como assim? — Olavo foi sentar-se ao pé da cama — Quem é teu amigo?

— Ele é sargento. A Brigada é polícia estadual. O Exército é quem manda neles, quem escolhe o comandante e tudo o mais. Mas eles recebem pelo Estado, não são federais. Há uma briga entre os federais e eles resolveram não tomar posição. O Augusto, é este o nome dele, disse que a ordem é para ficar nos quartéis até os verdinhos resolverem a parada. Tudo começou ontem pela manhã, creio. Ele me ligou e eu vim me virar — disse alisando a nota que recebera.

— Os milicos estão brigando? Mas onde? Não aqui no sul? Se ouviu algum tiroteio na capital hoje, por estes dias? — Conceição interrogava preocupado.

O garoto sacudiu os ombros e retirou a peruca, deixando a cabeleira negra cair pelo rosto. Aproximou-se de uma bacia com água e começou a tirar a pintura. Permanecia com as faces rosadas, contudo, e um leve carmim nos lábios.

— Aqui na cidade tudo bem. Parece que é no interior, lá pela fronteira. O Guto chegou a falar que não ia se meter no pampa gelado para lutar contra tropas mais bem armadas. Não é que os brigadianos tenham medo — o jovem abriu os braços buscando compreensão — mas não dá para lutar de fuzil contra tanque, não é mesmo?

PARTE TERCEIRA

"A palavra farroupilha foi empregada pela primeira vez designando revolucionários no ano de 1700, no Rio de Janeiro, conforme se verifica das atas da Câmara Municipal da Cidade de Estácio de Sá".

"Epopéia Farroupilha". Walter Spalding

Na origem do medo, a tensão, a ansiedade. Não, na origem do medo está o vazio, o nada. Do nada se fez o mundo, por terror ao não-ser, por um impulso psicótico, suicida, temor a uma existência apática, nula. Quem faz não teme seja o que for. Sempre será opção melhor do que mergulhar no poço sem fundo de um pesadelo soturno, daqueles em que se desperta no meio da madrugada gritando por socorro, agarrado ao travesseiro, numa cama de solteiro de um quarto deserto. Este o medo que provoca tensas expectativas em vidas ansiosas e doentias. Quem está na luta vai em frente, perde qualquer vestígio de covardia.

Maria se sentia melhor como professora grevista do que como bem-sucedida dona-de-casa do ex-marido empresário. Venderia o apartamento, estava decidido. Com seu salário não agüentava o condomínio de um edifício de alta classe. Alugaria outro, mais modesto, e aplicaria o dinheiro. Talvez numa viagem, pensou, quando tudo tivesse acabado. Referia-se à greve. O casamento já era há muito tempo.

Tudo complicava-se, porém. O governador não negociava. O Estado falira, a receita alcançava a metade das despesas orçamentadas. As obras estavam paralisadas, o pagamento do funcionalis-

mo atrasado. Conseguira nomeação para nada, não chegara a receber o primeiro salário e o magistério promovera uma assembléia atrás da outra, reuniões nas delegacias de ensino, nas escolas, passeatas. Não completara um semestre de aulas, enfim. De oitenta professoras na sua unidade, apenas quatro furaram a greve. Ela aderira e não se arrependia.

Maria, a agitadora. Faixa no braço, uma tira de papelão presa com alfinetes, com sua divisa. “Parar para não parar”, escrevera em lápis de cera vermelho. Era seu dístico, um lema, poderia estar em latim sob um escudo de armas. Seu braço teria uma espada e um dragão dourado com as asas abertas, botando fogo pela boca.

As pernas apertadas nas calças de brim, o blusão de lã verde solto sobre o corpo, escondendo as curvas acentuadas dos quadris, Maria cruzava a praça em direção ao legislativo quando o burburinho na esquina da Rua da Ladeira chamou sua atenção. A massa formava alas, braço cruzado no braço do companheiro, estendendo barreiras humanas de uma ponta a outra da rua, fechando a menor opção de passagem nas calçadas, aqueles colocados nos extremos roçando as paredes dos prédios de cada lado. As filas lançavam-se em todos os sentidos, bloqueando a Ladeira e a Riachuelo em ambas as direções, os manifestantes deslocando-se da Praça da Matriz para engrossar fileiras no front da batalha iminente.

Maria correu para a convergência das ruas na esquina da Biblioteca Pública e pôde avaliar a situação. Tropas do Exército, fuzis com baionetas caladas, escudos de vidro blindado, capacetes com protetores, longos cacetetes de madeira, haviam formado em prontidão, prestes a avançar sobre a multidão, no extremo de cada rua a desembocar na praça central. Rádios na mão, os oficiais aguardavam a ordem para o avanço coordenado. Mas os grevistas anteciparam-se, cerraram suas próprias formações e avançaram em direção aos militares.

A primeira reação dos oficiais foi de surpresa diante do bloco uniforme e vociferante a avançar contra suas tropas. Maria estancou, atônita, a cabeça fervendo, a antevisão das armas disparando, do sangue jorrando nas cabeças atingidas pelas cacetadas, paralisou suas pernas. Mas os manifestantes continuavam a passar por ela, passo acelerado, os braços rapidamente cingindo-se para juntarem os corpos uns nos outros e marcharem numa cadência única, em uníssono refrão entoado num ritmo firme.

— Povo unido jamais será vencido.

Em questão de minutos, o povo alcançou os soldados que se protegeram atrás dos escudos. Os fuzis dos dispostos na segunda fileira eram seguros firmes, à frente de cada jovem convocado, praticamente encostando, através da brecha dos vidros blindados, nos peitos de cada popular, um trabalhador metalúrgico, uma avó professora, um funcionário público de gravata entreaberta. Os militares tremiam, os manifestantes repetiam suas palavras de ordem e forçavam, milímetro a milímetro, uma passagem pela formação verde-oliva. Alguns oficiais procuravam tomar o controle da situação:

— Homens, firmes. Preparar para atirar.

Maria sentiu as coxas trêmulas umedecerem-se com a urina morna. Não conseguia arredar pé em nenhuma direção mas agora a massa forma-se praticamente compacta, cerca de cem metros de populares concentrados em cada frente, entupindo as ruas até os soldados. Esperou o pior. Na ladeira, aproveitando o impulso natural do terreno, o povão empurrou os milicos, lenta mas firmemente, até a esquina da rua da Praia, onde a coluna militar dispersou-se. Restavam duas frentes. A reação foi simultânea, porém. A uma ordem de seus oficiais, os soldados abandonaram suas posições e debandaram em retirada.

Os manifestantes não os seguiram, contudo. Em coro, todos começaram a cantar o hino nacional. Maria retornou para o centro da praça, onde muitos, milhares, aguardavam o desenrolar dos acontecimentos e ouviram as primeiras estrofes como um sinal de vitória.

— O que aconteceu? — indagou uma velhota.

— Os soldados foram embora — retrucou um negrinho de uns dez anos que corria em sentido contrário, levando a notícia para os acantonados no legislativo.

Ninguém parecia aperceber-se de seu vexame e Maria pôde voltar ao seu apartamento, para trocar de roupa. Cruzou por Beto, que da janela da sala tentava adivinhar a razão da súbita movimentação na praça, e fechou-se em seu quarto para não dar explicações para o operário. Com expressão não menos confusa, Bezerra acompanhou sua rápida travessia pela peça. Estirado num sofá, um pano úmido encobrendo a testa, o velho metalúrgico comentou perplexo:

— Ala pucha, não se tem mais tempo nem para as necessidades.

— Parece que a coisa acalmou. Estão cantando lá embaixo —

irradiou Beto desde a janela.

— Abandonaram a praça?

— Muitos saíram em direção à Ladeira mas a maioria ainda está por aqui, cerca de dois terços. Olha lá, agora os outros estão voltando, braços dados, cantando a plenos pulmões — entreabriu as vidraças para escutar mais claramente os versos.

— Falta do que fazer, devem andar marchando pelo centro.

Maria estava pronta em questão de minutos. Substituiu uma calça por outra semelhante e voltou a transitar rapidamente pela sala, rumo à porta. Lançou apenas um breve tchau e Beto teve dificuldades para retê-la com uma pergunta:

— O que foi que houve?

— Nada não, está tudo bem. Fiquem tranqüilos, tem alguma coisa para se comer na geladeira.

— Mas aquele rebuliço lá embaixo?

— Pintaram alguns soldados, uma tentativa de cercar a praça, eu acho. Mas já foram embora — lançou um adeusinho procurando esconder seu nervosismo e deixou o local batendo a porta atrás de si.

— Então foi isso?

— O quê? — o velho indagou curioso.

— O povão foi em direção aos soldados. Os milicos recuaram e eles voltaram cantando para a praça — a janela não proporcionava um ângulo de visão muito amplo. Beto podia apenas acompanhar o movimento em frente ao palácio, onde os manifestantes voltaram a concentrar-se mais compactamente após o incidente.

— O que é que eles berram agora?

— Chamam pelo governador. As portas e janelas do palácio estão fechadas. Tem brigadianos lá dentro mas eles não aparecem.

— Não devem ser muitos — sugeriu Bezerra.

— Estão forçando um dos portões laterais, pulando sobre ele, já estão vários dentro do pátio do palácio — narrou o jovem metalúrgico.

— Se botaram a milicada a correr, ninguém mais segura este povão — assegurou o velho.

— Estão quebrando vidros, subindo uns pelos ombros dos outros. Vão tomar mesmo o governo.

— Já não era sem tempo — sentenciou Bezerra.

Winter acordou no meio da noite e constatou, surpreso, que fora fácil demais. Bastou um jantar com o general Cavalcanti e uma conversa discreta num canto da sala enquanto as mulheres arrumavam a mesa para o carteadado. A presença do general José Souza Neto, do Estado Maior do ministro, previamente arranjada pelo amigo, possibilitou o encaminhamento imediato da solução. Durante duas horas, acomodados em confortáveis poltronas, entre samambaias e ramas dispostas próximas à grande janela para o gramado do Planalto, no outro extremo vislumbravam-se as abóbodas do Congresso Nacional, trocaram informações e o coronel defendeu seus pontos de vista sem meias palavras.

— Estão me aprontando — reclamou.

Ouviu os argumentos de sempre. Nada disso, era simplesmente muito complicado encaminhar as promoções e transferências num momento político delicado para o país. Era o que dizia o general Souza Neto alisando a ampla cabeleira branca, certamente mais longa que o rigor do regulamento disciplinar permitiria. Mas os generais não ligavam para as regras, mandavam. Winter preparava-se para contrapor em tom ainda mais firme mas foi contido pelo olhar severo do anfitrião. Cavalcanti acenou com a mão, pisando

no freio. O coronel conteve-se.

— O senhor é de uma família de muita influência naquela região e isto deve ser pesado neste momento — colocou o general Souza Neto, e Winter estranhou o encaminhamento dado ao assunto.

— Quero ficar próximo a minha família, mas não se trata disso simplesmente — ajuntou.

— Mas é importante para nós que o Exército conte com pessoas representativas em cada área pois vivemos um quadro político muito delicado e talvez, mais uma vez, sejamos forçados a intervir — acrescentou com seriedade.

Winter coçou o nariz, acariciando levemente sua ponta com o indicador da mão direita, um cacoete adquirido em partidas de truco. Com o gesto, advertia o parceiro que não tinha cartas para entrar no jogo já disposto na mesa. Estava por fora, fazendo numeração apenas. O general não percebeu o sentido e continuou.

— Quando receber seu novo comando, será inteirado minuciosamente da situação. É algo que estamos articulando a nível de Estado Maior, sem envolver os comandantes de tropas, por enquanto, embora muitos já tenham colocado suas posições, antecipando suas idéias.

— Sei — observou evasivo.

— Amanhã cuidarei do seu caso — os olhos do velho general mergulharam fundo nos seus, procurando uma concordância tácita. Confuso, Winter balançou a cabeça afirmativamente e respondeu ao aperto da mão enrugada estentida bruscamente pelo outro. Levantaram-se em uníssono e Cavalcanti, até então reservado, tomou-o pelo braço, arrastando para junto dos demais convidados:

— Tudo resolvido, vamos nos divertir um pouco. O que vai ser, roleta ou uma partida de pôquer?

Optaram pelo carteadado e apostaram com parcimônia até os ponteiros cruzarem a meia-noite, quando todos, como se previamente combinado, começaram a retirada. Winter foi dos últimos a sair, arrastando Dona Sílvia, expressão arrasada de perdedora, pelo braço. A mulher de Cavalcanti, Conceição, exibia seu sorriso vitorioso e a despediu com um beijo maternal:

— Apareça minha filha, vamos dar um jeito de transferir o Winter aqui para a capital, não é meu bem? — juntou dirigindo-se ao marido.

— Por enquanto, vamos resolver esta parada. Telefone amanhã depois da reunião do comando.

— Pretendo dar uma esticada ao Rio, para ver meu filho, se achares que minha presença aqui é dispensável.

— Perfeitamente, aproveitem a viagem e deixem o resto comigo. O Souza Neto está sensível e influirá no ministro que só precisa disso para se manifestar a seu favor.

O coronel escondeu sua satisfação mais íntima, a gana de sair pulando pelo gramado e cercar o bloco residencial do apartamento do amigo. Vontade de embriagar-se, cantar um hino qualquer, correr pelos parques, abraçar pessoas. Foi muito fácil e não conseguiu dormir naquela noite. Somente nas primeiras horas da manhã, o sol tropical reluzindo na janela do seu quarto, atinou para algumas colocações e compromissos assumidos na véspera. O general Souza Neto fizera extensos comentários sobre o quadro institucional do país, com ênfase nas questões trabalhistas. Repetira as alegações de sempre contra os líderes sindicais, e embora não concordasse com tudo, Winter abster-se de fazer comentários. Afinal, não fora ali para discutir política e sim para resolver um problema funcional. Encarava a coisa dessa forma. Os conselhos do travesseiro conduziam seus pensamentos, agora, em outro sentido:

— Droga, não devia ter ficado calado — balbuciou.

Sílvia resmungou ao seu lado e puxou o seu travesseiro para cima da cabeça, evidência clara de que estava a fim de dormir até a hora do almoço. Winter ficou com suas preocupações. Durante mais de vinte anos, os militares conduziram os rumos políticos do país depois de derrubar um governo legalmente eleito. Um general após outro sucedera-se na presidência e, como resultado, a máquina administrativa governamental, que já era corrupta, deslanchou para o maior mar de lama, mordomias, falcatruas e ativa roubalheira desde a Proclamação da República. O país, em conseqüência, estava falido, as dívidas externas consumiam o saldo exportador e forçavam a contratação de novos empréstimos com juros aviltadíssimos. O povo, contrapartida natural da incompetência dos governantes, era penalizado com impostos e o funcionalismo público forçado a colaborar abrindo mão de seus salários. Obviamente, reagia com greves e manifestações. A tentativa de calar esses protestos com novo golpe militar assustava o coronel. Muita coisa mudara, os militares não gozavam mais da confiança da classe média, uma nova ditadura teria de ser imposta goela abaixo, ao preço de muito sangue. Algo para ser avaliado com muita seriedade.

— Bom, só serei chamado a discutir os detalhes quando rece-

ber meu novo posto. É melhor esperar para que seja o cargo que quero e não para onde querem me mandar, o exílio na selva.

Somente à noite, já no Rio, ligou para Cavalcanti e soube que seu assunto ainda estava pendente. As instruções foram claras, deveria retornar ao seu quartel, na segunda, e aguardar o encaminhamento. Empecilhos deveriam ser contornados. Superiores da região discordavam de sua nomeação e deveriam ser convencidos de que estavam enganados. Winter era oficial de confiança do chefe do Estado Maior e do próprio ministro. Cumpriria fielmente seus compromissos, ninguém deveria duvidar de sua lealdade ao comando supremo. O coronel não reagiu enquanto o amigo traçava os argumentos da sua defesa.

— Deixo nas suas mãos, Cavalcanti.

— Pode deixar, meu caro. Eu seguro essa parada, os amigos são para essas coisas — enfatizou o general.

Winter desligou com um gosto amargo na garganta. Não era tão fácil, assim, afinal. Seu nome entraria na roda, relatórios seriam checados, opiniões pró e contra pesadas. Esse questionamento todo o angustiava. Não bastava, então, ser um bom oficial, trazer as melhores notas desde a academia e por todos os cursos frequentados ao longo da carreira, os de especialização no exterior e os regulares para promoção, como o do Estado Maior e o da Escola Superior de Guerra? Não bastava uma folha limpa, sem nenhuma punição e elogios anuais dos seus superiores imediatos pela qualidade e empenho do seu trabalho? O que mais discutiriam eles? Suas observações sobre o desempenho do equipamento bélico adquirido para sua unidade? Mas não seria obrigação de um oficial comandante avaliar e relatar as reais condições de combate de suas tropas?

As perguntas fervilhavam em sua cabeça, um redemoinho constante de dúvidas, inquietações, a insegurança insinuando-se no seu íntimo. Quando Sílvia perguntou se estava tudo resolvido respondeu com um dar de ombros e um grunhido rouco e indefinido. Ela não insistiu e aceitou como válida sua desculpa para escapar na noite carioca. Precisava encontrar-se com o coronel fulano de tal, que mora em Copacabana e não tem telefone em casa. Ele não percebeu corretamente o nome e também deixou para lá. Por certo não se demoraria em conferir no Almanaque do Exército.

— Não volta muito tarde — despediu-o com um beijo no rosto.

— Antes da meia-noite, mas não deixes de ir dormir caso tenhas sono — advertiu ele ao sair.

Numa coisa não mentira, um detalhe apenas. Seguiu realmente para Copacabana. Mas não foi visitar um coronel nem qualquer militar de outra patente. Era um encontro civil e não com um homem. Com uma mulher, muito mais jovem, desquitada, relação de muitos anos atrás. Continuava a mesma de sempre, uma pessoa independente que recusara qualquer proposta de nova união, apesar de permanecer bela e assediada. Chamava-se Ana, arquiteta por formação, mas trabalhava com modas, estilista de confecções femininas.

— Oi, gauchão, quando você telefonou quase não acreditei! Há quanto tempo? — ela abriu passagem para ele penetrar no apartamento elegante, móveis modernos e simples que contrastavam com a decoração vitoriana que Silvia impunha em sua residência, onde Winter vivia tropeçando em poltronas pesadas e tapetes pesados de imitação, os olhos ofuscados por reproduções de quadros renascentistas em molduras pesadas. A sala de Ana era leve como ela própria, um corpo esguio que a vasta cabeleira loira, sempre revolta, despenteada, encobria superando a largura dos ombros. Gostava de mergulhar em seus cabelos encrespados, macios e cheirosos e acariciá-los como a um cão felpudo. Ou a uma mulher amada.

Servir de pajem de um cavaleiro de armadura é uma tarefa ingrata. Honscha detestava seu emprego, o sogro, o Palácio do Negriño do Pastoreio, só que não percebia. Desenvolvera, ao longo dos tempos, a capacidade de alienar-se das conversas e permanecer como uma quase invisível dama de companhia ao lado do governador, enquanto ele despachava na sua presença. Para não se confundir, posteriormente, adotara a prática de anotar numa caderneta tudo o que fosse solicitado:

— Honscha providenciará.

— O quê?

— No que acabamos de conversar, o pedido do prefeito.

— Ah, sim — abria o caderno e se fazia ouvidos — vamos ver, então, seu pedido. Queira sintetizar, por favor.

E anotava, pacientemente, enquanto o próprio governador e sua visita resumiam o acordo firmado. Eram ofícios a serem enviados a secretarias, bancos, empresas estatais. Ou telefonemas. Honscha se desvencilhava rapidamente das obrigações passando ordens para os assessores diretos:

— Olha, liga pro secretário de administração e diz que o prefeito vai procurá-lo e o governador quer que sua solicitação seja

examinada com carinho.

O que em letras miúdas significava que nada seria concedido. Quando era para fazer algum favor o próprio governador levantava o fone e ordenava em tom seco para o secretário providenciar no atendimento daquela prefeitura, o que economizava tempo e paciência do seu correligionário. Mas eram atitudes raras. O governo estava falido e pouco podia ser concedido.

Quando retornou ao gabinete, encontrou Jatahy alvoroçado, jogando papéis dentro de uma pasta, enquanto Maluz, ainda grudado no telefone, berrava instruções:

— Não quero meu carro, quero que venham na kombi da produção, aquela fechada — ligeira pausa — pois tirem os trastes, o cenário e o que mais tiver dentro, estacionem onde mandei e esperem. Agora.

— Honscha, por onde andastes?

— Na Assembléia, tomaram a Assembléia — respondeu Honscha apontando na direção do prédio vizinho. — Mas me afirmam que não entrarão aqui no Palácio.

— E que garantia temos? — Maluz o encarou friamente e voltou-se para Jatahy — O carro chega em seguida, coisa de dez minutos. Estacionará na rua de trás. Sairemos pelo galpão crioulo e pelo pátio do colégio, passando para o edifício ao lado. Já testamos o percurso, não tem problema.

— Vão abandonar o palácio? — o genro não escondeu seu assombro.

— O general pensa invadir a praça, retomar o legislativo. Mas teme que o conflito possa generalizar-se e não pode responder por minha segurança até retomar o controle da situação — explicou o governador.

— Mas são milhares de pessoas aí em frente, a gente mal pode se mexer. Eles estão pensando em botar esse pessoal a correr a tiros?

— Mais ou menos — atalhou o publicitário.

— Vai ser um horror. Vão para onde?

— Para minha agência. Podemos ir indo, levamos alguns minutos para chegar até o ponto em que o furgão nos pegará.

— Eu não vou — o próprio Honscha surpreendeu-se com sua resolução.

— Vais fazer o que, resistir no gabinete? — o tom do sogro era sobejamente irônico.

— Sei lá, vou me misturar com esse pessoal e acompanhar tudo.

— Está bem, liga para nós se souberes de novidades, mas toma cuidado.

Honscha assistiu o grupo cruzar o jardim dos fundos e saltar o muro com a ajuda de uma plataforma colocada pelos brigadianos que ainda restavam da guarda palaciana. Os soldados pareciam suspirar aliviados com a fuga do governante, certamente não era agradável a expectativa de enfrentar a massa enfurecida. O genro retirou-se para seu escritório, uma pequena saleta ao lado do gabinete, e apanhou um par de calças de brim e um blusão de couro do armário embutido na parede. Trocou-se no banheiro, deixando para trás a gravata e o terno. Pelo portão lateral, voltou a misturar-se à multidão sem ser importunado.

Pôde notar, então, a tensão no rosto das professoras, velhas ou jovens, algumas realmente muito bonitas, que conversavam em seus grupos. Bandos de vigilantes em greve, muitos com parte dos seus uniformes marrons, outros prontos, inclusive, a retomar o serviço a qualquer momento, calça, camisa, gravata, jaqueta e o boné com o logotipo da empresa de segurança onde trabalhavam, todos misturados a sizudos funcionários públicos ou metalúrgicos em seus macacões engraxados. Nos degraus da catedral, vários deles comodamente sentados, os braços apoiados nos joelhos, como certas estátuas gregas, postavam-se duas dezenas de magistrados, inconfundíveis em seus paletós cintilantes e anéis de doutor. Também estavam em greve. Sob uma faixa da Associação dos Delegados de Polícia juntavam-se personagens rechonchudos e bigodudos e era possível perceber-se o volume dos 38 encobertos por casacos xadrez ou blusões de nylon preto. Também estavam paralisados desde que fora negado qualquer aumento para a categoria e os salários atrasaram três meses.

A concentração podia ser densa mas era possível caminhar entre os grupos, por estreitos corredores, uma pessoa de cada vez, esgueirando-se entre o odor de mestras perfumadas e o suor pesado de trabalhadores braçais. Seria impossível realmente definir aquela massa humana pela classe social, nível de renda, raça, sexo ou qualquer outro fator. Ombro a ombro, desde mendigos, auxiliares de obra desempregados, bancários, magistrados, advogados, arquitetos, economistas pós-graduados no exterior, todo segmento profissional descontente com o custo de vida, com a situação das fi-

nanças estaduais, com o nível de criminalidade, com os impostos, com o regime enfim.

Pivetes cruzavam correndo pelos vários grupos. Funcionavam como mensageiros no esquema de segurança previamente montado. Naquele momento transmitiam uma breve notícia, apenas uma palavra, mas todos percebiam o alcance do seu significado. "Os soldados, os soldados", berravam para os manifestantes, interrompendo as conversas em cada roda, pondo as velhinhas aflitas a sopesarem, imediatamente, as bolsas onde guardavam a merenda, os folhetos mimeografados explicando a razão do movimento e seus vidrinhos de cosméticos. Honscha encaminhou-se para o extremo da praça, seguindo a direção do dedo apontado em riste pelos garotos. Os soldados deveriam fazer sua entrada por aquele ângulo, imaginou. De início, moveu-se espontâneamente naquele sentido, mas depois foi envolvido pelo torvelinho humano que marchava na mesma direção.

Quando se deu conta, Honscha estava na linha de frente, de braço dado com um popular vendedor de bilhetes de loteria, um velhote ruivo, naquela ocasião já com poucos cabelos; no outro braço pendurava-se uma senhora raquítica com um emblema da Ação Democrática Feminina na lapela. Formavam uma linha a descer a rua da Ladeira, seguida de muitas outras, uma formação compacta de manifestantes espremendo-se pela estreita via rumo ao agrupamento dos soldados no outro extremo. Honscha avaliou as baionetas caladas, os escudos transparentes, os cacetetes, os rostos jovens embaixo dos capacetes e intuiu o desastre. Aqueles garotos, pensou, não tinham nada na cabeça. Eram convocados aos dezoito anos e treinados para bater, atirar, matar. Mas não tinha como voltar, como soltar-se das mãos finas da velhinha a segurar seu braço e a marchar resoluta ao seu lado.

— Povo unido, jamais será vencido.

O refrão ressoava nos seus ouvidos e Honscha já não tinha mais condições de escutar seu próprio consciente. Sua voz da razão, as ponderações que sempre o colocavam no que supunha ser a trilha mais segura, estava definitivamente calada. Em minutos, encostava o peito na ponta de uma baioneta e podia mirar nos olhos do rapaz, quase um menino ainda, no outro lado da arma, em seu uniforme verde-oliva.

— Atira, atira — disse com os dentes cerrados e pôde perceber o tremor nos lábios do soldado, a hesitação em seus olhos casta-

nhos. A formação militar começou a ceder, alguns milímetros, depois um primeiro passo para trás, mais outro. Enfim, quebrou-se a unidade e os oficiais ordenaram a retirada.

— Para trás, mantenham a formação — gritou um capitão.

Honscha suspirou e forçou contra a massa, segurando a pressão dos manifestantes às suas costas. Era preciso dar tempo para os soldados caírem fora ou acabaria acontecendo um acidente. Uma única morte naquela trincheira poderia precipitar o caos. Quando tiveram alguns metros entre eles e os populares, os soldados voltaram-se e correram até o outro extremo do quarteirão, seguidos de seus oficiais. O genro do governador suspirou aliviado e ergueu a voz para entrar no coro das primeiras estrofes do hino nacional.

Frente à máquina de escrever, as idéias pareciam estancar como que contidas por uma barragem, cada frase envolta na onda das águas espatifava-se contra as pedras áridas e espalhava borbulhantes palavras, belas e sonoras, soltas no ar, tragadas pelo redemoinho contido na represa. Os pensamentos, as idéias reprimidas aguardavam melhor ocasião para formular sentenças. Simplesmente, não conseguia avançar no meu trabalho, a apreensão crescendo diante dos sinais evidentes de acontecimentos estranhos, misteriosos, capazes de alterar a estrutura do mundo ao meu redor.

Não que morresse de amores pela manutenção do “status quo”. Mas como todo intelectual alheio à prática das revoluções, ainda que os ideais de mudança, de alteração radical mesmo da sociedade, permeassem minhas convicções, permanecia burguesamente acomodado à condição de jornalista desempregado promovido a escritor, à falta de outra opção. A evolução dos fatos tomara totalmente de surpresa minha consciência política e social.

Greves sempre aconteceram, agricultores remontavam seu circo de manifestações de protesto todos os anos, às vezes em cada semestre, como suas safras. Tropas armadas nas ruas também não

eram novidade alguma num país constantemente submetido à intervenção militar. Censura à imprensa, mesmo camuflada na intervenção branca de editores selecionados a dedo, era uma constância nas empresas de comunicação. Tudo somado, porém, deixava indícios realmente preocupantes. Uma peça de teatro, na realidade apenas algumas cenas esboçadas, não conseguiria aquietar-me atrás de uma escrivaninha naqueles dias.

Tornei a ligar para a Cida mas a secretária da redação informou de sua saída para uma reportagem. Recado? Não, deixei pra lá. Desci a pé para o Bonfim, para o Bar do João, ponto de convergência dos teatros e jornalistas desocupados. O local, contudo, estava praticamente vazio, apenas uma das folhas da porta de ferro levantada. Na penumbra, emborcando uma cerveja gelada, o gordo Celso e a bailarina Ciça conversavam sobre o astral.

Ator cômico, Celso costumava ostentar a personalidade mais negativista e baixaredo de toda a comunidade teatral judaica, sempre apostando no insucesso de tudo ou todos, ou encontrando os ângulos desfavoráveis do empreendimento mais bem-sucedido:

— Virgem com ascendente em aquário é assim mesmo, uma combinação que dá um resultado muito estranho — justificava Ciça, especialista em astrologia do bairro.

— Ei, boa gente, senta aqui. O momento está necessitando mesmo de um bom dramaturgo. — ironizou o gorducho abrindo o semblante bonachão enquanto puxava uma cadeira de palha para que eu sentasse com eles em torno da mesa de fórmica. — Como é que vai o projeto?

— Oi, Ciça — passei a mão carinhosamente na cabeleira encrepada e a beijei no rosto. — Vai indo, a idéia é boa mas estou procurando realizá-la com poucos personagens, o que dificulta um tanto.

— É, mas não dá de botar muita gente no palco, não, senão não dá dinheiro e ninguém vai querer montar — a garota frisou a regra fundamental das produções teatrais de então, quando os espetáculos mais bem-sucedidos eram monólogos ou, no máximo, um triângulo amoroso sem testemunhas para atrapalhar.

Celso, com quem já discutira a idéia do espetáculo em outra ocasião, estava interessado no personagem principal, certamente pensando em fazê-lo:

— Acho que o tal coronel deveria ter outras motivações para rebelar-se além de sua situação pessoal — colocou, fazendo sinal para

o garçom trazer outra garrafa numa mímica inconfundível, as duas mãos, uma sobre a outra, com a distância equivalente ao de uma cerveja entre elas, significavam mais uma pedida.

Também fiz o sinal convencional para outro copo, o polegar e o indicador da mão direita em arco, segurando o vazio, também era elucidativo.

— Claro, a crise econômica do país, o descontentamento da massa operária, ele avalia tudo isso. Na revolução anterior, os militares usaram a insegurança da classe média. Agora baixavam alguns degraus na escala social e voltavam a dar novo golpe.

— Mas para ter o apoio popular deveriam assumir alguns compromissos — observou o gordo.

— Discursos, eles os sabem fazer — cortei.

Ciça, até então uma ouvinte atenta, pareceu pescar alguma coisa no ar, embora desconhecesse o argumento em que eu estava trabalhando.

— Ninguém, hoje em dia, acreditaria num coronel, os milicos estão em baixa.

Concordei, droga, ela tinha razão, ninguém o ignorava. Meu personagem não teria nada de heróico, escassa convicção política, nenhum idealismo na alma tão disciplinada quanto o corpo que o câncer corroía como a ferrugem inicia sua devastação pelas áreas ociosas do metal. Onde há atrito, movimento constante, pode haver desgaste das peças, mas jamais um processo ferruginoso. Eu confundia leis da mecânica com a providência divina? Quem sabe o homem acabaria por encontrar a cura milagrosa a través da sua revolução, heim? O gordo não concordou e a bailarina foi ainda mais enfática:

— Nada disso, cara, quando a devastação começa, alastra-se até o fim. E o começo sempre é muito cedo, já na nossa criação, os pais, depois os professores nas escolas, todos vão nos transmitindo os micróbios que nos destruirão.

— Eu fora — ironizou o ator.

— Poucos escapam, pouquíssimos — ela balançou a cabeça negativamente.

Derrubei a ceva e pedi outra. Um papo com aqueles dois poderia se estender naquele compasso até a madrugada. Por certo, estavam ainda mais alheios do que eu. Arrisquei perguntar a Ciça:

— Quêiqui cê tem feito de bom?

— Fechei a escola de dança, as alunas não vinham mesmo,

com toda essa confusão. De modo que declarei greve. Agora, preparo as malas pra me mandar pra praia do Rosa. Vou tomar um ar até esse ambiente aqui despoluir um pouco.

— Então, tchau — levantei abruptamente catando alguns trocados no bolso para ajudar com a conta.

— Deixa pra mim — o gordo dispensou com a mão deitando-me um olhar curioso — Pra que a pressa, está tudo na mesma por aí.

— Greves, passeatas, milicos por tudo que é lado. Bancos cerrados, comércio fechado, escolas sem aula, repartições públicas sem cafezinho, zorra geral.

— É, o pessoal resolveu dar uma parada total para rearrumar a casa, sacumé? Só que tá levantando uma poeira danada — completou Celso.

Eu queria conferir e fui em frente deixando a dupla ensimesmada. Caminhei pelas calçadas desertas como em tarde de finados e entresei com um grupo, na altura da Anita Garibaldi, que seguia aparentemente na direção do centro. Gente muito estranha, idade madura, rostos marcados por sulcos profundos na pele ressequida, mãos calejadas carregando pequenos embrulhos, provavelmente mantimentos. Vinham de longe mas marchavam com a expressão obstinada de quem tem um rumo definido na vida. Acertei o passo com eles e um dos líderes voltou a cabeça, mediu-me de cima a baixo e em sinal de aprovação reduziu o passo para ficar ao meu lado:

— A praça da catedral está longe? — indagou num tom educado que revelava vestígios de sotaque alemão, provavelmente origem dos pais ou avós.

— Estou indo pra lá. Poderíamos cruzar o parcão mas acho preferível caminharmos até aquela ponta, depois dobramos e subimos o viaduto para a Duque. Tudo bem?

— Certo.

Eram colonos, explicou um mais jovem, fartos bigodes e bochechas vermelhas, que entrou a caminhar do outro lado. Havia cruzado os últimos seis meses num acampamento de sem-terras, em Nonoai. Já somavam mais de vinte mil famílias na mesma situação, aguardando uma providência do governo e a prometida reforma agrária jamais executada. Agora estavam vindo para a capital em pequenos grupos, para burlar o cerco da polícia.

— Desde ontem, pudemos deixar o acampamento em turmas maiores porque a Brigada Militar abandonou o cerco — explicou o velho agricultor.

— Quando?

— Na madrugada. Agora, quando vínhamos para a capital, o caminhão cruzou por tropas do Exército. Acho que eles estão indo substituir os brigadianos.

— Levavam tanques? — perguntei.

— Não. Mas eram muitos. Em jipes, caminhões. Vai ficar difícil alguém deixar o acampamento daqui pra frente. Acho que saímos na hora, não adianta nada ficar por lá esperando providências. Esse governo está nos enrolando — concluiu o alemão.

Subimos o viaduto e nos deparamos com a multidão que tomava toda a Duque na direção do palácio. A praça fronteira fervilhava de gente, ouvíamos os tambores dos manifestantes, as sinetas sacolejadas pelas professoras, milhares de pessoas espreadas ao sol, aguardando não se sabia exatamente o quê. Fomos informados de que o legislativo fora tomado e a maioria dos deputados deixara o local. O governador também sumira e quando seu gabinete foi invadido encontraram apenas um telefone vermelho a tilintar. Um gajato atendeu uma ligação do gabinete do Presidente da República e se pôs em tom sério:

— Aqui é do gabinete do presidente da República Federativa Rio-grandense. Como? De onde fala? Os contatos de governo a governo devem ser feitos a través das vias diplomáticas, senhor assessor. Boa tarde.

Todos riram e agora a história passava de boca em boca e chegava aos confins da concentração humana que cercava o antigo centro de poder do governo estadual, agora completamente acéfalo, despojado de suas últimas ilusões. O governador já não governava há muito tempo, mantinha apenas as aparências. Posto a correr, não restava mais nada.

Tão logo assumiu a chefia do Estado Maior daquela brigada com base em Santiago e jurisdição em toda a região fronteirica, o coronel Winter iniciou uma série de contatos, a pretexto de conhecer todas as unidades submetidas a seu comando. O general Alves Bastos contava tempo para deixar o serviço, um velho acabrunhado e ranzinza com vários problemas na família, desgostoso depois que as duas filhas separaram-se dos maridos, uma delas foi morar com uma amiga e a outra mudou-se para a capital, arrumou um emprego e nunca mais deu notícias. O filho, engenheiro recém-formado, não conseguia emprego e permanecia na casa paterna, impregnando seu quarto com o estranho odor de bosta queimada dos cigarros que enrolava em papel de seda rosa. O general encerrava-se em seu gabinete e lia, devorava tudo, principalmente best-sellers americanos com embaixadores e conspirações infernais.

O coronel Winter recebeu carta-branca e pôde realizar suas "inspeções" à vontade. Como um de seus oficiais adjuntos, conseguiu o major Paulo Roberto Mitri, irmão mais moço do coronel Mitri, que comandava um regimento blindado de Santa Maria. Curioso, mas foi uma informação do próprio irmão, certa feita, após uma reunião dos comandantes da região, que despertou seu interesse

pelo rapaz. Mitri queixou-se das idéias do irmão, reclamou que o jovem major estava com problemas e manifestando, inclusive, a intenção de deixar o Exército. Então, pediu seu telefone, encontrou-o terminando o curso do Estado Maior no Rio, esperando designação depois de receber os lauréis pelas notas máximas, e fez o convite. Foi aceito com alguma hesitação, Winter pôde notar a indecisão do jovem mas ganhou a parada quando ele lhe perguntou se houvera interferência do irmão no convite.

— Não, pelo contrário. A única vez que seu irmão me falou no senhor foi para demonstrar preocupação com sua carreira. Parece que o senhor está de saco cheio, eu também. Quero alguém que me ajude a mudar as coisas.

Uma semana depois o major Mitri apresentava-se em seu gabinete em Santiago, um tipo alto, bronzado pelo sol carioca, que não trazia nada das características físicas do irmão. Cabelos de um castanho mais claro, olhos esverdeados, tez morena, sorriso aberto e franco. Winter tentou lembrar-se da mãe do coronel Mitri, mas a imagem, se algum dia a conhecera, fugia da memória. O major o cumprimentou com simpatia:

— Passei por Santa Maria e fiquei uns dias na casa do mano, aproveitando a folga. Ele manda lembranças e um abraço. Realmente, ele ficou surpreso com seu convite. Obrigado.

O coronel começou sondando o major. Segundo seus planos previamente traçados deveria perder uma semana ou duas para concluir se serviria exatamente aos seus propósitos. Ficou perplexo, contudo, com sua franqueza e objetividade. Mitri não ignorava que o Exército estava sendo preparado para um novo golpe pelos grupos de direita entronizados nos principais comandos. Estava plenamente convencido do breve desfecho das manobras já desencadeadas nas principais unidades do eixo Rio-São Paulo, com participação marginal do interior de Minas.

— A coisa só não estourou, ainda, porque os líderes sindicais metalúrgicos entraram a fazer política de gabinete e suspenderam os movimentos grevistas encadeados. Quando essa área retomar a pressão e paralisar o parque industrial do centro do país, então será o momento — disse ele.

— E os oficiais estão de acordo?

— Os oficiais obedecerão. Podem não concordar mas, veja, a disciplina está tão arraigada e distorcida por estes anos todos de regime ditatorial que esse breve intervalo de democracia vivido pe-

lo país não teve a menor influência no corpo de tropa. Se mandarem, atirarão na própria mãe — observou com visível desprezo.

Winter balançou a cabeça afirmativamente e notou que o major estranhava não estar ouvindo a admoestação de praxe por se referir daquela maneira à organização militar. O olhar de compreensão e concordância endereçado por Winter quebrou a postura até então rígida de Mitri. Ele relaxou na cadeira e adotou um tom mais calmo:

— Eu temo que um novo golpe não encontre o menor amparo por parte da população e exija o emprego da força — comentou Winter.

— Não contem comigo — frisou o major.

— E o senhor espera resistir como, com seus pruridos morais? — a pergunta encerrava muitas interpretações, abria estranhas opções para o diálogo e Mitri chegou a sentir um leve tremor ao encarar a expressão arguta do superior.

Se o coronel fosse um conspirador direitista, conjecturou, estava irremediavelmente condenado, sua carreira seria certamente abreviada, o que não o desgostava de todo. De modo que resolveu tocar em frente:

— O povo resistirá e eu serei um civil a mais nessa luta — enfrentou o olhar inquiridor que se amenizou num sorriso largo.

— Somos militares, major, nossa obrigação moral é de lutar dentro dos quartéis.

Estava selado um pacto que seria consolidado em muitas horas de conversa. O major herdara a mesma praticidade do irmão e no dia seguinte já estava dedicado com afinco às tarefas que julgou mais urgentes. Levantou todo o quadro de oficiais de suas relações das unidades subordinadas e começou a fazer contatos. Em princípio, para não levantar suspeitas, justificava-se nas normas sociais. Estava chegando à região, tinha imenso prazer em reencontrar o companheiro, marcava uma visita particular e a cada noite fazia um contato, muitas vezes viajando até duzentos quilômetros, ou mais, para um jantar. No fim da semana já tinha dados sobre a rede da comunidade de informações em cada quartel, os quadros da E-2, o serviço secreto incumbido de vigiar oficiais e subordinados e relatar qualquer anormalidade. Embora diretamente ligado a cada comandante de regimento, esses departamentos tinham vida própria, interdependentes, podendo comunicar-se extra-oficialmente com comandos superiores capazes de tomar providências drásticas, co-

mo transferir um coronel suspeito para uma função burocrática insignificante. Por esta razão, Mitri realizou uma operação paralela à já traçada pelo coronel Winter com cada comandante. Uma importante missão de checagem para neutralizar possíveis riscos. Cada um de seus companheiros especialmente conectados trataria de checar o oficial de informações e vigiá-lo em caso de perigo. Winter passava a contar com sua própria rede de agentes secretos, oficiais jovens, amigos de Mitri, fechados na mesma linha de pensamento: não desejavam ver a corporação envolvida em nova aventura golpista.

O telefone foi eleito como principal veículo de comunicações para mensagens breves e um cuidadoso código, criado por Winter, com base em conversas aparentemente inocentes sobre caçadas, pescarias e investimentos em mercado de capitais, foi elaborado e distribuído entre esses contatos. Encontros foram programados a cada fim de semana, utilizando a fazenda do pai do coronel ou de seus amigos na região, sempre a pretexto de churrasquear, caçar ou pescar. Quando Mitri, desquitado, a ex-mulher no Rio, começou a namorar uma jovem professora, ativista do movimento grevista que já atingia as escolas de Santiago e de toda a campanha, o coronel percebeu que poderia montar uma rede civil, paralela. Afinal, muitas professoras eram esposas de oficiais, empresários. Dia após dia, foi levantando suas forças, avaliando para determinar com quem poderia contar na hora certa.

— Sabemos que estão articulando um golpe mas não podemos avançar — instruiu ao major — vamos ficar apenas no programa de conscientização e deixar que eles dêem o primeiro passo. Seremos um movimento de reação, não de agressão.

— Mas a melhor defesa não é o ataque? — indagou Mitri na ocasião.

— Sim, penso atacar. Mas é necessário que o inimigo se coloque a campo antes disso. Então o surpreenderemos.

Winter esperava para ver quem assumiria a coordenação do golpe na região e não se surpreendeu quando o general Tatagiba convocou uma reunião em seu Quartel General, em Santa Maria. Ouviu o discurso próprio para a ocasião e pôde avaliar quais os comandantes dispostos a aproveitar a oportunidade para destacar-se e atingir o generalato e quais se mostravam reticentes. O coronel Mitri, ao contrário do que esperava, não se mostrava animado e fez, mesmo, várias observações capazes de comprometê-lo futuramente.

te:

— O centro do país é uma coisa. Mas nosso Estado está praticamente às ante-vésperas de uma guerra civil. Não será fácil — colocou Mitri.

Sentado à sua frente, o coronel Winter levou instintivamente um dedo aos lábios, como recomendando silêncio, disfarçando o movimento ao alisar o queixo. Mitri notou e seus olhos cruzaram uma mensagem de compreensão inteligente. A primeira missão do major Mitri, quando o coronel Winter retornou a Santiago, foi de fazer uma visita ao irmão, no gozo providencial de alguns dias de licença. Na mesma noite de sua partida, já na residência do coronel Mitri, fez uma ligação intermunicipal para seu comandante para agradecer a folga e fazer uma ligeira comunicação:

— O mano disse esta noite, ao jantar, que está com uma vida muito sedentária. Acho que ele gostaria de participar de uma caçada na sua fazenda.

— Pois faça o convite em meu nome — disse Winter.

No gabinete montado em sua casa, abriu um mapa de operações e assinalou com uma cruz azul o 29.º Batalhão de Infantaria Blindada, unidade comandada pelo irmão de seu oficial adjunto, coronel Dércio Mitri, sediada em Santa Maria, cidade-chave, por sua localização geográfica no centro do Estado e pelo seu entroncamento rodo-ferroviário, para a movimentação das tropas da região. Winter observou as várias cruces dispostas no mapa e avaliou suas condições. Cada novo acréscimo exigia que todos os planos fossem refeitos e com a dedicação de um oficial aplicado começou a trabalhar, fazendo anotações em cada planilha. Havia uma para transportes, outra para alimentação, outra para manutenção e abastecimento, outra para comunicações, cada uma delas exigindo anotações determinando a tomada de providências de acordo com uma estratégia predeterminada. Rabiscou até o alvorecer e foi dormir quando os galos de Santiago dobravam seus acordes.

PARTE QUARTA

"Avante ó povo brioso
Nunca mais retrogradar
Porque atrás fica o inferno
Que vos há de sepultar".

Hino Nacional da República Rio-grandense

Avante professores, de pé
Unidos pela educação

Os manifestantes ligados ao setor de ensino puxavam o coro com seus hinos e bumbos ressoando pela praça e Honscha resolveu dar um tempo, esticar uma caminhada até em casa, um apê da Independê, decór de móveis coloniais e um paco de tapeçarias e gravuras pelas paredes. Nem bem abriu a porta, deparou com a sogra em prantos no ombro da filha, sua esposa, a mãe de seus filhos, Helena. A avó, a peste da sogra, como costumava referir-se a Dona Margarida em seu íntimo, debulhada em lágrimas, levantou-se e engoliu um soluço ao constatar sua entrada e disparou para o interior dos três quartos, dormitório de empregada e box que ainda devia para o sistema financeiro de habitação. Honscha pôde notar uma sombra escura no rosto, que a pintura, manchas avermelhadas de rouge, mal disfarçava. Lançou sua cara de espanto e inquisição predileta, aquela que escondia uma ponta de ironia, e a mulher explicou, deprimida:

— Mamãe e papai discutiram. Ele mandou que ela saísse do palácio e viesse para cá, seria mais seguro. Ela disse que ia ficar lá, acabaram brigando.

— Ele também já deixou o palácio, sua mãe devia compreender que a situação do teu pai é muito delicada e quando ele nervoso acaba sempre reagindo desse jeito — procurou adotar um tom conciliador.

— Eu só não sei por que ele estoura sempre em cima de nós ou da mamãe. Para os outros, é sempre uma flor de delicadeza, o homem mais simpático e educado do mundo. Em casa comporta-se como um estivador.

— Estivadores não batem nas mulheres, descarregam suas energias carregando sacos. Dizem que os brigadianos batem.

— Não sei, nunca fui casada com um brigadiano — ela procurou sorrir mas saiu apenas um riso pálido, tímido, incapaz de esconder suas preocupações.

— Sempre foi assim. Uma vez tivemos que chamar o médico para minha mana — a lembrança a entristecia tremendamente.

— Teu pai é um temperamental, o homem menos indicado para estar no governo num momento desses. Ainda bem que os brigadianos abandonaram a praça. Ele seria capaz de mandar atirar naquela gente para não perder a pose e seu gabinete. Os milicos tentaram retomar mas não conseguiram.

— Então a bagunça é geral? — manifestou Helena.

Honscha balançou a cabeça e foi para o dormitório do casal, desabotoando a camisa. Dona Margarida encerrara-se no banheiro do corredor e ele foi para o da suíte, seguido sempre pela esposa. A mulher queria mais informações, era evidente. Ele estava por demais emocionado e exausto para alimentar uma conversação muito longa:

— Não adianta ficar me perguntando que também não sei muita coisa. Tomaram o palácio, os deputados já haviam abandonado o legislativo, o único que ainda permanece em seu posto, naquela maldita praça, é o bispo. Liga pra ele, tens o número da catedral.

— Não sejas estúpido — ela ficou magoada mas não abandonou a suíte enquanto ele despia-se e tomava uma ducha gelada.

Desperto pela água fria, abriu a torneira da quente e foi advertido para o consumo de gás. O zelador estava pedindo parcimônia pois os caminhões de entrega não renovavam os botijões há duas semanas. Para ganhar tempo foi contando o que sabia, as histórias sobre um desacerto entre os militares.

— Parece que a brigada resolveu não tomar posição na crise.

— Esses caras nunca foram de confiança, aposto como já es-

tão fechados com o Brisa — disse ela referindo-se ao chefe do Partido Trabalhista, um ex-exilado que retornara ao país com a abertura e estava em franca campanha para chegar à presidência da República, tão logo fosse realizado um pleito direto.

O país estava mergulhado em incertezas, contudo. Ninguém sabia ao certo quando terminaria o mandato do atual presidente. A Constituição falava em seis anos mas aguardava-se a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte que poderia reduzir o período ou, até mesmo, convocar novas eleições de imediato. Helena deixou o banheiro quando Honscha saiu debaixo do chuveiro esfregando as costas numa toalha felpuda. Ele vestiu a mesma calça de brim e apanhou uma camisa esporte vermelha. Procurou um calçado esportivo e acabou optando por um par de tênis aposentados. Deixou o casaco de couro de lado, confundia-o com os tiras em greve e do serviço secreto espalhados pela praça, preferindo um outro, de nylon, colorido, pouco usado anteriormente. Era amarelo com pequenas listras vermelhas e laranjas e um capuz. Tirou da carteira todos os documentos funcionais e deixou apenas a carteira de identidade e a de motorista. Depois mudou de idéia e apanhou a carteirinha do Palácio do Governo, emblema do Estado e a função de assessor do governador batida em máquina elétrica logo embaixo do seu nome, guardando-a num bolso traseiro da calça.

A sogra já retornara à sala, recomposta, disfarçando a marca do tapa com o rosto repousado sobre a mão, o braço apoiado no encosto do sofá. Ela o interpelou:

— Helena disse que Jatahy deixou o palácio?

— Foi para a agência do Maluz.

— Você tem o telefone da Mepela, Helena? — ela dirigiu-se à filha mas Honscha decorara o número e o ditou. Dona Margarida rumou para as agendas, repetindo-o em voz alta.

— Você não quer deixar que eu ligue, mamãe? Ou o Honscha o faz, não é querido?

— Tenho de sair. Seu pai quer que eu lhe mande informações e ainda não consegui nada de novo — desculpou-se ele. — Nem digam que me viram. Eu ligo para ele depois.

— Mas para onde você vai? Não é perigoso?

— Que nada. Está tudo bem — depositou um beijo na face da mulher e debandou incontinente. Bateu a porta atrás de si antes de ouvir qualquer protesto e preferiu usar as escadas para não ser surpreendido aguardando o elevador. Por sorte, morava no tercei-

ro andar. Quanto mais alto, mais caro o imóvel.

Tornou a caminhar, não valia a pena usar o carro para percorrer uns poucos quarteirões. Além do mais, seria impossível estacionar no centro convulsionado pelos grevistas. De repente, sentia-se livre, a cabeça leve e uma força interior muito grande. Num impulso, acelerou o passo e cerrou os punhos dentro do bolso do blusão.

O que o atraía naquela multidão desesperançada e rebelada? Porque entendia que a revolta não visava um objetivo já delimitado, poucas pessoas naquelas ruas percebiam uma alternativa para o impasse em que o Estado mergulhara. Não havia dinheiro para nada, para os aumentos indispensáveis para acompanhar o custo de vida, para colocar em dia os salários, para investir em novos empregos, ninguém o ignorava. Enquanto persistira uma réstia de esperança no governo central, numa possibilidade de reforma tributária, numa retomada de crescimento econômico, a população correu às urnas para sufragar os nomes propostos pelo partido de situação ou a oposição consentida. Agora punha a correr os políticos instituídos em torno do poder sem contar, aparentemente, com um projeto de substituição dos mandantes.

Honscha os pressentia um tanto ingênuos, como garotos que brigam com o pai e fogem do lar aos nove anos de idade para esconder-se no porão da casa da avó. Não havia gratuidade de propósitos, porém. A solução não se materializava nos discursos, nas faixas de protesto, em rumos ideológicos dos grupos coordenadores da manifestação. Esses grupos, aliás, haviam se evaporado na continuidade e integração dos diversos movimentos que desencadearam naquela grande concentração humana. Os comitês de professores, as centrais de trabalhadores, as associações de profissionais liberais ainda lutavam para manter algum controle da situação mas qualquer tentativa de sobressair-se por parte dos dirigentes ou siglas era recebida com estrondosa vaia coletiva. Por fim, os cargos e as entidades perderam tão completamente a expressão que qualquer um, ao tomar a palavra para fazer uma proposta, evitava nomear seus títulos e funções. Ele percebera o detalhe no período em que permanecera no plenário do legislativo acompanhando os discursos sempre breves e lacônicos dos proponentes.

Depois de passar os últimos anos de sua vida em torno da campanha pela conquista do poder, através do sogro mas sempre, logicamente, pensando em seus próprios benefícios pessoais, Honscha convencera-se de que não valia a pena. Os planos e projetos esbar-

ravam numa realidade que resistia às transformações necessárias. A máquina burocrática, aqueles mesmos funcionários a reivindicarem aumentos e redução da jornada de trabalho, era a primeira a resistir às mudanças estruturais indispensáveis para dotar o governo de maior eficiência operacional e rentabilidade.

A arrecadação e a fiscalização passavam por processos maquiavélicos de gerenciamento. Um telefonema de um determinado deputado era capaz de adiar uma cobrança de imposto de uma empresa por tempo indefinido, ações judiciais arrastavam-se sem solução até que o governador acabava por anistiar os devedores. A corrupção, os favorecimentos pessoais, os grandes, médios e pequenos furtos eram comuns, plenamente aprovados pelo consenso social. Do giz da escola à gasolina do carro oficial, do financiamento com juros subsidiados dos bancos estatais às concorrências públicas fraudadas, ninguém excusava-se de nomear suas falcatruas para os amigos, conscientes da aprovação geral.

Há séculos, a sociedade locupletava-se nas mordomias do Estado e agora, diante de sua falência bombástica, procurava grandes culpados quando, na verdade, cada um carregava um pedaço da responsabilidade. Honscha caminhou pela Praça e sentou na grama, com um bando de velhotas de boquitas vermelhas e mal-humoradas, resmungando entre si as dificuldades para abastecer suas casas, cozinhar para os maridos e filhos e, ainda, participar das manifestações diárias. Elas revezavam, por turnos de acordo com as secções onde trabalhavam na previdência social, na ocupação daquele espaço na praça, ostentando os mesmos cartazes.

Encaravam o protesto como uma nova atividade funcional, motivadas mais pela vontade consensual da categoria do que por iniciativa própria. Pararam porque todo mundo resolveu parar, reclamavam porque todo mundo resolveu reclamar, assim como haviam aceito, durante anos, um quadro de flagrante deterioração. Se fosse passar o bisturi sobre aquele corpo inerte, o Estado prostrado no leito de morte, Honscha tinha certeza de encontrar sinais, ainda, dos males de infância do moribundo. Talvez, pensou, o atestado de óbito acabasse referindo a causa mortis a problemas no parto.

Todo o Estado está assentado sobre uma das maiores reservas de carvão mineral do mundo, estima-se superior a 200 bilhões de toneladas. As prospecções das áreas foram suspensas, contudo, quando foram medidas mais de 20 bilhões de toneladas, o que seria suficiente para abastecer o país por mais de 500 anos. A exploração era irrisória, contudo, menos de três milhões de toneladas anuais. O país era um importador de energia e uma grande empresa estatal explorava o monopólio da importação do petróleo. Seus dirigentes boicotavam sistematicamente o desenvolvimento carbonífero.

A tecnologia para emprego do carvão na geração de energia elétrica fora nacionalizada. Os conglomerados multinacionais fabricantes de equipamentos empregados na geração de energia nas hidrovias dominavam o Ministério das Minas e Energia e a política nacional para o setor. O governo canalizava recursos cada vez em maior quantidade para projetos hidrelétricos, construindo barragens que destruíam cidades e vilas e expulsavam milhares de famílias de agricultores das margens dos rios para ocupar suas terras com gigantescas represas. O carvão permanecia enterrado enquanto as águas encobriam as cataratas do Iguaçu, uma das bele-

zas naturais do mundo, e consumiam divisas na importação de equipamentos e pagamentos de royalties.

Quando a opinião pública foi mobilizada para incentivar a implantação de um complexo carboquímico em Porto do Conde, a estatal petrolífera contra-atacou oferecendo um Pólo Petroquímico. O governo estadual, os políticos, todos enfim, com exceção de uns poucos ecologistas, passaram a defender a obra redentora da economia regional. No projeto, o Pólo Petroquímico previa a criação de 63 mil novos empregos, uma reviravolta fantástica nos ramos tradicionalmente agro-pastoris do progresso do sul do país.

Redundou em completo fracasso, entretanto. Das oito empresas de segunda-geração previstas, apenas quatro se localizaram junto à central de matérias-primas. Das 23 unidades de terceira geração inicialmente programadas, nenhuma foi instalar-se na área preparada com recursos do governo estadual. Os combalidos cofres do Estado investiram mais de 300 milhões de dólares para preparar os lotes que deveriam receber estes investimentos privados mas nenhum foi ocupado. Instalações de esgoto, canalizações de água, estrada asfaltada, ferrovia e um porto especial foram construídos, além de transformadores de energia e um complexo sistema de tanques de recuperação da água que deveria ser poluída por estas indústrias. Tudo em vão. Ao fim e ao cabo, o complexo petroquímico criou menos de 500 empregos e limitou-se a produzir produtos primários que foram exportados para outros Estados. A região ficou com a poluição e beneficiou outros centros industriais já estabelecidos no país e que ficaram com os empregos e os impostos incidentes nos produtos finais, sempre mais valiosos. O carvão, esquecido em troca deste projeto, continuaria inexplorado e o país permaneceria na dependência da importação do petróleo.

A estatal do petróleo, empresa nacional com interesses, inclusive, na exploração de reservas no Oriente Médio, assumiu, ainda, outro projeto estadual, a construção de uma unidade de gaseificação que deveria utilizar o carvão mineral e abastecer de gás as indústrias da capital e cidades periféricas. Os planos acabaram arquivados, porém. Afinal, o gás concorreria com o óleo combustível comercializado por esta mesma empresa e grupos multinacionais instalados no país e que quebravam o monopólio estatal do petróleo no setor mais lucrativo do negócio, a comercialização.

Com a crise do petróleo, todos os países com reservas de carvão aumentaram sua produção. Ingleses, russos, chineses abriam

novas minas aumentando a extração em mais de 300 milhões anuais de carvão bruto, cada um deles. O Estado permanecia em seus míseros 2,5, no máximo três milhões de toneladas de carvão, importando petróleo para enriquecer os dirigentes da petrolífera estatal com as gorjetas e comissões recebidas em cada novo negócio. E o carvão no subsolo e as esperanças dos gaúchos enterradas com ele.

Este era um dos “causos”, maneira peculiar dos gaúchos se referirem às histórias contadas ao pé do fogo, nas rodas de chimarrão, enquanto aguardavam o churrasco ficar no ponto. Apenas mais uma das muitas lendas tradicionais a alimentar a cultura de um povo.

Existiam muitas outras, pequenas e pitorescas historietas que passavam de uma geração para outra, transmitindo os velhos valores regionais. Como o “causo” do trigo, por exemplo. O governo central houvera por bem entregar para as multinacionais a moagem do trigo no país. Um monopólio tão ou mais importante que o do petróleo — nem todos têm carro e consomem gasolina mas a grande maioria come pão — caiu em mãos de duas ou três grandes empresas de capital estrangeiro. Para impedir a concorrência, a polícia foi convocada a agir e qualquer colono que mantivesse uma pedra de moer em sua casa era recolhido ao xadrez. A mó era quebrada e seu nome passava a constar de uma lista especial que vetava a concessão de financiamentos nos bancos oficiais para plantio.

Assim, todo o trigo nacional era encaminhado a esses moinhos e a farinha comercializada por essas multinacionais voltava ao mercado de todo o país por preços aviltados. A história era desenrolada sempre em tom de blague, mantidos os trejeitos regionalistas e uma terminologia própria. A comadre interpelava o compadre:

— Mais cumpadre, o sinhô é muito matreiro, tem mó escondida pra bem de moer seu trigo, eu sei.

— Num vá cuntar pra ninguém.

— Mais, cumpadre, não é mais milhó entregá o trigo pros home do Banco do Brasil que vendem pras multinacioná?

— Bom, o banco subsidia, me paga um preço maior que o praticado no mercado internacioná.

— Entonces, num é vantagem?

— Vosmicê pode pensar que sim. Mas num é, são milongagens dos gringos pra enganá a gente.

— Vancê vai arrenegá o subsídio? Mas não é vantagem pro

agricultor?

— Pois faça as contas e vai arrepará no engano. Se eu não entregá meu trigo, eu mesmo moer e vender a farinha, ganho muito mais dinheiro que vendendo pelo preço fixado, apesar do subsídio, para o banco. Tanto é verdade que eles fecharam os nossos moinhos para impedir que a gente concorra com as multinacionais, que só podem vender farinha com trigo importado.

— Mas o importado é mais barato.

— O trigo pode ser. Mas a farinha vendida depois para o povo não, essa é muito cara.

— É, cumpadre, eu sempre arreceei que tivesse ginga nesse inhame.

— E tem. Parece vantagem, eles nos subsidiam o trigo mas ainda assim nos pagam pouco. Mas arrepara, proibem que a gente moa o trigo e venda a farinha, onde está o grande lucro. O subsídio só serve, entences, pra garantir o monopólio das multi na comercialização do produto que dá mais dinherama. Num é uma barbaridade?

É um “causo” muito comprido, mais comprido que vara de ce-go desconfiado. De modo que pode ser abreviado com a seguinte explicação: o preço pago ao agricultor pela matéria-prima sempre foi inadequado pois está vinculado ao grande “lobbie” montado pelas empresas norte-americanas no comércio internacional do trigo. Dessa forma, a área plantada no Estado foi sendo gradualmente reduzida. De 2,8 milhões de hectares em 1972 caiu para menos de 1,2 milhões de hectares dez anos depois e vem se mantendo nesses níveis.

Como os preços pagos aos produtores, apesar do subsídio, não são compensadores, os investimentos na lavoura são mínimos e o rendimento é muito baixo. A grande maioria preferiu dedicar-se a culturas mais lucrativas, como a soja. E o país continuou importando trigo e favorecendo as multinacionais. Mais de um guri levou tapa na boca ao tentar contar essa história perto dos mais velhos. Era considerada por demais pornográfica.

Mas o apego às tradições, o amor aos valores da terra, o respeito aos ascendentes que lutaram tão bravamente para conquistar aquela colônia disputada por Portugal, Espanha e várias dezenas de tribos aguerridas exigiam a manutenção de um espírito alerta e vigilante. Se um só se descuidasse, adiós pampa mia. Por isso, principalmente nos Centros de Tradições Gauchescas, os popula-

res CTG's, sempre havia um velho borracho e bem disposto
seu chimarrão, peitando atrevido os menos informados:

— Mas já te contei, tchê, o “causo” do carvão ca-
go?

Na sala de solenidades do Quartel General da Região, o general Madalena presidia uma estranha reunião. De um lado da mesa, empresários dirigentes de entidades patronais. Os presidentes das federações das Indústrias, do Comércio, da Agricultura, dos Bancos e o Secretário Estadual da Administração, representando o governador, defrontavam-se com os líderes dos principais sindicatos de empregados. Osvaldo Brito, o "Bruto", por trás de sua barba negra trotskista, tamborilava os braços da cadeira estofada em couro que ocupava, revelando algum temor. Embora tivesse atendido o convite espontaneamente, não ignorava os riscos evidentes na reunião. Um atrito com a mais alta patente militar da região poderia ser fatal. Se os trabalhadores soubessem do encontro, corria um perigo ainda maior, poderia ser tomado como mais um traidor da classe operária. E os metalúrgicos não demonstravam mais a menor tolerância com os oportunistas:

— O senhor se engana redondamente se pensa que basta estalar os dedos para acabar com a greve. O movimento fugiu ao nosso controle, seu serviço secreto tem provas disso. Minha liderança está dividida entre um sem-número de comitês e comissões.

— Os senhores começaram isto — Madalena adotava tons ru-

bro na pele clara e na voz. — Pararam a máquina produtiva do Estado. Enquanto a greve esteve restrita aos professores e funcionários públicos não havia grande problema. Fazem muito barulho mas podem parar durante dois anos que a diferença para as finanças públicas será mínima. Fazemos funcionar a arrecadação e os bancos estatais e tudo continua marchando. Mas se as fábricas param é o caos.

— Agora, também os trabalhadores estão conscientes de sua força — o “Bruto” está dividido entre sua linha de cordialidade e nervosismo mal-disfarçado. — Não voltarão a trabalhar sem o atendimento das principais reivindicações.

— Mas o que querem mais? Já receberam os aumentos trimestrais, um abono, o salário médio de um metalúrgico é o dobro ou o triplo de uma professora... — cortou o general.

— Não podemos garantir os empregos e reduzir a jornada de trabalho, não nesse quadro combalido do mercado interno — aduziu o presidente dos industriais, Luisinho Wally, esfregando os olhos circundados por duas bochas negras, herança das frequentes ressacas de vodca soviética legítima.

— As demissões são freqüentes e os desempregados já são muitos. Não há uma única família que não enfrente dois ou três dramas pessoais com os demitidos. São uma praga social. E são os que estão empregados que acabam suportando o peso das despesas familiares. Estão sob pressão, não agüentam mais. A greve, pela primeira vez, ganhou o consenso familiar. Estão todos convencidos que é melhor parar e resolver de uma vez com tudo do que correr o risco de ter mais um desempregado amanhã.

— O quadro não é tão sério, contratamos e demitimos de acordo com as necessidades das empresas, o comportamento das vendas — justificou Luisinho, retirando um gráfico da pasta a sua frente. — Os indicadores demonstram que o desemprego não atingiu a 13 por cento nos últimos dois meses.

— Até pode ser verdade, mas duvido muito — “Bruto” alterou ligeiramente seu tom, procurando firmar posição.

— Os números estão aí — o empresário estendeu a folha de papel mas o líder metalúrgico não a recebeu.

— As fábricas utilizam o quadro de desemprego para reduzir suas despesas com pessoal. Demitem os de salários mais altos e contratam outros, por menos. Isto está acontecendo constantemente. O salário médio caiu em 50 por cento nos últimos seis meses — foi sua

vez de retirar um gráfico do bolso, uma lauda de papel ofício amarrotada com os números a lápis.

O empresário também não demonstrou interesse por seus dados, preferindo recolher seu bem-elaborado levantamento estatístico, impresso em off-set em papel couchê. O general jamais conseguira entender um gráfico na sua vida e optou por ignorar aquelas duas versões cifradas da mesma realidade:

— Temos que encontrar uma solução rapidamente — cortou solene — ou as conseqüências serão drásticas.

Pronunciou as últimas palavras ameaçadoramente, fixando a ala das lideranças dos trabalhadores, sentados à sua esquerda. O “Bruto” não se intimidou, porém:

— Drásticas para quem, general? — indagou mordaz.

— Se for preciso usar a força... — começou o militar.

— Pois use — o sindicalista abriu os braços, um sorriso largo sob a barba crespa e negra — será um favor para nós todos.

O velho Madalena titubeou, confuso. Bafejou sobre as lentes dos óculos escuros que usava até mesmo em recintos fechados e procurou o lenço no bolso das calças para limpá-las. Continha a fúria, precisava de tempo para pensar já que aquele maroto fazia pouco caso de suas advertências. Talvez fosse mais prático mandar enjaulá-lo, parecia mais um urso peludo fedorento com aquela enorme barba e ficaria bem atrás das grades. Mas duvidou que isso contribuísse para acabar com a greve, pelo contrário.

— O senhor não teme as conseqüências?

— General, como já lhe disse e o senhor está cansado de saber, perdemos o controle da situação. A greve é um movimento que conta agora com seu próprio comando, sua própria coordenação. Não é mais um movimento de sindicatos. É uma greve geral, da população contra o governo. Se o senhor partir para o emprego da força talvez todos se voltem novamente para os sindicatos. É só uma idéia.

— Uma péssima idéia, general, não lhe dê ouvidos — apartou Luisinho, secundado pelo presidente dos comerciantes, Lúcio Flávio Parente.

Madalena ficou realmente confuso. Agora, os líderes patronais recomendavam comedimento e os trabalhistas aceitavam a violência. O mundo estava dando muitas voltas, pensou. Parente tomou a palavra, resolutivo:

— Qualquer radicalismo poderá piorar as coisas. Os ânimos estão exaltados. Se houver quebra-quebra, os maiores prejudica-

dos seremos nós. Quem vai repor nosso patrimônio, depois, se o vandalismo atingir lojas, agências bancárias, fábricas, veículos, tudo o mais? Já temos sofrido muitos danos. Teríamos que ter tropas permanentemente nas ruas, controlando tudo. Seria inviável.

— O caminho é o da negociação — acrescentou Luisinho.

— Mas negociar o que e com quem? — duvidou o general.

— Devemos adotar outra estratégia — conciliou Parente.

O comandante levantou-se e deu a reunião por encerrada com um mero aceno de cabeça. Um oficial com galões ao ombro puxou sua cadeira, outro abriu a porta por onde retirou-se seguido por um grupo de membros do seu Estado Maior que assistira o encontro. Representantes de patrões e empregados levantaram-se de uma só vez. Luisinho e “Bruto” mirando-se intensamente:

— Os tempos são outros, doutor, depois de tantas contemporições e adiamentos comprometeu-se a confiança nas instituições — disse o sindicalista.

— Veremos — sustentou Luisinho, tomando Parente pelo braço e conduzindo-o para um canto da sala enquanto os demais retiravam-se.

Na juventude, Luisinho exercera invejável liderança na sua faculdade. Formara-se em sociologia e circulava, então, nas rodas de estudantes mais liberais. A fortuna e a projeção no mundo dos negócios vieram muito tempo depois, propiciadas pelo casamento com a filha de um importante industrial, fabricante de máquinas agrícolas. Conhecera a moça na França, quando fazia seu curso de mestrado na Sourbonne. Diante do fato consumado, o sogro, homem atilado e experiente, resolveu aproveitar o rapaz na sua empresa. Colocou-o como assessor de comércio internacional, beneficiando-se de seus conhecimentos de línguas estrangeiras e nível cultural, e, depois, gradualmente, à medida que notara seu interesse pela fábrica, foi promovendo-o a outras funções. Quando constatou a facilidade de relacionamento com os funcionários, entregou-lhe a diretoria de recursos humanos e, finalmente, uma vice-presidência do grupo. A política permanecia no sangue desde a iniciação nos movimentos estudantis, de modo que Luisinho não teve dificuldades em destacar-se no sindicato patronal do setor e, em conseqüência, na própria Federação. Acabou como presidente da entidade, assumindo a liderança num momento delicado para a economia da região.

Parente herdara uma rede de lojas de artigos de vestuário do pai, comerciante tradicional na capital, e limitara-se a transferir

para os empreendimentos da família os conhecimentos adquiridos em muitos cursos no exterior, principalmente na área de marketing e informática. Suas unidades estavam dotadas dos mais modernos sistemas de computação, controlando estoques, vendas, preços e garantindo rendimentos formidáveis e crescimento constante mesmo num segmento afetado pela recessão. Durante as crises, somente os mais fortes sobrevivem, aprendera ele, aplicando o máximo esforço para ficar entre aqueles que resistiram à onda de falências e concordatas. Cada loja fechada era um concorrente a menos, raciocinava, embora o cargo de presidente da Federação do Comércio exigisse constantes manifestações de protesto pela situação. Reclamava da boca para fora, contudo. Pessoalmente, estava convencido de superar a retração do mercado. Até que as balconistas pararam de trabalhar e fora obrigado a fechar todas as lojas para evitar a depredação dos piquetes grevistas.

— Precisamos nos mexer, esses milicos podem acabar complicando ainda mais a coisa — confidenciou a Luisinho.

— Tenho algumas idéias, vamos para a Federação conversar — disse o outro, referindo-se à sede da sua entidade.

— Está bem, estou indo para meu gabinete e te espero lá — cortou Parente, transferindo o encontro para seu próprio terreno.

Luisinho percebeu a tática mas não protestou. As duas entidades sempre concorreram pela liderança do meio empresarial e não seria o caso, naquela ocasião, de discutir sobre a conveniência desta ou daquela sede. Diplomáticamente, aceitou a transferência.

— Estarei lá em cinco minutos. Vamos convidar o pessoal dos bancos e da Federação da Agricultura — sugeriu.

— Tudo bem, devem estar esperando o elevador — aquiesceu Parente.

Em questão de minutos, os representantes dos patrões voltavam a reunir-se sem a presença dos trabalhadores ou dos militares, convencidos de que teriam de encontrar a solução sozinhos.

Os cabelos loiros, presos num eterno rabo-de-cavalo no alto da cabeça, os olhos de um azul esverdeado cintilando desafiadores seu estigma escorpiano, roupas sempre muito coloridas e esportivas, invariavelmente de tênis e nenhuma pintura no rosto, Marisa despertava jovialidade e entusiasmo. Com um sorriso franco, capitaneava a equipe de vôlei do seu clube, nadava na piscina com suas sobrinhas e dava suas aulas na escola pública municipal, como professora cedida pela Secretaria de Educação e Cultura num convênio com a Prefeitura de Santiago.

Tivera um namorado firme desde os 15 anos, Marcelo, filho de um rico proprietário de terras. Mas o rapaz completara o secundário e fora para Pelotas, para a Escola de Agronomia. Gradualmente, fora espaçando suas visitas à cidade natal. No início retornava à cada fim de semana, depois uma vez por mês; enfim, acabou por cruzar praticamente todo um semestre sem aparecer ou escrever, ignorando até mesmo os grandes feriados.

Marisa já não estranhava, contudo. O comportamento geral de Marcelo começara também a mudar, pouco a pouco. Os cabelos cresceram, trazia sempre uma barba desganhada e calças de brim desbotadas. Certa ocasião, trouxe maconha e ela experimen-

tou num dos encontros furtivos, dentro do carro do pai dele, numa estrada secundária. Ela concordara em fazer sexo ao completar dezessete anos, alguns dias depois do carnaval, temendo perdê-lo para uma amiga que dera em cima durante todo um baile. Depois, arrependida, procurava reduzir as relações mas ele era muito insistente. Quando ele foi para Pelotas, ela sentiu-se aliviada. Aquele ato sexual apressado em bancos traseiros de um automóvel corrompia suas fantasias e expectativas sentimentais. Terminou o namoro com uma carta, conciliando uma ponta de alegria e outra de tristeza no fundo da alma.

Ficou quase dois anos sem um namorado, lendo muitos romances nas horas vagas, freqüentando o cinema com assiduidade e acompanhando a novela pela televisão. Uma cidade do interior pode propiciar um isolamento quase completo quando se evita as rodinhas de amigos, as reuniões dançantes na boate do clube e os passeios pela rua principal nos domingos. Quando estourou a greve do magistério, porém, aderiu de imediato e passou a participar das reuniões do comitê local, predispondo-se a confeccionar cartazes, faixas e, até mesmo, a pixar muros na madrugada.

Com o carro do pai, bancário aposentado, conduzia um grupo de amigas uma noite. Haviam escolhido uma parede branca, cercado um terreno baldio próximo à praça principal. Rosane e Vera, suas companheiras, desceram com o balde com tinta e começaram a tarefa com duas brochas. Marisa impacientou-se aguardando na direção e pediu para trocar. Sua prima Vera tomou seu lugar e ela foi trabalhar o muro. Ficava numa esquina. A outra face ainda estava descoberta e ela imaginou um grande letreiro, “respeite quem lhe deu educação”, ou coisa do gênero:

— Eu vou pegar deste lado — avisou, dobrando na esquina.

Estava no fim da panfletagem, ocupara quase vinte metros de muro, quando um carro esportivo negro estacionou na beira da calçada e um homem gritou:

— Cuidado, a polícia está vindo aí.

Marisa ouviu o ranger de pneus no outro quarteirão e correu para o seu carro mas Vera já ligara o motor e arrancara com Rosane batendo a porta do outro lado, disparando rua afora. Sirene ligada, uma caravan preta e branca seguiu em seu encalço e ela se espremeu contra um poste para passar despercebido. O homem do carro negro, sorrindo, abriu a porta para ela:

— Entre, vamos atrás delas.

Tinha um aspecto jovial, a pele bronzeada, roupas caras, ar de gente de fora. Nunca o vira antes mas parecia simpático e confiável. Sentou-se ao lado, ainda não recuperada do susto:

— Aquele carro é meu. Quero dizer, é do meu pai.

— Vamos lá, talvez elas consigam escapar.

Ele se apresentou como Paulo Roberto, apenas. Sim, não era de Santiago. Acabara de chegar, ficaria trabalhando na cidade por uns tempos. Quantos? Nunca se sabe, respondeu com um suspiro. Talvez o resto da vida se me apaixonar por uma moça da cidade, brincou. Ela não gostou da resposta, desviou o assunto:

— Será que vão prendê-las?

— Por pixar um muro? Não. Estão só dando um corredão.

Notou seu sorriso franco e percebeu, ao entrarem na avenida principal, onde a iluminação pública espalhava postes com lâmpadas fluorescentes a cada cem metros, que não era tão jovem quanto representava à primeira vista. Trinta anos, talvez. E não usava aliança. Um homem, pensou consigo mesma, sentindo a pressão das coxas na própria mão que deixara repousada no colo. Retirou-a com pressa e apontou para o carro estacionado na esquina, cercado por dois policiais. A camioneta preta e branca parara logo adiante. Paulo Roberto estacionou e abriu a porta do carro:

— Espere aqui, eu resolvo isso.

Caminhou até os guardas apresentando uma carteira verde que tirou do bolso. Recebeu as continências de praxe e trocou poucas palavras com a dupla. Eles se afastaram incontinenti. Paulo Roberto deu algumas instruções rápidas para Vera e retornou.

— Meu carro — reclamou Marisa quando ele tornou a sentar ao seu lado.

— Pedi que ela o levasse até sua casa. Eu a sigo e assim posso conversar um pouco mais com você — ele explicou colocando o veículo em marcha para seguir o outro.

Os policiais partiram, batendo continência com ar acabrunhado. Marisa suspirou, recobrando o domínio:

— Puxa, você é da polícia federal ou qualquer outra coisa assim? Aposto que é agente do SNI.

— Não — ele sorriu — sou oficial do Exército, acabei de ser transferido para cá.

— Um tenente? Esses rapazes metidos a conquistadores estão chegando todo o ano a Santiago.

— Pelo que sei, chegam solteiros e muitos partem casados.

Acho que os conquistadores não são bem eles — brincou.

— Oh, não existem muitos bons partidos na cidade, a gente faz o que pode — ela colocou desafiadora.

Ele respondeu a seu olhar provocante com um ar sério, inquiridor. Ela gelou no íntimo, avaliou seu porte atlético, os dentes perfeitos, o rosto com um queixo quadrado e as covinhas que se formavam nas faces bem barbeadas quando sorria. E corou:

— Você foi legal, obrigado pela força.

Vera conduziu o carro até sua própria casa, morava com os pais num casarão branco dominando o centro de um grande jardim. Desceram felizes e Marisa fez as apresentações. Esse é Paulo Roberto, coisa e tal, Marisa, Rosane, minhas amigas, professoras na escola onde leciono, estamos em greve, íamos pixar uns muros mas por hoje chega.

— Você chegou na hora, os homens estavam nos passando um sabão daqueles. Disseram que iam nos levar para a delegacia — disse Rosane.

— Já pensou, passar a noite numa cela? — Vera encarava coquete seu salvador, procurando valorizar seu feito.

— Por hoje chega, vou devolver o carro para papai — Marisa preparava-se para bater em retirada.

— Vamos entrar, os velhos já devem estar dormindo mas posso fazer um chá ou servir uns drinques — ofereceu Vera esperando a reação de Paulo Roberto.

Mas ele preferiu encarar Marisa. Ela baixou os olhos confusa. No fundo, gostaria de ficar mas tinha o problema do carro. O pai não dormiria antes de colocá-lo na garagem e passar um pano para tirar a umidade. Sempre fora assim, zeloso com seus amados automóveis.

— Eu não posso — desculpou-se — está tarde.

-- Você não entra, Paulo Roberto? — Vera ostentava seu sorriso mais provocante mas ele driblou a insinuação.

— Não, obrigado. Tenho que estar cedo no quartel, amanhã.

Despediram-se. Ela arrancou e ele seguiu poucos metros atrás. Quando ela parou em casa, ele desceu e veio até a porta do seu carro.

— Você não se incomoda se eu aparecer por aqui qualquer hora dessas?

— Será um prazer — respondeu, baixando levemente a cabeça quando ele se curvou e depositou um beijo suave na sua testa. Ela

retribuiu com um sorriso e havia mútua compreensão pelo gesto quando ele se foi.

— Tchau — despediu-se ele — foi um grande prazer.

Quando Olavo e Conceição retornaram ao acampamento com a novidade do atrito entre guarnições militares, todas as caras se puseram em espanto e os olhares em dúvidas. Obviamente, após prévia combinação, eles não revelaram que a fonte da informação seria uma bichona escabrosa que tinha um caso com um suboficial brigadiano. Alegaram ter ouvido a história do próprio sargento Gutto e, para dar ainda mais autenticidade, promoveram-no por conta própria a coronel Augusto. Ainda assim, nem todos acreditaram. Nestor Pedreira interpelou-os com a delicadeza filha da tradição hospitaleira da região:

— Olha aqui, seus bostas, se andaram bebendo pela cidade e agora nos empurram histórias para justificar o abandono do acampamento, eu passo o relho nesses bigodes.

— Acho que temos é que nos botar em campo para ver de que lado a cobra sibila seu sino — retrucou Olavo. — Para onde foram os milicos que cruzaram aqui?

— Para as bandas de Uruguaiana — apontou alguém.

— Então vamos mandar alguém atrás, vamos ligar para cada cidade, vamos ver o que está acontecendo — sugeriu Conceição.

— E pra quê? Temos condições, por acaso, para interferir em

briga de tropas com tanques e canhões? — cortou Nestor.

— E por que não? Acho que não podemos mesmo é ficar perdendo tempo. Devíamos é ir ajuntando nossa gente, preparando nossos trabucos e ir tocando lá para a fronteira — defendeu Olavo.

As idéias brotavam aceleradamente em sua cabeça, num ritmo tão febril que não conseguia mesmo articulá-las com precisão. Entendia que se houvesse um choque entre forças do Exército é porque algum grupo estava se rebelando contra o governo central. Nesse caso, raciocinava, os regimentos deslocados da Capital estavam marchando para sufocar estes rebeldes. Para evitar o massacre seria imprescindível organizar a população para apoiá-los e os agricultores e fazendeiros eram os únicos com capacidade para arrematar homens e armas em quantidade e com rapidez.

Num discurso explosivo começou a conclamar por este apoio para os arroteiros que integravam o piquete, lideranças natas de cada município. Nestor, que a princípio estava desconfiado, de repente abraçou a nova perspectiva com a esperança de quem já havia torrado a paciência jogando truco naquele acampamento improvisado.

— Companheiros, não temos nada a perder. Ficar aqui não vai adiantar nada, já não vem mais nenhum caminhão com arroz mesmo. Vamos tocar para a fronteira e recrutar o maior número possível de gente no caminho.

— E se não houver rebuliço nenhum entre os milicos? — consultou um fulano qualquer.

— Então a gente cria um — bradou Olavo.

A confusão começou na pressa com que barracas foram desmontadas e jogadas dentro de jipes, automóveis e caminhões, todos com gana de partir. Alguns largavam na frente e passavam por Olavo ou Conceição, como se estes fossem os comandantes de uma revolução em marcha, expondo seus planos.

— Vamos até Pedro Osório, depois cortamos por Piratini e saímos em Bagé — dizia um.

— Vai em frente — ordenava Olavo.

— Vamos pegar um pessoal em Rio Pardo e depois seguimos por Santa Maria — explicava outro.

— Vai em frente.

— Tô largando para Canguçu, depois pego uns parentes de Lavras do Sul e sigo para São Gabriel — afirmava um tauro de lenço colorado no pescoco.

— Vai em frente.

— Vou a Soledade, de lá a Cruz Alta, arrebanhando tudo o que posso pelo caminho — frisava um cruzaltense.

— Vai em frente.

Olavo dava uma única instrução. Elegera a cidade de Cacequi como ponto de junção de todos esses roteiros. Em 48 horas, o Estado inteiro seria percorrido com a nova gauchada conclamada a tomar o rumo de Cacequi, uma concentração urbana no meio do pampa, ponto estratégico de importância para se atingir qualquer município da região fronteira, de São Borja a Santana do Livramento, por guardar distância semelhante de cada um deles. Seu plano era simples. Para o ponto de convergência deveriam seguir os veículos motorizados com o máximo de gente possível. As carrocerias dos caminhões deveriam ser cobertas por lonas para não chamar a atenção. Mas deveriam permanecer, em cada município, homens instruídos para continuar a convocação e preparar ainda uma nova leva de reforço. Deveriam estar prontos a marchar a cavalo, se preciso fosse.

Olavo despachou três carros leves com quatro companheiros em cada, para seguirem à frente, pela rodovia federal, na direção de Uruguaiana, procurando estabelecer contato com a caravana militar. Ele e Conceição seguiriam no mesmo sentido com o resto do pessoal, quase duas centenas de carros, camionetes e caminhões que constituíam aquele acampamento de protesto. Seguiriam direto para Cacequi, onde aguardaria os demais enquanto seus patrulheiros colheriam informações na região.

A coluna movimentava-se com rapidez, o impulso pela ação, a quebra daquela rotina torturante das últimas semanas alastrara-se epidemicamente. Ninguém questionara coisa alguma, nem mesmo a total inviabilidade de enfrentamento armado. No caso, espingardas e revólveres resultariam completamente inúteis diante do equipamento militar, mais sofisticado e potente. Mas Olavo não esperava um confronto nos moldes tradicionais. Durante o trajeto, expunha para Conceição e Nestor, que o acompanhavam na camioneta, sua análise da situação:

— Se estão enviando para a região grande número de soldados e tanques e tudo o mais para conter uma revolta e não divulgaram, até agora, esse levante militar, então é porque esperam resolver a questão sem troca de tiros. Tentarão conseguir uma rendição pela pressão. Do outro lado, o que teremos? Um regimento, talvez dois.

que resolveu sair dos eixos. Não têm muita força, nem conseguiram colocar no ar um manifesto, de modo que poderão se submeter diante da expressão numérica do inimigo — falava sem tirar os olhos da estrada.

Conceição acompanhava seu raciocínio sem a menor dificuldade, sua cabeça parecia trabalhar no mesmo sentido, completava as frases instantaneamente, deixando Nestor sem fôlego para acompanhar a conversação:

— Aí entramos a desfilar com nossa gente. Seremos em maior número. Pressão contra pressão até que a panela estoure — acrescentou Conceição.

— Mas ninguém tem interesse numa explosão — adiantou Olavo — de modo que cada um ficará estaqueado na sua trincheira. Poderemos trocar alguns tiros mas não haverá nenhuma manobra radical, do tipo terreno arrasado. Afinal, estamos em nosso próprio país, nenhum idiota abraçará a responsabilidade de ter começado uma guerra civil. Então, o governo terá de negociar.

— Sempre esperamos por isso, no íntimo estávamos aguardando algo assim. Mas eu acreditava que a repressão seria contra nós, os manifestantes, não dentro do próprio Exército — seguia Conceição.

— Melhor assim, teremos alguns tanques do nosso lado, espero — estimava Olavo.

Nestor começou a fuçar nos botões do rádio, procurando uma estação que apresentasse algo além de música. Ouviram roques em inglês, muitos conjuntos estrangeiros com a barulheira de sempre, metais pesados, guitarras estonteantes:

— Agora não tocam mais rancheiras em parte alguma — reclamou Conceição — até a emissora mais interiorana se rendeu para os gringos.

— Já se consegue pegar alguma estação da fronteira, Alegrete ou Uruguaiana? — indagou Olavo.

— Não, mas se pega a Imembuy, de Santa Maria — disse Nestor, sintonizando uma canção de protesto pelas criancinhas famintas da África; em inglês, logicamente.

Olavo teve um estalo. Tão logo se tivesse um quadro mais exato da situação, as emissoras de rádio deviam ser tomadas, formando uma cadeia independente. Dessa forma, a mobilização seria ainda mais rápida e eficiente:

Não existe um peão de estância que não tenha um radinho de

pilhas preso à cela, junto ao laço. Vamos formar a maior cavalaria que esse Estado já viu marchar por seus campos — bradou Olavo, tascando a palma da mão na direção.

— É isso mesmo que vamos fazer. E vamos tirar do ar todas essas músicas idiotas — exultou Conceição, passando a cantarolar o velho Hino da Legalidade.

Pelo espelho retrovisor, Olavo percebeu a grande caravana de veículos formada no seu rastro, furgões, carros de passeio, caminhões de transporte de gado agora carregando homens, uma coluna perdendo-se no horizonte. À sua frente, a estrada sinuosa começava a empicar no início da serra. Rodovia praticamente deserta, uma charrete cruzando pela beirada no sentido oposto, um fuquinha branco despontando ao longe, em sua direção, com os faróis acesos apesar da manhã ensolarada. Estacionou à margem da estrada e fez sinal para que os demais fossem em frente. O carro trazia de volta um dos patrulheiros que despachara na vanguarda. O rapaz subiu na camioneta, os quatro ficaram apertados na cabine, e Olavo retomou o caminho.

O governador Jatahy estirado sobre seu sofá, um copo com gelo seguro sobre a testa, estava ligeiramente decomposto, certamente perdera o ar de impecável almofadinha da década de 50. Maluz estava com a boca amarga e ressequida, como depois dos piores porres, manuseando alguns papéis sobre sua escrivaninha de dois metros quadrados. Num deles, anotações para uma reunião que não chegara a realizar com o diretor do mais importante jornal do Estado, um dos poucos a restar depois da quebra sistemática das mais importantes publicações. Trazia uma relação das principais manchetes durante cerca de duas semanas e Maluz queria discutir seu teor. Tencionava reclamar pelo tom negativista das chamadas e exigir que a publicação adotasse uma linha editorial mais comedida. Sua agência representava as maiores contas publicitárias do país e uma opinião sua tinha o peso de uma ordem inquestionável em qualquer redação. Maluz releu as manchetes:

MUTUÁRIO EM ATRASO PERDERÁ SUA CASA.

JATAHY NEGA AUMENTO AOS PROFESSORES E AO FUNCIONALISMO.

INFLAÇÃO DE 25% ESTE MÊS.

INTER E GRÊMIO FORA DO CAMPEONATO NACIONAL.

MINISTRO DA AGRICULTURA AMEAÇA IMPORTAR AR-ROZ.

AUMENTA ALÍQUOTA DO IMPOSTO DE RENDA.
REFORMA TRIBUTÁRIA SOMENTE NO PRÓXIMO ANO.
CHEGA HOJE PRIMEIRO LOTE DE CARNE URUGUAIA.
PÓLO PETROQUÍMICO DEMITE DUZENTOS.
PREÇO DO CARVÃO GAÚCHO NÃO É COMPETITIVO.
FECHADA AÇOS FINOS PIRATINI.
BOLSA DO EXTREMO SUL EM SUA MAIOR BAIXA.
MERIDIONAL ENCERRA EXERCÍCIO COM PREJUÍZO.
QUEBRA DE 40% NA SAFRA DE SOJA.
GEADAS COMPROMETEM LAVOURA DE MILHO.
DESABRIGADOS PELA ENCHENTE JÁ SÃO QUARENTA MIL.
JATAHY ATRASA FUNCIONALISMO NOVAMENTE ESTE

MÊS.

DELEGADOS DE POLÍCIA TAMBÉM ENTRAM EM GREVE.
MERIDIONAL DEMITE MAIS QUINHENTOS.
PRESTAÇÃO DA CASA PRÓPRIA SOBE 250% NO SEMES-

TRE.

DEPUTADO EMPREGA 12 PARENTES EM SEU GABINETE.
BISAVÓ DO DEPUTADO PEDE DEMISSÃO.
DESABRIGADOS PELA ENCHENTE JÁ SÃO SESSENTA MIL.
MAIS DE CEM MIL MUTUÁRIOS RECORREM À JUSTIÇA.
MORDOMIAS NA COMPANHIA DE ENERGIA ELÉTRICA.

Colocou a lista de lado. Agora seria inútil, tarde demais, estava tudo fora de controle. Imaginou que no dia seguinte a invasão do Palácio Negrinho do Pastoreio seria noticiada em letras garrafais na primeira página e que as televisões e as rádios, até então silenciadas, passariam a cobrir os acontecimentos. Era urgente, imaginou, articular alguns planos capazes de desviar a opinião pública de uma reação em cadeia anti-governamental. Mandou chamar seus principais assessores.

Enquanto o governador ressonava em seu gabinete, Maluz tomou providências. Um grupo de capangas praticaria determinados atos de vandalismo que um experiente fotógrafo registraria para divulgação. Algumas vitrines quebradas, um ou dois carros incendiados, alguém arrancando um quadro famoso das paredes do palácio, enfim, meia dúzia de cenas escabrosas para ilustrar um texto previamente preparado. Maluz já imaginava as manchetes: "MINORIAS AGITAM O ESTADO".

— E nem podemos culpar os comunistas, o partidão está com o governo, foi contra as greves desde o início — lamentou o publicitário.

A matéria apontaria organizações tradicionais de esquerda, vanguardas e frentes populares de outros tempos mas que ainda emprestavam suas siglas e bandeiras para os comícios e pixações de rua. E algumas lideranças sindicais ligadas a estes grupos, obviamente. O governador faria uma manifestação pela paz e estenderia as mãos para reinício das negociações, desde que todos voltassem ao trabalho. Sua saída apressada do palácio surgiria como um lance estratégico que evitara derramamento de sangue inocente. O principal redator da Mepela, um escritor de renome, foi encarregado de preparar a versão que seria divulgada pelos jornais.

— E a TV? — lembrou um dos assessores.

— Podem usar as mesmas fotos. Mas nada de filmes ou VTs — ordenou Maluz.

— E sobre a Brigada, o que dizemos? — voltou a indagar o mesmo funcionário.

— Nada. Por enquanto, nada. Esqueçam que esses caras existem, oquei? — cortou o empresário.

Toda a agência se pôs ao trabalho. Uma equipe de produção saiu com o fotógrafo. Os capangas encarregados da depredação seguiram em outro carro. Passaram por uma loja, uma pedra voou contra uma vidraca. Adiante, um carro do serviço público estacionado foi virado rapidamente por quatro homens. Em segundos, o tanque explodia espalhando labaredas de fogo por dois veículos vizinhos. A máquina fotográfica registrava. No palácio, já invadido pelos manifestantes, o fotógrafo escondeu a máquina sob o blusão. Seguiu um dos depredadores até uma parede coberta pela obra que dava nome ao palácio, uma das telas contando a saga do Negrinho do Pastoreio. Uma navalha cortou ao meio e a teleobjetiva guardou o feito histórico, tendo o cuidado de enquadrar o autor pelas costas. Repetiram o feito em outro quadro, alguém notou e o sujeito da navalha foi seguro por populares. O fotógrafo não foi dedado e saiu despercebido. Já tinha material suficiente para ilustrar a invasão.

Maluz, nesse meio tempo, providenciava uma reunião urgente com empresários de origem alemã. Eram homens distantes, sisudos em seus ternos escuros, fechados numa comunidade muito restrita que o publicitário, de uma maneira geral, evitava. Mas tratava-se de uma emergência. Vieram apenas quatro deles mas Maluz não ig-

norava que eram os mais significativos e falavam pelos demais naquela sociedade ainda presa a rígidos padrões hierárquicos. Ernest Volk, dono das Casas Cascalho, cuidava das finanças da organização, um homem de aparência comum, cabelos muito negros e lisos e um bigodinho curto. Com ele, Federico Kurt, ex-cônsul para-guaio, aposentado depois de vender sua fábrica de cerâmica, o encarregado da parte operacional. Carlos Reighantz, jornalista, assessor de um grande grupo siderúrgico, tendo ao seu lado Fred Sturmhoebel, um dos diretores desta mesma empresa, fechavam a comitiva.

O publicitário sabia que estava tratando com gente muito especial, personagens submetidos a uma dura disciplina existencial, apegados a valores do passado mais do que à própria vida. Muitos guardavam em suas residências, no fundo de baús carcomidos pelo tempo, fuzis, capacetes, uniformes, medalhas e insígnias da Segunda Grande Guerra. Em datas significativas, chegavam a envergar suas túnicas negras e cantar antigos hinos na língua pátria. Sua organização estendia-se por todo o cone sul, Uruguai, Argentina, Paraguai, Chile, quicá pela Bolívia, mas os cabeças estavam ali mesmo, à sua frente. Gente de aparência muito comum mas capazes de executar projetos muito incomuns.

— A situação atinge um quadro muito grave — começou Maluz — e precisamos tomar algumas medidas urgentes.

— Por nossa vontade, teríamos interferido antes, mas os militares nos forçaram ao total ostracismo desde que resolveram promover esse inviável projeto de abertura política — frisou Volk, acentuando as palavras finais.

— Eu sabia que acabaria nessa bagunça — acrescentou Kurt.

— Temos que tomar providências drásticas — acentuou Maluz.

— E que garantia teremos? — cortou Volk.

— Os militares enfrentam grandes problemas, está havendo uma ruptura na ordem interna. No momento, estão totalmente paralisados no que se refere à situação civil — o publicitário colocava ênfase no que dizia.

— Mas quando tudo se normalizar... — começou Volk.

— Terão um pleito de gratidão para com os senhores — insistiu Maluz.

— Ainda assim, correremos riscos — disse Kurt. — Se o governo restabelece a ordem no Estado, ficaremos a mercê dos demagogos

de sempre. Se surgir um novo governo, revolucionário, seremos caçados. Sempre acabaremos pagando o pato.

— E pretendem ficar sentados, esperando? — recuou Maluz, aguardando a reação.

— Talvez — insistiu Kurt.

A porta abriu-se e o governador entrou na sala, expressão sorridente, apertando a mão de cada um dos presentes. Depois, parou frente a Volk, encarando o velho migrante com malícia:

— Então, já acertaram tudo — esperou um sinal de aquiescência geral que não veio mas continuou com seriedade — Muito bem, sei que não me desapontarão. Quero que ponham fogo no circo, entenderam bem? Vamos sacudir um pouco o coreto dessa gente. Os senhores têm gente para isso, pessoal experiente. Podem trazer de onde quiserem. Se precisarem de um avião, dinheiro, acertem tudo com Maluz.

— Seria preciso algum tempo — Kurt procurou tomar a palavra mas o governador foi incisivo.

— Então, andem rápido. Já tomaram o legislativo, o palácio, o Exército está envolto em seus próprios problemas, a Brigada não quer interferir. Portanto, tratem de agir com rapidez, certo? — Jatahy estendeu a mão para Volk, deu um aceno de despedida aos demais e abandonou a sala intempestivamente.

Volk encarou Maluz por alguns segundos e desviou o olhar ao notar o ar de cinismo do publicitário, um sorriso debochado no canto do lábio rapidamente disfarçado:

— Ouviram o governador — salientou.

— Foi um prazer — Volk despediu-se e seus alemães o seguiram silenciosos.

PARTE QUINTA

"Na lucta econômica é que se revela bem o mérito dos nossos antepassados, sejam nascidos na América ou em ultramar".

"História da Grande Revolução", Alfredo Varela

Beto encontrou um invólucro de sopa de cebola num armário. As instruções mandavam juntar um litro de água e levar ao fogo. Misturou o pó e por precaução, já que encontrara algumas cebolas na cozinha de Maria, descascou-as e levou-as à panela. Garantia assim uma genuína sopa de cebola que o velho Bezerra sorveu antes de pegar no sono. Era noite, Beto vestia um blusão de lã de Maria que encontrou na cesta de roupa suja do banheiro. Ainda trazia o perfume dela e estava mais limpo do que suas roupas. À tarde, tomara banho e lavara suas cuecas na pia, colocando para secar na área de empregada. Usou suas próprias calças, ainda amarrotadas e encardidas pela poeira do parque onde os soldados o arrastaram. Mas o blusão com o cheiro dela irradiava uma sensação de pureza infinita e ele se sentiu bem quando desceu para a praça.

Quando caía a noite, o movimento dos manifestantes reduzia-se sensivelmente. Abriam-se claros para rodas de chimarrão e se podia ouvir um violão entre um grupo de jovens que rodeava uma pequena fogueira armada na beira da calçada, numa esquina da Praça. Beto recordou da primeira vez em que cruzara pelo centro da cidade, à noite, quando pegara o ônibus após o trabalho para fazer um pouco de turismo de pobre, caminhar nas calçadas da cida-

de grande e admirar as vitrinas com roupas e calçados que jamais poderia comprar. Numa loja, um par de sapatos negros custava exatamente seu salário líquido após o primeiro mês de trabalho. O movimento noturno, então, era muito estranho: pivetes, travestis, garotões em camisas apertadas de malha e homens maduros, aparência discreta, alguns até mesmo de terno e gravata, que paravam nos portais dos prédios comerciais fechados àquela hora e faziam psiu-psiu para os rapazes.

A população resgatara o centro com sua rebeldia. Mesmo com aquela massa em pé de guerra tomando a Praça, Beto sentiu-se mais seguro e confortável do que quando transitara, naquele primeiro passeio, entre olhares insinuantes dos homossexuais declarados e os chamamentos acintosos dos enrustidos.

Aproximou-se da fogueira e notou que estavam sendo queimadas coleções encadernadas do Diário Oficial do Estado. Uma pilha delas quedava ao lado de uma árvore, esperando o momento de alimentar o fogo onde uma chaleira de ferro repousava, esquentando a água para o chimarrão. Um rapaz de barba rala folheava alguns exemplares displicentemente e de repente chamou a atenção da roda:

— Olhem só o que achei — exibiu uma página de decretos do executivo — é um ato do próprio Jatahy, ele se aposentou como funcionário público tão logo assumiu o cargo de governador.

— É, originalmente ele estava lotado numa repartição qualquer mas nunca ninguém o viu trabalhar — comentou o velho que alcançava a cuia para o vizinho.

— Se não é novidade... — o volume foi arremessado à fogueira.

Beto circundou a roda e aproximou-se de um grupo onde identificou uma figura familiar. Era o médico que o havia tratado e cuidado de Bezerra. Honscha o recebeu com um aceno de mão:

— Como é que estás? E o velho?

— Ficou dormindo mas está melhor. Parou de se queixar das dores depois que tomou o remédio que dona Maria levou.

— Ela conseguiu? Ótimo. Ele vai dormir a noite toda. E você, ainda dói muito?

— Um pouco — Beto fez uma careta de pouco caso.

— Bom — exclamou Honscha, apresentando-o a um grupo de professoras em que enturmara. — Esse é o Beto, levou uma surra dos milicos.

— Eu vi quando ele chegou na Assembléia — recordou-se uma

delas. — Você estava mal mesmo. Já deu para se recuperar para outra?

— O doutor já botou tudo no lugar. Estou pronto para ser quebrado de novo — brincou ele.

— Você é médico? — a moça o olhou com surpresa.

— Eu me formei mas nunca exerci. Comecei a praticar com o Beto — Honscha retraiu-se um tanto e ameaçou escapar. — Vou dar uma circulada — justificou.

— Vou com o senhor — disse Beto demonstrando disposição em segui-lo.

Ao lado do operário, Honscha sentiu uma maior integração com o meio. Enquanto conversava com as jovens professoras presentira apenas a jocosidade de mulheres bonitas que se sentem assediadas por um homem. Quando o Beto o apresentou como seu salvador, porém, percebeu que provocara alguma admiração real nos olhares que o avaliaram e na exclamação de espanto de uma delas. Fugiu por temer as perguntas, que poderiam desvendar sua real identidade e rebaixá-lo imediatamente aos olhos daquelas professoras. Para manter, em seu interior, principalmente, a agradável sensação de reconhecimento público. Não era mais o genro do governador, obsequiado pela inveja e interesses mesquinhos dos que costumam rondar os poderosos atrás de benefícios pessoais. Era Honscha, o médico dos perseguidos, o amparo dos guerreiros que enfrentavam as tropas do governo central.

Na porta do palácio, a interpelação curiosa de Maria o recolocou em seu lugar:

— O senhor ainda por aqui? — ela o examinou de cima a baixo, acintosamente, revelando sua estranheza em encontrá-lo naqueles trajes.

— Vim ver se ainda precisam de alguma coisa — ele atalhou com ligeiro nervosismo.

— É oficial? — indagou ela — Porque, se for, posso lhe entregar uma lista completa de reivindicações.

— É pessoal — Honscha sentiu-se apertado contra a parede, encurralado por aquele sorriso provocante de mulher.

— Mesmo? O senhor está aderindo ao movimento? Quando vai sair nos jornais? — ela persistiu na pressão e saboreou a vitória ao perceber um tremor nos lábios dele.

Honscha passou a mão no cabelo, jogando a cabeça para trás num gesto costumeiro e respirou fundo, recobrando o fôlego:

— Trata-se de um posicionamento ético e não político. Sou um médico e pensei que talvez ainda precisassem de ajuda — retrucou amável. Mas ela não estava disposta à rendição:

— Oh, nesse campo temos uma relação enorme de sugestões.

— Posso contribuir apenas com meu esforço pessoal — insistiu ele, pedindo trégua com um olhar cândido.

— Estamos improvisando um ambulatório no térreo, já transferimos a maior parte do equipamento do consultório para uma das salas. Veja lá se pode dar uma mão.

Acenou afirmativamente e penetrou no edifício. Não teve dificuldades em encontrar a sala. Pelo menos meia dúzia de jovens em jalecos brancos, algumas mulheres entre eles, tratavam de colocar o material em ordem. Médicos recém-formados, residentes ou estagiários no Pronto-Socorro, Santa Casa, ex-militantes do diretório acadêmico da faculdade assumiam o posto provisório. Certamente tinham o direito de estar ali, pensou. Uma médica de cabelos muito curtos aproximou-se dele:

— O senhor é do sindicato dos médicos?

— Não — respondeu ele.

— Quando será que aqueles caras vão aparecer? — ela voltou para o interior da sala.

— Só quando tiver muita grana na parada — retrucou um rapaz sardento com óculos de aros dourados.

Honscha retornou para a rua mas não encontrou Maria. Beto ainda estava por ali, recostado numa coluna.

— E então? — perguntou o operário.

— Por enquanto, eles têm mais médicos do que pacientes. Por isso nunca exerci a profissão — brincou ele.

— Acho uma coisa maluca um sujeito estudar anos e depois nunca trabalhar na sua profissão. O senhor deve ser rico — comentou Beto.

— Não, sou funcionário público — retrucou imaginando que a mentira parcial o isentaria de maiores explicações — e quando me formei esse negócio de ser médico já não era aquela maravilha.

— Sei, a previdência social paga mal. Todos seus colegas doutores se queixam. Mas acho que não é uma questão apenas de dinheiro — disse o rapaz.

— Entrei na medicina um pouco por pressão da família. Minha mãe, principalmente. E também por que não tinha nenhuma outra carreira interessante. Pelo menos, eu não conhecia na época.

— E ser funcionário público — questionou Beto — é uma carreira interessante?

— Pelo menos o dinheirinho está seguro todo fim do mês — as perguntas o importunavam mas ele procurava não demonstrar.

— Sempre a droga do dinheiro — Beto chutou a grama porque naquele momento já caminhavam novamente pela Praça. — Está tudo errado. Pense bem, agora que o governo também está duro e deixou de pagar até mesmo aos funcionários públicos, será que valeu a pena?

— Valeu a pena, o quê? — Honscha sabia o que viria a seguir, em momento algum havia parado para pensar no problema mas agora que Beto começava a colocá-lo percebia toda sua extensão.

— Valeu a pena trocar suas opções de vida para ficar mamando nos cofres do governo?

— Eu faço o meu trabalho, ou melhor, o fazia — fez uma pausa, suas idéias agora voavam longe e emendou alguma coisa somente para não deixar Beto esperando resposta. — Nem todos os funcionários públicos mamam nas tetas do tesouro nacional.

Honscha não tinha mesmo muita certeza disso. Considerava, sem sombra de dúvidas, que muitos prestavam serviços realmente valiosos. Mas constituíam uma minoria se fosse tomado em conta o despreparo de grande parte dos quadros funcionais e a politicagem reinante em cada repartição pública. Lembrou do caso das professoras, das mais de 90 mil supostas mestras que foram cedidas para outros serviços, colocadas à disposição de deputados, empresas estatais, autarquias, qualquer buraco que uma daquelas infelizes descobria para fugir da obrigatoriedade da sala de aula, do controle, fatalmente, que seria exercido sobre ela pelos alunos e suas colegas de magistério.

Milhares e milhares conseguiam postos e mamatas fora da Secretaria de Educação mas continuavam a receber pela mesma. E para as professoras que realmente lecionavam, nunca havia recursos para reajuste de salários e proporcionar melhores condições de trabalho. O governo estadual interferia em vários segmentos da economia onde sua participação não tinha o menor conteúdo social, como a exploração de campings, no litoral, por exemplo, concorrendo com a iniciativa privada já estabelecida nessas áreas. Mas deixava de atender o essencial, a educação. A mesma coisa passava-se na área da saúde, admitiu para si mesmo. Se nunca atuara como médico não deixava de ignorar as reais condições do setor. Mas era

o genro do governador, assim como fora o genro do secretário da Saúde. Os laços afetivos não admitiam críticas e ele reconheceu que nem mesmo no mais íntimo recanto do seu cérebro encontrara espaço para questionar tudo que deixara de ser feito nos últimos anos.

Limitava-se sempre a aceitar o princípio de que faltavam verbas para tudo e que era preciso manter o equilíbrio do orçamento. Nem mesmo o governador se dispunha a demitir e suspender atividades menos importantes para dedicar-se às prioridades mais elementares. Os compromissos políticos o manietavam e Honscha observou para si mesmo que também estivera preso à mesma linha de pensamento por muito tempo. Todos pareciam estar acorrentados à esta roda viva de interesses pessoais que desviavam a administração pública de seus objetivos essenciais. Calmamente, passando a mão sobre o ombro de Beto, começou a falar disso tudo, procurando colocar seus próprios pensamentos em ordem. O jovem o escutava com atenção colocando uma pergunta aqui ou ali, sempre pertinentes. Sentados na beirada da escadaria que circunda um dos monumentos da Praça, penetraram na noite até que uma violenta explosão interrompeu a conversa.

— Quando você põe o dedinho, dói. Mas é gostoso.

Deitada de bruços, Marisa repousou a cabeça sobre os braços cruzados e eriçou o corpo nu estirado sobre um vasto tapete de pele de ovelha que ocupava o centro da sala, defronte à lareira. À luz das chamas crepitantes dos nós de pinho, Roberto deslizava os dedos sobre suas costas, pressionando firmemente os músculos próximos à coluna vertebral. Ela, que a princípio retesava ou corcoveava em côcegas a cada toque mais brusco, começou a render-se à magia daquele dedilhar preciso e foi relaxando suavemente, voltando a ouvir sua própria respiração retomar um ritmo compassado, acompanhando as batidas do coração.

— Não sabia que você entendia dessas coisas — comentou, acrescentando com malícia — Onde foi que aprendeu?

— Na próxima encarnação, voltarei como massagista. Vou abrir uma casa para atender somente mulheres bonitas — brincou ele. Mas ela reagiu com uma ponta de ciúmes:

— Aposto que foi alguma mulher.

Ele não respondeu e ela se pôs tesa, recebendo uma estocada firme do indicador dele no seu ciático.

— Ai — gritou — está doendo. Pode ir parando por aí.

Mas ele não deu atenção e continuou, passando uma perna por cima dela e sentando em cima de seu traseiro. Ela soltou o fôlego contido diante da pressão das duas mãos musculosas sobre suas costas e voltou a mergulhar numa sensação de estranho desprendimento enquanto ele murmurava próximo ao seu ouvido:

— Marisa, querida, você é a única mulher que importa para mim, agora. É tão bom te ter aqui, te acariciar, te ouvir ciumenta. Adoro tu, adoro mesmo — ele murmurou beijando suavemente seu pescoço.

Já tinham feito amor com a volúpia e o desejo reprimido de dois amantes que não se viam por três ou quatro dias. Depois tinham feito amor com a ternura e o carinho de corpos saciados que buscam algo além do contato sexual. Agora dedicavam-se às longas carícias que apenas as mentes tranqüilas e os espíritos em alto nível de entendimento conseguem responder.

Nas quartas-feiras à tarde não havia expediente no quartel-general e o major Mitri podia sair com seu carro, encontrar Marisa num ponto previamente combinado, ela caminhando absorta pelas calçadas, ele parando para ela embarcar, ela depositando a cabeça em seu ombro, ele dirigindo com cuidado pelas ruas mal calçadas da periferia até a casa que alugara um tanto afastada do centro da cidade. Uma residência antiga, com tetos decorados em gesso e vitrais coloridos nas janelas, com quartos enormes e um salão com uma lareira, razão principal para aceitação do local, apesar da distância. Conseguira alguns móveis antigos que misturara com outros, modernos, vindos do seu apartamento do Rio, compondo uma decoração confusa, muito de acordo com seus sentimentos de então, quando procurava integrar o major Mitri, suas responsabilidades militares e políticas, com Roberto, o namorado da jovem professora Marisa.

Ele deitou sobre as costas dela e deixou-se cair para um lado, afagando os cabelos lisos libertos do eterno rabo-de-cavalo com que ela simplificava o trabalho de penteá-los. Eram realmente muito lisos, esvoaçantes à menor brisa, e muito claros, mais do que sua pele. Roberto comparou seus braços bronzeados, enquanto a entrelaçava, com o contraste daquela pele alva e macia e beijou-a suavemente no canto da boca. Uma de suas mãos deslizou entre ela e o tapete e repousou em seu sexo. Roberto fazia movimentos quase imperceptíveis com aquela mão, deixando um dedo penetrar lentamente em Marisa. A outra mão passou a pressionar compulsivamente

te seu traseiro, mantendo a que permaneceu por baixo inerte, praticamente paralisada enquanto pressentia o crescente umedecimento do seu interior. Roberto mordiscou o lóbulo de Marisa e depois seus lábios o acariciaram com suavidade enquanto murmurava tolices apaixonadas.

A tarde avançava em Santiago, fria e nublada, a cerração começando a cair sobre a cidade, uma neblina rarefeita que conseguia estancar o movimento nas ruas. Raros passantes pelas calçadas envoltos em ponchos largos e escuros pareciam soltar fumaca pela boca, expelindo o vapor aquecido pelos pulmões para o ar úmido e enregelado.

Aos 35 anos, o major Mitri estava apaixonado por uma garota com pouco mais de vinte, uma quase adolescente mal-amada de uma cidade do interior. Quando conversavam, porém, as possíveis diferenças pareciam esvaír-se num nível de entendimento que somente a capacidade inata de percepção que ela desenvolvera poderia justificar. Marisa lia muito. O pai, um bancário aposentado que militara, na juventude, em movimentos sindicais, exercera grande influência em seu caráter. Ela era sincera e aberta, ele o percebera logo no início, desde que fosse correspondida em sinceridade e clareza na exposição de idéias. O olhar escorpiano de Marisa, ascendente em peixes, não deixava de perceber a menor hesitação e o forçara a um jogo com regras bem determinadas que até então não levava adiante com nenhuma mulher.

Marisa estava a par de tudo o que se passava com ele, o que incluía suas atividades conspiratórias, e não encarava suas intenções com a frivolidade aventureira da juventude. Ela o chamava à realidade sempre que tergiversava ou se propunha a correr riscos maiores. Engendrava com ele esquemas de sondagem que permitiam a abordagem discreta de um companheiro de farda e o recuo seguro caso pressentisse alguma hesitação. Enfim, era uma cúmplice para o amor e a dor.

Penetrou-a por trás, seguindo a trilha aberta pelo dedo precursor que cedeu espaço mas permaneceu ali, massageando delicadamente o clitóris. Com ritmo desconexo e tênue determinação foi prolongando o prazer de estar com ela. No dia seguinte, ao alvorecer, partiria para manobras. Trabalhara arduamente com o coronel Winter na programação dos exercícios militares que seriam realizados pelas unidades da região. Acampados por várias semanas nos campos de treinamento, encontraria a oportunidade para con-

fraternizar e discutir mais abertamente com os demais oficiais subordinados a situação do país. Aqueles que já estavam contatados colaborariam com essa missão. Já tinham recebido, inclusive, tarefas específicas.

Mitri tivera a idéia de dividir os regimentos participantes das manobras em dois grupos, verdes e amarelos, colocando no primeiro aquelas unidades que considerava dominada por oficiais direitistas, leais à linha golpista predominante no Alto Comando das Forças Armadas.

No outro, enfeixara todos aqueles que julgava capazes de uma rebeldia, ou porque já fizera prévio contato com seus comandantes ou tinha informações confiáveis sobre a orientação política de cada um. Sua intenção era avaliar no terreno prático a possibilidade de envolver e dominar taticamente a reação que poderia encontrar, num primeiro momento, no meio militar da própria região. Quando chegasse o momento adequado poderia, então, marchar com maior segurança.

— Hummm, querido — Marisa começava a dar sinais de que estava prestes a corresponder mais uma vez às suas carícias e Roberto acelerou instintivamente seus impulsos afetivos.

Num gesto brusco, ela jogou-o para o lado e subiu sobre ele, buscando sua boca com sofreguidão. Agora, era ela a tomar o pulso da situação. Literalmente, agarrou-o pelos pulsos e ergueu-se, sentada em seu colo, acelerando os movimentos de penetração. Ele a deixou agir sentindo sua própria pulsação aumentar de intensidade, tentando alcançar o embalo frenético que Marisa promovia sobre si. Com um grito de desespero, uma pontada aguda no cérebro, como se tivesse atingido o ponto de ruptura de todas suas moléculas, pressentiu o vazio da morte e gozo. Quando retomou, fração de segundos depois, o sentido de seu batimento cardíaco acelerado, percebeu que ela também conhecia convulsões curtas e seqüenciadas cortadas por um grito de prazer. Ambos os corpos rolaram no tapete para emudecerem, inertes, sob os reflexos do fogo da lareira. Mitri sorveu um copo de vinho, o Gamay da Medieval, a melhor adega gaúcha, na sua opinião de consumidor erótico, e mergulhou em sono profundo.

Imaginem um país que se estende como um grande triângulo com sua base ao norte. A massa territorial estreita-se para o sul, acompanhando o formato do continente sul-americano. Na ponta deste funil, triângulo menor sobre o qual se assenta o resto da nação, está o Estado, uma unidade federativa que teve como base a antiga Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Como a ponta de uma flecha fincada em solo disputadíssimo, ele se encrava entre o Uruguai e Argentina, antigas colônias espanholas que muito lutaram por aquele espaço com os colonizadores portugueses.

Esse Estado triangular está cortado ao meio por uma linha imaginária, o Paralelo 30. Ao sul estendem-se o pampa, as coxilhas, as grandes fazendas latifundiárias originárias das antigas possessões portuguesas distribuídas ainda na fase das capitânicas. Ao norte, terreno mais montanhoso, irregular, os índios buscaram refúgio, escalando a serra quando os invasores brancos iniciaram a conquista da pradaria. Acabariam expulsos mais tarde por migrantes alemães e italianos trazidos na época do Império e no processo de expansão agrícola promovido na Primeira República.

Estes colonizadores da segunda leva receberam pedaços de terras muito menores e de qualidade inferior. Cada família tinha di-

reito a uma colônia, cerca de 25 hectares, que foram sendo desmembradas gerações afora. Assim, a estrutura fundiária do Estado manteve as características da colonização, latifúndios ao sul e minifúndios ao norte, que tiveram grande influência no seu desenvolvimento econômico.

A pecuária extensiva ocupou o pampa e os frigoríficos multinacionais inauguravam grandes abatedouros enquanto houve carne disponível para exportação. Quando o consumo nacional cresceu sem que os processos de criação acompanhassem esse ritmo, o governo proibiu as exportações e o setor caiu na estagnação. Ao norte, forçados a um trabalho intenso para sobreviver com tão pouca terra, surgiram as grandes lavouras, safras de verão e inverno correndo aquele solo já tão pobre. Os recursos eram mínimos e os filhos e netos dos migrantes foram forçados a seguir adiante, em busca de melhores condições. Assim, os gaúchos colonizaram os Estados vizinhos, Santa Catarina, Paraná, subiram pelo Mato Grosso até os confins da Amazônia e se espalharam até mesmo pelo Paraguai e Bolívia, sempre em busca de terra para plantar. Perdendo sua mão-de-obra, limitada em sua fronteira agrícola, a região norte acabou estagnando também.

Não que faltassem terras no Estado. Dos seus 24 milhões de hectares, pouco mais de seis milhões, apenas, eram ocupados pela agricultura. A pecuária extensiva alastrava-se por mais de 16 milhões de hectares. O rebanho bovino não ultrapassava, contudo, a 11 milhões de cabeças, o que resultava numa ocupação irrisória e economicamente pouco rentável. Mas os fazendeiros não queriam abrir mão de suas estâncias, dominavam o meio político, os veículos de comunicação, os sindicatos rurais.

Aproveitando a mão-de-obra farta acima do Paralelo 30, muitos colonos abandonaram sua ocupação original para implantarem pequenos negócios e muitos deles resultaram em grandes indústrias. Na vitivinicultura, na metalurgia, no setor de máquinas agrícolas surgiram diversos empreendimentos gaúchos montados praticamente a partir de pequenas empresas familiares que foram se expandindo com muito sacrifício uma década após outra. O regime ditatorial que dominou o país por mais de vinte anos, porém, provocou um caos financeiro que levou a grande maioria dessas unidades fabris à bancarrota. Quem não falira ou entrara em dificuldades irremediáveis acabara caindo sob o controle das multinacionais.

Em função da crise nacional decorrente desse regime militar que implantara a corrupção na administração pública em níveis alarmantes, promovera as mordomias e o crescimento das despesas governamentais muito acima das possibilidades de receita, o Estado entrou num processo de deterioração de suas atividades produtivas que gerou uma redução do seu produto interno bruto ano após ano, durante quase uma década. Os impostos, sempre mais altos, pesavam como uma carga fatal sobre as empresas estaduais. O governo central deixava pouco ou quase nada para a administração do Estado e este, forçado a endividar-se para atender seus compromissos, sofreu um processo de desgaste de suas finanças realmente comprometedor. A elevação dos juros foi gerando um déficit crescente e acumulativo a ponto dos cofres públicos estaduais não suportarem mais sequer sua folha de pagamento do funcionalismo.

Quando os militares foram finalmente derrubados do poder, ascendeu um grupo civil, decorrente de alianças políticas, onde os gaúchos tinham escassa expressão. Conseguiram um ministério, quando muito, mas inteiramente subordinado às limitações de orçamento e controle operacional de outros mais importantes, os chamados ministérios econômicos. A alternativa de uma reforma tributária que poderia devolver para o Estado recursos arrecadados pelo governo federal em seu território esbarrou em demarches políticas e as últimas esperanças de recuperação foram esmorecendo.

De 13 impostos existentes no país, apenas dois devolviam uma parte mínima do arrecadado para o Estado gerador desses recursos tributários. O Imposto Sobre Operações Financeiras, criado ainda pelos governos militares para uma existência efêmera, acabou ganhando não só a eternidade como peso considerável no faturamento do governo federal, passando a constituir a segunda principal fonte de tributo. Não restituía um único centavo, porém, ao Estado de origem da renda.

Quando o governo estadual atingiu a sua capacidade de endividamento, não teve outra alternativa além de cortar investimentos e ir limitando gradualmente até mesmo despesas essenciais. As dívidas com empreiteiros e construtores de prédios públicos e obras viárias deixaram de ser honradas com pontualidade e muitas jamais foram pagas, o que promoveu demissões em massa nesses setores de atividades e a falência de muitos empresários do ramo.

Dentro de um quadro político e econômico muito semelhante, respeitada a proporcionalidade de século e meio de desenvolvimento da humanidade, a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul promovera uma revolução memorável no bojo de um movimento separatista que criou sua própria República. Durante dez anos, a República Rio-grandense resistiu ao esforço do Exército Imperial para retomar aquela província tão importante estrategicamente como posto avançado no confronto com os regimes castelhanos que dominavam o cone sul do continente. Acabou sucumbindo, porém. Mas o espírito de independência continuaria sendo cultuado e sobreviveria no coração e na mente dos gaúchos.

O petardo foi colocado na escadaria da Igreja Matriz, próximo ao portal principal, numa sacola de plástico das Lojas Paraibanas, largado displicentemente sobre as lajes onde alguns manifestantes costumavam sentar. Dois homens de idade avançada sucumbiram na hora. Outras quatro pessoas ficaram feridas. De resto, algumas grades rebentadas no portão e pilares chamuscados registraram o efeito da explosão. Os mortos, um magistrado e um promotor grevista, ambos dirigentes de suas entidades de classe, acabariam removidos para o salão nobre do próprio Palácio do Negrinho do Pastoreio. Os feridos foram para o Pronto-Socorro, acompanhados por médicos da equipe provisória montada pelo comando das manifestações.

Além desses efeitos físicos e materiais, porém, a explosão causou um profundo abalo no íntimo daquelas pessoas que constituíam uma multidão reunida em sinal de protesto. Confusos, feridos em seus sentimentos, indignados, horrorizados, furiosos, arrebatados, abatidos, cada qual enfrentou uma espécie de sensação diferente diante do acontecido, um atentado terrorista de origem desconhecida. Por que logo na Igreja? Tinham o legislativo, o palácio do governo, o judiciário no outro extremo da praça, várias opções, mas ele-

geram o templo católico.

— Querem confundir — manifestou Maria, das primeiras a chegar ao local e coordenar a remoção dos feridos.

Honscha e Beto chegaram em seguida e ela os despachou com uma das vítimas para o ambulatório. Uma mulher ainda jovem tivera o ventre rompido por estilhaços da bomba.

— Que animal faria isso? — indignou-se Honscha apoiando a cabeça desfalecida e ensangüentada em seus braços.

— Os terroristas de direita de sempre. Escolheram a Igreja para botar a culpa na esquerda, como sempre — frisou Maria.

Honscha deixou a mulher ferida com os médicos e estudantes de medicina que estavam improvisando o ambulatório no prédio do legislativo. Os ferimentos eram sérios e as instalações precárias, de modo que foi rapidamente decidida a remoção para o Pronto-Socorro, onde existiam condições para melhor atendimento.

— Vamos voltar para lá — disse um dos médicos — finalmente conseguiram fazer com que rompêssemos a greve.

— Nesse caso, não há o que discutir — emendou outro.

Foram providenciar na condução e Honscha largou daquilo tudo reconhecendo sua total inutilidade para atendimento de um caso mais grave. Temia, acima de tudo, que alguém levasse a sério seu diploma de médico e acabassem deixando uma vida em suas mãos. Seus companheiros de faculdade consideraram inevitável a perda de alguns clientes para a morte nos primeiros anos de exercício profissional como decorrência da falta de experiência. Os professores mesmo os conscientizavam da inevitável perspectiva e os preparavam antecipadamente para superar a situação. Naquelas condições, contudo, Honscha não se sentia capaz de pagar o preço pela prova. Quando se afastava do local, Beto o seguiu:

— Vamos voltar lá, talvez Maria ainda queira ajuda — sugeriu o rapaz.

— Tem bastante gente para auxiliar se for preciso. Vamos até o apartamento, o velho Bezerra deve ter levado um susto.

Realmente, o metalúrgico arrastara-se até à janela para observar o alvoroço e os recebeu com um olhar de espanto. Os dentes cerrados, os dedos crispados em torno da esquadria de metal de balaustrada onde se apoiara para acompanhar os acontecimentos, ele se voltou com expressão de profundo pavor:

— Mas que merda... foi uma bomba? — indagou.

— Sim — disse Beto, aproximando-se para enlaçá-lo passando

um braço por sua cintura, pois o velho estava com meio corpo para fora da janela.

— Pegaram os caras que a jogaram? — Bezerra demonstrava real perturbação — Pegaram os cornos?

— Não — respondeu Beto.

O velho recuou da janela lentamente, procurando apoio no braço do sofá, sempre secundado pelo rapaz que procurava apoiar seus movimentos. Honscha aproveitou para olhar para baixo, uma rápida espiadela antes de fechar os vidros, constando o mesmo povo, as mesmas bandeiras, as mesmas faixas tomando conta da praça. O velho estava lívido:

— Muitos mortos? — perguntou.

— Dois, talvez mais. Várias pessoas saíram feridas. Uma mulher, atingida na barriga, não sei se escapa — lamentou Beto.

Honscha passou a mão pela testa do velho, febril. Tomou seu pulso, fraco. Sentiu a temperatura do seu corpo, frio. Alçou as pálpebras semicerradas para encarar aqueles olhos sem brilho, amorfos.

— Você devia ficar na cama — sentenciou decidido.

— Ouvi a explosão — murmurou Bezerra — tive que ir lá ver o que era. Quando cheguei na janela vi as pessoas correndo para a escadaria, notei os corpos caídos. Mas tem mais. Lá embaixo não devem ter percebido. Mas aqui de cima eu pude notar um movimento estranho, dois homens de blusão negro que varavam a multidão em sentido contrário ao da Igreja. Eles correram para aquela esquina oposta e isso me chamou a atenção. Eles seguiam assim, paralelamente, varando com rapidez aquela massa de pessoas. Mas ali na esquina, onde a concentração de gente já é mais rarefeita, eles se juntaram, pararam lado a lado e ficaram olhando para cá, para o lado da Matriz.

— Como eram? Para onde foram? — Beto questionou angustiado.

— Seguiram mais alguns metros e entraram numa casa. Tem uma placa na porta, saliente sobre a calçada, mas daqui não consigo ler.

Honscha abriu novamente a janela e debruçado no beiral seguiu as indicações do velho operário. “Hotel da Praça”, conferiu no letreiro o que já suspeitava.

— Tens certeza? — encarou o velho e o sentiu vacilar.

— Não. Claro que não — reconheceu Bezerra. — Mas achei

aquela dupla muito suspeita. Alguns, mais próximos à explosão, haviam recuado mas depois voltaram a aproximar-se para ajudar os feridos. O primeiro movimento reflexo de todos ali na praça foi de ir na direção da Igreja ou, então, ficaram como que paralisados. A corrida daqueles dois chamou minha atenção. Não era normal.

— Realmente — concordou Honscha.

Resolveu investigar por conta própria, cautelosamente. Conhecia o pessoal do Hotel. O proprietário, um argentino de origem alemã, era íntimo dos funcionários do palácio. Cedia espaço para reuniões do setor jovem do partido do governo no pequeno restaurante e, durante a última campanha para a presidência da República, sediara o grupo parlamentar que apoiara o candidato de tendência direitista, um industrial paulista. O temor de que seu sogro fosse o inspirador do atentado o invadiu por inteiro. O que faria no caso? Desceu para a praça e aproximou-se da fachada do prédio, um velho casarão que sobrevivera à invasão dos edifícios com fachadas de mármore que o cercavam.

A porta estava fechada e Honscha bateu. Primeiro utilizou a campainha e depois os punhos. Só parou quando ouviu o tilintar da fechadura e o portal foi entreaberto por um velho de cabelos brancos que o reconheceu imediatamente:

— O senhor, doutor... — o argentino o recebeu com surpresa, como num estalo, pareceu encaixá-lo naquele lugar, naquela hora, naquelas circunstâncias, batendo à sua porta.

Fez sinal para que entrasse, cúmplice, rodando a chave atrás de si. Honscha penetrou no hall escuro e o velho o chamou enquanto subia a escadaria interna para o andar superior, melhor iluminado pela claridade que vazava das janelas semicerradas.

— Foi um estouro — disse o argentino sorrindo.

Honscha pressentiu os riscos que estava correndo. Quando percebessem que não deveria estar ali, que não fora enviado por ninguém e nem deveria conhecer certos segredos, sua vida estaria em perigo. Resolveu jogar um pouco com a sorte, porém preparando de antemão uma saída estratégica:

— Mais uma ou duas bombas dessas e essa gente se manda da praça — observou.

— Já não era sem tempo — retrucou o hoteleiro. O senhor quer falar com os rapazes?

Então eles estavam realmente no prédio. Honscha tinha a confirmação e sentiu que era chegado o momento de recuar, iniciar

uma retirada que o colocasse a salvo. A história atropelava sua cabeça e começou a soltá-la compassadamente, temendo levantar suspeitas.

— Rapazes? Que rapazes?

— O senhor não veio... — começou o argentino.

— O senhor está enganado comigo, eu não ando atrás de rapazes — emendou Honscha com alguma rispidez, mas retomou o tom brincalhão que lhe era muito peculiar — o senhor deve andar fazendo alguma confusão, heim?

O argentino concordou meio desconfiado. Olhava para trás, sob o ombro, e Honscha percebeu o leve rangido de uma porta no fundo do corredor. De algum dos quartos passaram a ser observados. Sempre sorridente, Honscha soltou seu álibi:

— Compadre, preciso de um favor seu. O que me traz aqui é uma garota, uma professora que estou paquerando a algum tempo e agora está metida nessa greve aí fora.

— Sim? — disse o homem visivelmente preocupado.

— Eu não sabia que o hotel estava fechado. Pensei em tomar um quarto por uns dias para usá-lo à tarde. Sabe, ela é casada.

— E o senhor também — havia uma leve censura na colocação mas Honscha ignorou-a. Sabia que se o argentino fosse fofocar junto ao seu sogro não seria levado em conta. O governador Jatahy nunca fora um homem fiel e certamente já utilizara o mesmo hotel com idêntica finalidade em outras ocasiões.

— E então?

O argentino estava trêmulo. Não sabia o que dizer e assumiu o que lhe pareceu ser a melhor opção para o momento. Livrar-se do inoportuno visitante:

— O senhor vai desculpar mas não é possível. O pessoal do hotel não tem vindo trabalhar, estou sem camareiras, sem ninguém. E depois, com esse movimento todo aí fora, não convém ficar abrindo e fechando a porta. Não quero chamar a atenção — disse tomando Honscha pelo braço para conduzi-lo escadaria abaixo.

Antes de abrir a porta explicou que tivera um hotel similar em Buenos Aires, na avenida Corrientes, inteiramente depredado durante uma manifestação peronista.

— Perón, na ocasião, ressarcia dos danos a todos os comerciantes que foram prejudicados pela manifestação. Mas a mim não deram nada. O senhor entende?

Honscha despediu-se e saiu procurando demonstrar contra-

riedade. Beto o esperava na esquina mas resolveu guardar suas descobertas. Alegou nada ter obtido e despachou-o para o lado de Bezerra. Foi para a praça e acomodou-se junto a uma árvore. Muitas pessoas circulavam ao redor e os alto-falantes instalados na fachada do legislativo começaram a irradiar os debates que ocorriam no interior, com os representantes das várias facções grevistas discutindo o incidente da bomba.

Não precisou aguardar muito até a porta do hotel abrir-se para a passagem de dois homens. Não envergavam mais os blusões de couro negro apontados por Bezerra, mas Honscha não teve dúvidas de que deviam ter algum envolvimento com a explosão. Um deles era jornalista. Montara uma empresa de assessoria de comunicação e conseguira quase todos seus clientes através do governador. Todas as companhias do Estado, fundações públicas e firmas ligadas ao governador, imprimiam seus jornalecos promocionais com ele. Honscha tentou recordar do nome, Dinarte ou Diniz, qualquer coisa assim. O outro era desconhecido.

Chovia torrencialmente no campo militar de Sai-Cão, uma área de léguas e léguas de extensão reservada para os exercícios do programa de treinamento das tropas da região, o que atrapalhava as manobras dos primeiros dias mas servia excepcionalmente aos propósitos do coronel Winter. Na grande barraca de lona verde do seu Estado-Maior, onde podia reunir até cinqüenta oficiais de cada vez, ele promovia debates sobre a situação política e institucional do país. Mitri e outros companheiros já previamente instruídos tratavam de trazer à baila a questão primordial: o supremo comando militar estava articulando outro golpe armado para tomar o poder e era necessário articular uma reação.

Quando o general de exército Madalena, comandante da região, esteve no campo para fazer sua preleção, as suspeitas plantadas pelo coronel Winter e seus aliados ganharam consistência. No dia seguinte, durante a preleção do general de divisão Tatagiba, comandante da divisão sediada em Santa Maria, o quadro ficou ainda mais claro. Mas foi o general de brigada Alves Bastos, comandante da brigada sediada em Santiago, subitamente desperto do seu ar aborrecido de sempre, quem confirmou as mais sérias apreensões com seu linguajar simplório eivado de chavões golpistas.

Se os oficiais ouviram as colocações de Madalena e Tatagiba sem contestar, contidos pela orientação do próprio Winter, durante a palestra de Alves Bastos um jovem capitão, filho e sobrinho de generais, ostentando portanto o nome de ilustre família castrense, questionou abertamente o discurso do superior. Os oficiais em formação, ouvindo o arrazoado do velho comandante, foram surpreendidos com sua reação:

— O senhor está preso. Recolham o capitão ao seu alojamento — ordenou Alves Bastos.

Winter fez sinal para que a ordem fosse cumprida e mais tarde, quando voltou a reunir seu grupo em sua barraca, o local tornara-se pequeno. Mais de uma centena de oficiais, muitos esbravejando abertamente, repudiaram o acontecido.

— Companheiros — Winter tomou a palavra — as declarações dos chefes militares que nos honraram com suas visitas e inspeções durante esse programa de exercícios convenceu-nos de que se trama uma nova conspiração na cúpula das Forças Armadas contra o processo de democratização em marcha em nosso país, processo este solicitado e apoiado pela maioria dos oficiais do corpo de tropa. Até agora procuramos resolver nossas diferenças no campo político sem quebrar a hierarquia e a disciplina que nos são tão caras. Nossas desavenças encontraram sempre solução no âmbito interno. Durante vinte e poucos anos sustentamos governos militares que não corresponderam à nossa confiança e comprometeram a imagem da corporação com desmandos, corrupção de toda ordem e crimes de morte. Agora, muitos oficiais superiores estão nos bancos dos réus respondendo por assassinatos, desfalques bancários e diversos outros golpes contra a economia nacional. A situação econômica do país, consequência desses anos todos de malversação de recursos públicos, deteriora-se e o quadro político é realmente instável, o que leva os oportunistas de sempre a tentarem articular novas manobras contra o restabelecimento da plena democracia em nosso país. O Rio Grande, vítima do centralismo econômico e da desnacionalização do nosso parque industrial nos últimos anos, passa por uma situação terrível. Desemprego, falências, o Estado praticamente quebrado e o governo federal persiste em ignorar esse quadro e adia soluções para nossos problemas mais urgentes. Paralelamente, favorece apenas aqueles gaúchos mais corruptos e infames, que se beneficiaram pessoalmente durante os anos de regime de exceção, e têm agora seus atos ilegais

encobertos por recursos federais, o que compromete e enlameia a honra dos rio-grandenses diante da opinião pública nacional. Enquanto essa “máfia de gaúchos” que permanece e sempre permanecerá próxima ao poder continua se locupletando com suas safaquezas financeiras, empreguismo e mordomias, nosso povo padece e, conseqüentemente, reclama e protesta. Os representantes do autoritarismo recorrem, então, mais uma vez, a nós, os militares, os profissionais do Exército Nacional, na tentativa de encobrir pela força das nossas armas as mazelas que causam ao nosso Estado.

O silêncio na barraca era total, somente a voz do coronel Winter, alternando-se nos tons da sua inconformidade, ressoava acima daqueles capacetes umedecidos pela garoa predominante lá fora. O general Alves Bastos conseguira penetrar no local e permanecer junto à entrada por alguns minutos antes que fosse percebido e logo fez ressoar sua interferência.

— O que se passa aqui, coronel Winter? Quem convocou essa reunião? Como não fui avisado? E que discurso é esse?

— São as palavras de um rio-grandense que revelam os reais sentimentos de todos aqui presentes — retrucou o major Mitri.

— Isto é uma insubordinação. O senhor está preso — o general voltou-se do major para o coronel. — E o senhor também, coronel Winter, até que eu esclareça tudo isso.

— E se eu me recusar, general?

— Dispersem todos, a reunião está encerrada — o general ordenou mas ninguém se moveu.

— General — o major Mitri o interpelou — quero convidá-lo a abandonar imediatamente este acampamento militar. O senhor desonra nossa farda e não vamos mais obedecer suas orientações golpistas.

— O que é isso? — o general Alves Bastos recuou surpreso.

— Eu assumo o comando do acampamento, general — cortou Winter, resolutamente, dirigindo-se aos demais. — Os que não concordam com isso podem abandonar o local juntamente com o general Alves Bastos. Conduzam o general para fora.

O coronel Mitri tomou o superior pelo braço e o acompanhou até um dos veículos estacionados no caminho enlameado entre as barracas, ordenando ao motorista que o conduzisse para fora. O jipe arrancou sem que o general protestasse. Ninguém o seguiu. O campo de Sai-Cão transformou-se repentinamente num acampamento rebelde.

Imediatamente, o cronograma de atividades elaborado por Winter, Mitri e alguns auxiliares mais diretos, durante meses, foi posto em prática. Cada regimento foi reunido e os oficiais articulados com o movimento expuseram seus motivos para os oficiais subalternos e praças. Winter esperava algumas defecções, conhecia o temor de muitos em comprometer suas carreiras mas constatou, de repente, que o sentimento de união tão comum à caserna estava prevalecendo. O coronel Mendonça, comandante do 61.º Batalhão de Infantaria Motorizado, de Santo Ângelo, o procurou com a posição tomada por seus homens:

— Eles querem que permaneçamos unidos, coronel, pois não pretendem prejudicar os companheiros, embora não concordem plenamente com o método adotado. Acham que existem outros caminhos, outros meios para nos manifestarmos contra o golpe sem afrontar o comando supremo das Forças Armadas.

— Que outro caminho, Mendonça? Se não nos mexermos, eles nos atropelam, passam por cima como passaram outras vezes.

— Entretanto, essa é a nossa condição, deveremos manter, o máximo possível, nosso movimento restrito ao âmbito do Exército. Ficaremos aqui, em rebeldia às determinações golpistas, mas não daremos publicidade ao fato nem tomaremos nenhuma iniciativa bélica.

Mais tarde, em reunião de todos os comandantes e oficiais mais graduados, esse ponto de vista foi reforçado e apesar de representar o parecer da minoria foi tomado em conta. Mesmo com a maior parte da oficialidade defendendo uma postura imediata mais agressiva, o coronel Winter concordou com as limitações impostas para manter a unidade do corpo rebelado na região. Já na madrugada, num último contato com o major Mitri, explicou suas razões:

— Major, conheço bem nosso inimigo. Eles acabarão proporcionando toda a publicidade que precisamos. Não precisamos dar o primeiro passo, armamos a ratoeira e vamos esperar. Os ratos sempre afoitos cairão nela.

A rede de informações e comunicação foi prontamente estabelecida e no amanhecer do dia seguinte Winter já dispunha de notícias sobre o início da movimentação de tropas na capital. Os quartéis estavam em prontidão, preparando-se para seguir para a fronteira. Naquela mesma manhã teve conhecimento de que as tropas estavam em marcha. Tratou de colocar suas forças nos pontos estratégicos previamente estabelecidos, enquanto despachava os co-

ronéis Mitri, Mendonça, e um terceiro, o coronel João Lopes, da Segunda Brigada de Comando Mecanizado, de Santana do Livramento, para parlamentar com os possíveis atacantes. Esse contato deveria ser feito entre São Gabriel e Rosário do Sul.

O coronel Winter não ignorava que o general Alves Bastos avisara o general Tatagiba e ambos seguiram incontinenti para a capital. Naquela mesma noite, por rádio, as mensagens cifradas entre o quartel-general da região e o acampamento rebelde registraram oficialmente o ato de indisciplina. Winter não ignorava que aqueles radiogramas codificados poderiam ser utilizados contra ele numa corte marcial, mas não se abalava com a perspectiva. Todas as guarnições subordinadas à brigada de Santiago, o que compreendia toda a região fronteiriça oeste do Estado, aderira ao movimento e guarnecia as posições previstas no seu plano.

O grupo parlamentar montaria seu acampamento à margem da rodovia, um posto de negociação provido de rádio, cobertura de artilharia, que permaneceria à distância, e tropas de infantaria. Uma guarnição de tanques ficaria postada muito próxima para garantir a integridade da comissão de oficiais negociadores. A intenção de Winter era a de estabelecer uma barreira de fogo de artilharia numa linha que cortaria justamente esse ponto escolhido para contato.

Numa convenção estabelecida durante os preparativos para o levante, Winter dividira as tropas rebeladas em vermelhas, rosadas ou amarelas, conforme o grau de confiança que depositava em seus comandantes e oficiais mais importantes. Mendonça, por exemplo, que aderira de última hora, seria amarelo. Os irmãos Mitri, vermelhos. Seus movimentos obedeciam esse critério e como partia com todo seu exército de um lugar comum, o campo de Saicão, podia coordenar o programa de cada unidade sem outras limitações de ordem estratégica além do poder de fogo e características de cada arma. Contava com tropas de artilharia, infantaria e blindados da melhor qualidade e ostensivamente avermelhadas para enfrentar o primeiro combate. O resto se definiria posteriormente:

— Somente após o batismo de fogo saberemos quem é quem — colocara ao major Mitri, certa vez.

Enquanto os generais Tatagiba e Alves Bastos iniciavam entendimentos com a comissão de coronéis revoltosos, à pequena distância da rodovia entre São Gabriel e a cidade de Rosário, Winter

recebeu informações de que as tropas procedentes da capital permaneciam estacionadas à margem da estrada, em acampamentos improvisados. Era uma demonstração cabal de que o alto comando não levava o movimento a sério e pretendia aniquilá-lo apenas com o desfile de suas forças pelo asfalto. No fim da tarde recebeu um estranho relatório do seu posto de informações em Santa Maria. Fora detectado o avanço de uma coluna de veículos civis conduzindo arrozeiros, colonos sem-terra, plantadores de soja e outros agricultores mobilizados em campanhas de protesto ou reivindicação. Marchavam justamente em sua direção e Winter pediu informações mais precisas das suas intenções. No íntimo, porém, desconfiava de que um coringa acabara de cair em suas mãos. Muniu o major Mitri com uma companhia de combate, duzentos homens bem armados e duas unidades de comunicações para longa distância e ordenou que fosse interceptar esses homens do campo entre Santa Maria e Cacequi, antes que se chocassem com a vanguarda das tropas da capital.

PARTE SEXTA

"A população, caucásica e de origem portuguesa, é de uma hospitalidade homérica. Ali não carece o viajante dizer ou pedir nada".

"Memories", ditadas por Joseph Garibaldi a Alexandre Dumas

Maria sabia que estava no Rio Grande e que aquele Estado tinha uma história. Muitas vezes, ao iniciar uma aula para seus alunos sorridentes, pernas apertadas em jeans desbotados e camisas coloridas e enobrecidas por algumas palavras em inglês, ela desconhecia se eles se diferenciavam de alguma maneira misteriosa dos mesmos jovens que vestiam uniformes semelhantes em Miami e Londres e escutavam seus mestres discorrendo sobre o passado de seus países. Desconfiava que não. Temia que fossem feitos de alguma massa pausterizada alimentada por coca-colas e toneladas de chicletes que se havia espalhado pelo mundo universalizando a matéria humana.

Esforçava-se por passar alguma coisa capaz de identificá-los com a região, vasculhando velhos livros atrás de detalhes interessantes para ilustrar sua matéria. Numa antiga publicação sobre o Rio Grande, de autoria do general de divisão Augusto Tasso Fragozo, intitulada "A Revolução Farroupilha", editada no Rio de Janeiro, em 1939, pela Biblioteca Militar, encontrara uma afirmação, certa vez, para embasar uma aula. Escrevera o general que "em todas as revoluções só existe verdadeira unidade de pensamento na atividade demolidora".

Colocou para seus alunos, então, parafraseando o militar historiador, que “entre os gaúchos só existe verdadeira unidade de pensamento na atividade demolidora”. Seria a característica de um povo, defendeu para uma platéia perplexa diante de suas colocações, essa incapacidade para unir-se na defesa e construção de uma sociedade moderna e progressista, enquanto podia promover as mais incríveis alianças quando se tratasse de destruir quaisquer experiências inovadoras. Como mérito, admitiu, havia o generalizado propósito de retalhar, igualmente, projetos viciados e desinteressantes.

— Como potencial arrasador, constituímos um povo muito especial — colocou, iniciando um debate que se prolongaria acirrado até o fim do período. No recreio, alguns retardatários permaneceram na sala defendendo seus pontos de vista.

Maria provocou seus sentimentos bairristas desafiando-os a apontar um único inventor gaúcho de destaque ou algum produto desenvolvido por empresa da região. Para atizar ainda mais os ânimos desenvolveu alguns argumentos ressaltando o instinto de absorção de culturas alienígenas sem o desenvolvimento de uma linha própria de afirmação. Eram grandes copiadores, sobrepondo um novo modelo sobre outro pelo mero prazer de destruir o antigo. Enfim, consumistas enraivecidos. Surgiram alguns pálidos protestos. Alguém lembrou o projeto do Aeromóvel como exemplo de criação local. Tratava-se de um veículo de transporte coletivo que deslizava sobre trilhos suspensos em colunas, formando uma via aérea exclusiva. Era impulsionado pelo ar movimentado por grandes ventiladores industriais que circulavam em dutos especiais. Um trecho experimental de quilômetro e meio fora levantado próximo ao centro da cidade mas permanecia eternamente em testes.

— Está aí mais uma prova do que eu dizia — aproveitou Maria o mesmo exemplo. — Se fosse invento dos japoneses ou americanos já estaria invadindo todas nossas avenidas, substituindo os velhos ônibus fumacentos e sempre lotados, assim como estes acabaram com os bondes. Mas como é coisa surgida aqui na terra ficará por lá até ser corroído pelo tempo ou pelo vandalismo de desconhecidos. Pode ser até que acabe instalado em outro Estado ou outro país. Mas aposto que aqui jamais terá vez. Os gaúchos não são capazes de unir-se para construir algo novo.

Lera em algum jornal que o Aeromóvel aguardava oportunidade de implantação há mais de dez anos e que um dos maiores entra-

ves que seu inventor encontrara fora um ministro dos Transportes de um dos governos militares do período da ditadura, justamente um dos muitos ministros gaúchos dessa fase de exceção que o país atravessara e que nada fizeram por seu Estado. Pelo contrário, só atrapalharam.

Retrocedera, então, aos fatos históricos, objetivo da sua aula. A Revolução dos Farrapos, entre 1835 e 1845, mantivera apenas os gaúchos em luta enquanto procurava substituir o sistema monárquico predominante no país por outro fundamentado nas repúblicas tradicionais, orientadas para o presidencialismo, ou seja, para o autoritarismo das elites capazes de controlar o poder no Estado. Quando começaram a surgir, entre os farroupilhas, defensores do parlamentarismo, um modelo avançado para a época, a unidade esfacelou-se. Podiam aceitar estruturas que funcionavam como cópia carbono de outros governos, como o da República Oriental do Uruguai, sua vizinha dominada por caudilhos como Oribe e Rivera. Mas jamais construir um modelo próprio de governo, adaptado às suas peculiaridades e necessidades.

Maria não ignorava que perante ouvintes de melhor nível poderia ser facilmente contestada. Entre aqueles colegiais, contudo, ninguém lembraria que regimes parlamentares já existiam em outras nações, como na Inglaterra. Ainda assim, raciocinou, as alternativas então propostas por intelectuais europeus que influenciaram a revolução dos gaúchos e dela participaram editando jornais e até mesmo morrendo em combate ou recolhidos às prisões da corte imperial, como Rosseti e Zambecari, tinham outro caráter, mais inspirados nos princípios anarquistas do que na convivência monárquica do parlamentarismo inglês. Enfim, poderiam ter gerado algo de realmente novo e marcantemente regional.

Num clima de debate e real interesse por parte de sua classe, ela conseguiu atingir sua meta, fazer com que aqueles jovens se preocupassem em estabelecer parâmetros para suas existências dentro de uma realidade geográfica, política e social. A maioria não aceitara suas críticas e negara o potencial demolidor como característica da população gaúcha. Maria aproveitou a oportunidade e passou, como tema de casa, a solicitação de um trabalho sobre as características dos gaúchos como povo.

Os resultados foram os mais absurdos possíveis. Uma aluna começou assim: "Os gaúchos constituem um povo muito bom e a hospitalidade é sua principal característica". Nada mais falso num Es-

tado que expulsa 300 mil famílias por ano, forçadas à migração pela falta de terras que garantam sua sobrevivência. Ninguém lhes dá emprego, muito menos hospitalidade. Surgiram baboseiras do gênero "a bombacha, o chimarrão e o cavalo são as características dos gaúchos". Também a este aplicou a nota um já que nunca dava um zero a quem entregava um trabalho. Um pelo esforço de sentar e escrever um monte de asneiras numa folha de papel.

Um único garoto, uma surpresa para ela, pois não se tratava de aluno muito aplicado, apresentou uma pequena redação, não conseguira encher uma página com a letra propositadamente graúda, afirmando que "por sua condição de Estado fronteiriço e tradição nas lutas sangrentas pela fixação dos limites territoriais do país neste extremo sul do continente americano muito disputado, os gaúchos são apegados à disciplina e aos regulamentos, fornecendo bons militares e capatazes. São ótimos para transmitir ordens de cima e defender os interesses dos outros e por esta razão sempre ascendem com facilidade à Presidência da República quando as pressões estrangeiras sufocam as tentativas de afirmação nacional". Era exagerado, certamente injusto e muito retumbante, mas Maria concedeu-lhe a nota máxima pela matéria.

Depois do atentado, a Praça conheceu alguns vazios mais expressivos na concentração de populares que se revezavam desde o início do movimento. A primeira consequência foi o retorno de vários deputados e líderes sindicais ao plenário para fazerem seus discursos de alerta contra os assassinos e terroristas de direita a ameaçar a manifestação livre e soberana do povo. O comitê de coordenação, até então muito amplo e aberto, foi reestruturado diante do argumento que não poderia funcionar, na prática, com tantas pessoas opinando e discutindo sobre cada detalhe. Foi organizado, ainda, um grupo de segurança e seu comando foi entregue a um veterano delegado de polícia. Homens com braçadeiras com as letras GS e um crachá assinado pelo dito cujo passaram a guardar todas as entradas do legislativo, do palácio e pontos de acesso à Praça, além de circular pela mesma em duplas com postura policial, sempre encarando todo mundo com expressão severa.

Todos os manifestantes foram convidados a usarem crachás com seu nome e atividade profissional e a permanecerem em grupos de conhecidos. Assim seria mais fácil detectar a circulação de estranhos. O Palácio Negrinho do Pastoreio foi evacuado totalmente e teve suas portas cerradas e vigiadas permanentemente pois foi

considerado o alvo evidente de novos atentados. Honscha escreveu seu primeiro nome num pedaço de cartolina azul e acrescentou “funcionário público”. Uma mulher o abordou e ele leu “Maria” e “Professora” num cartão branco preso ao peito por um alfinete de segurança. Era ela.

— Estive no apartamento e o velho Bezerra me avisou que tinham saído para investigar o atentado. Alguma novidade? — ela o inquiriu.

— Não — mentiu ele — o hotel está fechado, somente o dono por lá e alegou não saber de nada.

— Pode estar desdobrando — observou Maria.

— Entrei com uma desculpa e pude dar uma olhada por dentro. Não havia nada de suspeito — disse encarando-a firmemente.

— E qual foi a desculpa? — perguntou ela.

— Aleguei que precisava de um quarto para um encontro com uma garota — afirmou Honscha estudando detidamente sua reação.

Ela sorriu timidamente. Algumas mulheres estavam sentadas em um banco, apertadas umas contra as outras, e quando três delas levantaram simultaneamente, Honscha convidou Maria a ocupar o espaço ao lado dele, passando displicentemente o braço por suas costas. Ela brincou com os dedos que repousaram em seu ombro mas não os afastou, pelo contrário, manteve o contato de sua própria mão sobre eles, autorizando sua permanência. Mas sua voz maliciosa sacudiu Honscha como se ele tivesse levado uma bofetada:

— E sua mulher — insinuou Maria — também aderiu à greve?

— Não — respondeu ele, recuperando-se para acrescentar com certo desdém — Ela nunca trabalhou na vida.

— E você tem trabalhado muito? — insistiu ela.

Por que, indagou Honscha de seu íntimo, sempre que se encontravam acabava predominando aquele papo esotérico, agressivo? Talvez fosse a forma que ela encontrara para aproximar-se e se fazer notar, pensou procurando alimentar essa expectativa. Maria sorria para ele, tinha um nariz fino, olhos castanhos muito expressivos e um rosto liso de adolescente. Passou a mão por sua face e, sob os olhos que também sorriam, reapareceu uma expressão de meiguice enternecedora:

— Não se incomode, eu só fui compreender a fria que foi meu casamento muito tempo depois de ter acabado com ele — disse ela.

— E não precisou de ajuda? — Honscha arrependeu-se instantaneamente da colocação, sentindo que quebrava a trégua oferecida por ela.

— Não, tive de descobrir sozinha — ela manteve seu tom meigo e ele sentiu um grande alívio por dentro.

Algum tempo mais tarde e muitas confidências depois, ambos subiram para o apartamento. Beto saíra e o velho Bezerra dormitava no sofá, de modo que puderam passar para a cozinha onde comeram alguma coisa, sanduíches feitos por ela e um café forte passado por ele segundo a receita de sua avó, suprimindo assim o pretexto para estarem juntos e isolados do burburinho da Praça. Quando terminaram ela recolheu a louça para a pia e perguntou se estava bom:

— Estava bom? — disse bem assim, terminando com a boca entreaberta e convidativa e ele a beijou resolutamente.

Ela correspondeu e do beijo passaram às carícias e aos afagos crescendo em sofreguidão, ânsia, tesão, para acabarem de joelhos no chão da cozinha, ainda enlaçados, ele apertando suas nádegas e ela cravando as unhas em suas costas e puxando seu corpo como se pretendesse penetrar nele, remoldar seus seios em seu peito, enrolar sua cabeça em seu ombro e fundir os dois seres num só. Ele começou por despir seu blusão e foi ela que abriu o cinto, aquele primeiro botão sempre muito apertado e o zíper da calça dele.

Nenhuma troca de palavras para a memória guardar e justificar, nada. Se ele tivesse proposto em voz alta certamente não teria a convicção necessária, quebraria o encanto e a excitação desapareceria. O que quebra a segurança de pessoas maduras e emancipadas é justamente a traição do corpo que age contra sua vontade. Assistir sua própria fraqueza e reconhecer sua impotência diante dela. Ela lhe baixou a cueca, etapa final do longo ritual que iniciara com o primeiro e significativo gesto, e o olhou de forma diferente, como jamais o encarara até então. Assumiu os desejos antes despertados por ombros másculos e um ar viril que emanava dele com naturalidade, sem nenhuma afetação machista.

Maria tirou as calças carregando junto a própria calcinha e foi por cima dele, apoiando as mãos nos seus ombros. Os dois se amaram controlando a avidez, com toques delicados na sensibilidade mais aguda. Ela resistiu ao gozo que se prenunciava e, como colocava resistência, o prazer acabou por se irradiar inexoravelmente por seu corpo. Sem ter como fugir, tomada pelas sensações que se propagavam por suas veias, ela se debateu em seu colo e golpeou os

punhos que ele instintivamente levantou para proteger o rosto. Então, enquanto ela se deixava cair sobre seu corpo, ele iniciou os impulsos frenéticos que resultariam, em questão de segundos, em seu próprio prazer. Beijaram-se sofregamente e ficaram a mirar-se mudos, incapazes de compreender.

Ela teve a idéia de mais um café preto, voltou a ligar o fogão sob a cafeteira, juntou suas próprias roupas e foi para a dependência de empregada, na área de serviço anexa à cozinha. Quando retornou, ele estava vestido novamente, lavando duas xícaras que já haviam utilizado momentos antes. Ela enxugou e serviu o café em silêncio. Ele tomou tudo, goles fartos e sonoros e devolveu a xícara:

— Estava muito bom — afirmou acentuando cada palavra.

Maria sorriu, ajeitou a cabeleira negra e o encarou com ternura:

— Quando você enjoar do cafezinho do palácio, agora tem outra opção.

— Não creio que algum dia volte ao governo. Acho que alguma coisa mudará depois disso tudo.

— Esse pessoal não agüentará a vida inteira aí na Praça. Depois do atentado, muita gente ficou assustada. Algumas velhinhas correram para casa de um jeito que, sei não, acho que não voltam mais. O desânimo é contagioso. O governador não parece disposto a negociar — ela colocou.

— Eu não tenho certeza mas, de alguma maneira, acho que ele espera tirar vantagem dessa algazarra toda. O tempo todo me pareceu que esse movimento, por alguma conseqüência que desconheço, também serve a seus propósitos. Ele não tem a menor intenção de negociar coisa alguma, somente protelar — frisou Honscha.

— O que teria a ganhar? — perguntou ela.

— Eu diria que ele não tem nada a perder. Quanto maior a pressão popular mais se firmam duas perspectivas: de um lado, poderá conseguir do governo federal mais recursos para o Estado, que ele controlará e embasará sua própria campanha à presidência da República. De outro — ele fez uma breve pausa — nosso governador espera que o caos social acabe provocando uma intervenção militar, o que lhe deixaria com poderes absolutos.

— O que podemos fazer, então, evacuar a Praça e suspender todos esses movimentos? Seria impossível — contrapôs Maria.

— Difícil, sim. Mas não totalmente impossível — insistiu Honscha.

— Bobagem sua se pensa que poderia quebrar nossa unidade com tais argumentos — ela cortou com uma ponta de cólera fingida.

— Terias que fazer amor com todas as professoras da Praça.

— Já iniciei minha campanha — ele retrucou com uma gargalhada incontida que ela abafou com a palma da mão.

— Cuidado — disse ela — enquanto você promove sua guerrilha sexual a classe operária dorme na sala ao lado.

Bezerra somente acordou quando ouviu a porta da entrada do apartamento bater nas costas de Honscha e Maria que retornavam à Praça. Esfregou os olhos sonolentos e chamou pelo Beto, imaginando que o amigo acabara de entrar. Como ninguém atendeu, voltou a mergulhar em sono profundo.

Na altura do entroncamento de São Jerônimo, Olavo desistira de conduzir sua coluna pela rodovia federal utilizada pelos militares. Seus batedores alertaram que estavam sendo montadas barreiras por soldados do Exército e uma quantidade tão grande de veículos com civis, a maioria deles armados, chamaria a atenção. Certificou-se, porém, que os regimentos saídos da capital rumavam para a fronteira pela estrada principal e passou a utilizar uma rota alternativa de vias estaduais e intermunicipais. Se os militares avançavam diretamente por uma pista planejada e retilínea, os agricultores e os sem-terras seguiram zigue-zagueando entre uma cidade e outra, engrossando suas fileiras em Triunfo, Santa Cruz do Sul, Rio Pardo, Cachoeira do Sul, Candelária, Restinga Seca, Santa Maria, São Pedro do Sul...

Ele não ignorava que grupos menores cresciam no norte do Estado e que se somariam com outros, procedentes do sul, no ponto de convergência, Cacequi. Estava muito próximo ao local de encontro quando deparou com a estrada interrompida por tropas do Exército. Olavo avaliou a situação, poucos homens estavam à sua frente mas possuíam fuzis de tiro rápido, metralhadoras. Fez sinal para seu pessoal parar e a coluna estancou há menos de vinte metros da barreira militar.

Um oficial, a pé, aproximou-se. Era o major Mitri:

— Quem lidera esse cortejo? — indagou parando frente ao capô do carro de Olavo.

— Pode falar comigo — disse Olavo, descendo do veículo.

Outros agricultores também deixavam seus carros para aproximar-se, formando uma massa homogênea de rostos rudes e barbudos por trás de Olavo.

— Para onde estão indo dessa forma, em comitiva? — perguntou Mitri.

— Para Cacequi, temos um encontro lá — respondeu.

— Um encontro? — o major deixou a palavra no ar.

— O senhor está vindo de Porto Alegre ou serve aqui na região, major? — Olavo fizera o serviço militar e notara a terceira estrela coroada no ombro do oficial.

— Sirvo em Santiago — Mitri o encarou com curiosidade — Por quê?

— Passaram muitas tropas de Porto Alegre para estes lados.

— Sei, agora estão acantonadas na margem da BR, aquê de São Gabriel — esclareceu Mitri.

— E então? — Olavo parecia esperar uma explicação mais clara.

— Então, o quê? — o major fazia o mesmo jogo.

— O senhor está de que lado? — perguntou e um coro de agricultores o secundou.

— É, de que lado estás, major? — questionou Conceição.

— De que lado estão os senhores, então? — o major sorria entreteçando os dedos como numa prece.

— Estamos do lado do Rio Grande, contra todos os que tentarem nos oprimir. Não agüentamos mais esse governo — bradou Olavo e seus companheiros o apuparam. O major esperou que a zorra acalmasse:

— Então estamos do mesmo lado — disse, e imediatamente foi abraçado por Olavo, Conceição, e circundado pela turba que já tomava conta de toda a estrada.

Foi preciso algum tempo para organizar o acampamento dos agricultores. Olavo já escolhera aquele local para interceptá-los por conhecer as condições. Havia um córrego com água límpida e um mato de eucaliptos onde já armara as barracas de seus soldados e instalara um dos jipões com o equipamento de comunicações. Carros civis foram enviados para interceptar outras colunas de

manifestantes do campo que seguiam para a região. Conduziam soldados especialistas em comunicações com aparelhos portáteis. Em contato por rádio com o coronel Winter, o major Mitri definiu os planos de ação conjunta.

O pessoal procedente do sul deveria ser desviado para interromper a retaguarda das tropas da capital ao longo da rodovia federal. Enquanto o general Tatagiba discutia os termos de uma possível rendição com a comissão de coronéis rebeldes, Winter colocou em marcha os regimentos de confiança que, utilizando estradas vicinais, passaram por São Vicente do Sul, Tupanciretã, Sobradinho, rumo à capital. Mitri utilizaria os agricultores e as tropas restantes para segurar as forças de reforço a Tatagiba na região. Paralelamente, foi desencadeada a parte mais delicada da operação. Winter assumira o compromisso de não revelar o levante militar, mas os colonos tinham plena liberdade de ação. Utilizando os que revelaram mais habilidade oratória, líderes de sindicatos rurais e cooperativas, o major formou grupos encarregados de tomarem as emissoras de rádio e televisão de todos os municípios da fronteira para divulgar conclamações ao povo. A palavra de ordem seria paralisação total até a conquista da autonomia política e econômica do Estado.

No início da noite, quando retornou à barraca de negociações, o general Tatagiba estava visivelmente nervoso, a ponto de sua mão tremer e a voz sair num tom de falsete angustiado. Seus homens estavam captando emissoras de rádio da região onde eram lidos estranhos manifestos. Uma sintonizada, de Alegrete, apresentava a voz rouca e alterada de um homem que convocava os gaúchos a enfrentarem “esses milicos palhaços que ousam penetrar com seus tanques no Rio Grande como se fosse o quintal dos generais corruptos”. Eram informes alarmantes acrescidos de outros dados: milhares de civis estavam formando grupos de guerrilha na região. Imediatamente, ordenara que todas as companhias entrassem em posição de combate e partiu para um derradeiro contato com o coronel Mitri e seus companheiros:

— Os senhores estão sublevando toda a região. Não é possível continuar discutindo quaisquer termos — conseguiu articular.

— Nesse caso, vamos retornar ao acampamento de Sai-Cão e aguardar — disse Mitri.

— Aguardar o quê? Pretendem mergulhar mesmo este Estado numa guerra civil? — o general espumava de indignação

— Não provocamos este quadro de descontentamento geral, senhor — colocou Mitri com pressa de retirar-se. Ele mesmo estava ansioso para consultar o coronel Winter e levantar o que estava por trás das colocações de Tatagiba.

-- Os senhores têm prazo até o amanhecer, coronel. Não há mais nada a negociar — frisou o general.

Mitri deixou a barraca e tomou seu veículo, um jipe militar, juntamente com os coronéis Mendonça e Lopes, os outros integrantes da comissão parlamentar rebelde. Lopes observou que a artilharia ainda estava a postos e teria condições de colocar uma barreira de fogo ao amanhecer, que retardaria o avanço das tropas de Tatagiba:

— Quando os canhões soarem, ele descobrirá que estamos falando sério — observou Mitri.

— Vamos atirar, realmente? — colocou Lopes.

— Vamos nos reunir e discutir o assunto — respondeu o coronel Mitri.

Quando chegaram ao acampamento descobriu que Winter avançava numa operação de contorno das tropas de Tatagiba e que seu irmão, o major Mitri, estava coordenando, de um acampamento de agricultores, a movimentação dos civis na região. As ordens deixadas por Winter eram bem claras, não devia dar um passo, pelo contrário, recuar o máximo possível para adiar o embate, mas não dar mostras de rendição. Deveria atrair as forças invasoras para os campos de Quaraí e ganhar tempo. Na madrugada, sua artilharia mudou de posição, retirando-se alguns quilômetros em meio ao pampa. Tatagiba encontraria o acampamento deserto quando avançasse pela manhã.

— O que quer que seja que Winter esteja tentando, espero que tenha sorte — murmurou.

O coronel Mitri varou a noite em claro. Os potentes aparelhos de escuta captaram manifestações de rebeldia em emissoras de vários municípios até as primeiras horas da madrugada, quando todas silenciaram. As oito da manhã, seus postos avançados de observação assinalaram o início das operações do exército de Tatagiba. A infantaria e tanques formaram linhas de envolvimento em torno do acampamento abandonado em Sai-Cão. Algumas patrulhas de ambos os lados trocaram tiros e a artilharia atacante iniciou o bombardeio da suposta posição rebelde.

As oito e quarenta e cinco o general Tatagiba recebeu uma

contra-ordem da capital. Deveria suspender o ataque. O Estado-Maior da região detectara o avanço de tropas militares sobre a capital. As nove e quinze o próprio general Madalena o inquiria pelo telefone de campanha, quebrando todas as normas de sigilo nas comunicações:

— O senhor tem certeza que os têm cercados nesse maldito acampamento, general Tatagiba? Então, de onde vieram os regimentos blindados e as tropas de infantaria mecanizada que estão prestes a me invadir? Recue imediatamente. Não tenho condições de manter o Quartel-General com algumas companhias de guardas e da Polícia do Exército.

— Sim, senhor — concordou Tatagiba.

Se era fácil falar, não era nada fácil realizar, contudo. As estradas à sua retaguarda estavam tomadas por colheitadeiras, tratores, toros de madeira atravessados pelo asfalto. Os campos em torno minados de civis hostis e as emissoras de rádio, que haviam reiniciado suas atividades nas primeiras horas da manhã, colocavam no ar ativistas ainda mais inflamados. Mais de cento e cinquenta anos depois, o Rio Grande entrava novamente em combate e, se lembrava bem de suas aulas de história na Academia Militar, o general Tatagiba imaginou se a resistência poderia se prolongar por dez anos novamente.

— Droga, por que não pedi transferência para a Bahia? — indagou-se Tatagiba com seu sotaque de nordestino.

Naquela noite, Bezerra resolveu esticar as pernas, caminhar na Praça. Apesar da idade, não tinha nada de depauperado, um físico de trabalhador, braços musculosos, pernas fortes e apenas uma pequena proeminência na barriga, provocada mais pelo desleixo da postura do que por gorduras acumuladas. Quando abria a porta envidraçada do prédio ouviu a nova explosão, gritos de desespero e a prolongada manifestação de susto e ódio da multidão, uma expressão de dor que se prolongava de boca a boca, como o lamento de um grande animal ferido. O operário correu, não no sentido do novo alvo, algum ponto próximo às caixas de som que haviam sido colocadas na elevada da entrada principal do legislativo, mas para o hotel, no outro extremo da Praça.

Chegou na esquina a ponto de ver o primeiro jovem de blusão negro penetrar pela porta que fora subitamente entreaberta e precipitou-se naquela direção chegando junto com o segundo, aquele que Honscha já identificara como o jornalista Dinarte ou Diniz. O rapaz cruzava o umbral quando Bezerra precipitou-se sobre ele, derrubando-o no chão do hall de registro de hóspedes do hotel. Imediatamente foi atingido pela bolsa de lona que o outro jovem carregava. Trazia um objeto muito duro, maciço, no seu interior, e a pan-

cada provocou uma dor lancinante. Bezerra levou a mão à cabeça e sentiu os dedos úmidos de sangue, tontura, as imagens submergindo num torpor negro. Dinarte ou Diniz o sacudiu pelo colarinho e ouviu suas imprecações:

— Velho estúpido, vou te rebenatar em pedaços — disse o jovem de blusão de couro.

Mas sua cara logo adquiriu uma expressão de pânico e Bezerra percebeu, pouco antes de desmaiar, que Honscha chegava em seu socorro e desferia um potente soco na cabeça do seu agressor. Dinarte ou Diniz desabou ao seu lado e ambos mergulharam nas profundezas do sono. A luta que se seguiu depois foi relatada por Beto que interferiu no momento exato, quando Honscha caíra ao chão entrelaçado com o outro terrorista e o argentino, dono do hotel, desceu as escadas com uma arma. Nesse momento, Beto escancarou a porta com um pontapé e gritou para alguns companheiros que o seguiam:

— Estão aqui os caras que jogaram as bombas — bradou.

O argentino tentou voltar em seus passos mas foi seguro e desarmado. O outro jovem também foi imobilizado e Honscha expôs o conteúdo da sua bolsa, mais um petardo de fabricação caseira e um pavio muito curto adaptado a uma lata de óleo. Honscha e Beto reconduziram Bezerra para o apartamento enquanto a turba, na maioria operários metalúrgicos que seguiram Beto quando ele disse suspeitar do esconderijo dos autores do atentado, descarregava sua raiva nos corpos de blusões de couro negro e no velho hoteleiro.

— Vão matá-los — protestou Honscha.

Beto, acomodando a cabeça ensangüentada de Bezerra no seu peito, enquanto o carregava pelos braços, deu de ombros e cuspiu para o lado:

— Quero mais que se arrebenatem — exclamou.

O último atentado dos terroristas provocara danos maiores. O número de feridos era superior a trinta e todos em estado muito grave, e quatro pessoas estavam mortas. A bomba projetara o equipamento de som, grandes caixas acústicas que transmitiam os debates no plenário para os manifestantes na Praça, sobre a concentração de pessoas na calçada vários metros abaixo, provocando ferimentos generalizados. A reação da massa foi exemplar. Os corpos dos três terroristas foram pendurados nas árvores e só foram retirados por mãos piedosas no amanhecer do dia seguinte, quando a fúria dos linchadores arrefeceu.

Apesar de sangrar muito, a nova pancada de Bezerra recebeu um curativo depois de lavada e o operário acordou logo, apesar de queixar-se de brutal dor de cabeça. As últimas manifestações em plenário, antes que os trabalhos fossem encerrados por volta das duas da madrugada, confirmavam os quatro mortos e trinta e seis feridos e a identidade dos agressores, com exceção de um deles que permaneceu desconhecido. Falou-se também do movimento que estava eclodindo por todo o interior do Estado, onde os agricultores estavam tomando as rádios e bloqueando as estradas. Maria fora levada a um aparelho de rádio instalado na sala de imprensa, no subsolo do legislativo, para ouvir um manifesto que estava sendo retransmitido por uma emissora da capital. Mas a estação saiu do ar e ela pôde apenas compreender que os homens do campo pretendiam reagir a uma tentativa militar de controlar a região da fronteira.

— O Exército mandou soldados para tentar nos amedrontar mas não surtirá efeito algum. Pelo contrário, o Exército é formado por homens que antes de serem soldados são gaúchos que saberão honrar seus compromissos com esta terra. Antes de atirar contra o povo voltarão seus fuzis contra seus oficiais — bradava a voz discursiva que chegava até Maria, distorcida pela interferência estática, como uma emissão do outro mundo.

Tentaram ligar para o interior mas os telefones, um dos raros serviços que vinham sendo mantidos, simplesmente emudeceram repentinamente. Maria lembrou de um conhecido, aposentado da rede ferroviária, rádio-amador fanático, que talvez pudesse ajudar com informações. Encontrou Honscha no apartamento, onde aproveitou para apanhar um casaco para o frio, e ele se dispôs a acompanhá-la. O antigo sobrado da Cidade Baixa encimado por uma grande antena mantinha uma luz num dos quartos do segundo andar e Maria não hesitou em bater. Uma das janelas de cima foi entreaberta e Maria identificou-se ao notar o movimento:

— Sou eu, "seu" Jorge, Maria... — sussurrou.

Uma cabeça surgiu na penumbra e o homem pediu tempo. Abriu a porta de pijamas e um roupão listrado jogado sobre os ombros. Barba branca semi-cerrada, olhar vivaz sob óculos de aro de tartaruga que não se fabrica mais, o rádio-amador a recebeu com naturalidade:

— Que noite, heim? Duvido que alguém consiga dormir.

— Queremos saber o que está acontecendo pelo interior, ouvi-

mos estranhos boletins pelo rádio — disse Maria.

Ele deixou que entrassem e subissem para o quartinho onde mantinha seus equipamentos, aparelhos dos mais sofisticados distribuídos por mesas, prateleiras, alguns até dispostos no chão ou sobre cadeiras, revelando sua total falta de organização e carência de espaço. O homem acomodou-se na sua cadeira giratória de espaldar e livrou uma outra de seu entulho para Maria. Deixou Honscha de pé.

— Existem muitas emissões militares no ar. Eles usam faixas especiais e aparelhos decodificadores e não dá para se entender nada. Mas é possível perceber a grande movimentação nessa área. Isto desde ontem. Agora, hoje, neste fim de tarde, os agricultores começaram a tomar várias emissoras do interior. Começou por Cacequi, depois Santa Maria entrou em cadeia, Cachoeira, Santa Cruz. Isso para não falar lá dos lados da fronteira, Uruguaiana, Alegrete, Bagé, aquilo está tudo conflagrado — explicou pausadamente.

— O que o senhor acha? — perguntou Honscha.

— Falei com um companheiro de São Gabriel. Ele disse que grande parte do Exército anda se deslocando por aquela região. Ele ouviu de outro rádio-amador de Rosário que andaram dando tiros. Mas como existem os campos de treinamento de Sai-Cão naquela área...

— Não, certamente não se trata de exercícios — interrompeu Honscha.

— Muitos soldados passaram pelo menos um dia acampados à margem da rodovia federal entre São Gabriel e Rosário. Nunca fizeram isto anteriormente. Passavam direto para Sai-Cão — o velho ressaltou pensativo.

Não conseguiram arrancar muita coisa além e retornaram à Praça. Honscha passou a mão sobre o ombro dela e caminharam como dois enamorados para as luzes das fogueiras armadas nos centros dos canteiros. O movimento caía muito pela madrugada mas sempre permaneciam os tradicionalistas com suas botas e bombachas, sorvendo chimarrão, alguns hare-krishnas vendendo sanduíches naturais, artistas em geral numa grande roda em que circulavam garrafas com caipirinha e um violão estava sempre sendo dedilhado, policiais taciturnos esfregando as mãos e contando anedotas pornográficas, ecologistas tremelicando de frio enrodilhados em seus ponchos, motoristas jogando palitinho e funcionários públicos com suas garrafas térmicas com café quente embaixo do braço.

Maria e Honscha subiram para o apartamento. O velho Bezerra fora colocado na cama de casal do quarto principal e Beto dormia ao seu lado. Ela apanhou cobertores e almofadas e os dois se acomodaram na sala, defronte à janela, onde o sol nascente foi encontrá-los dormindo abraçados. Ele acordou de cara para o burburinho da Praça num dia que se prenunciava ensolarado e quente e toda aquela arruaca lembrava feiras-livres e quermesses de colégios de freiras. As professoras retumbavam suas sinetas, os operários ribombavam seus bumbos, estudantes badalavam triângulos, torcedores de futebol soavam seus apitos e cornetas de torcida organizada. As sete horas já estava funcionando o novo serviço de alto-falantes com as caixas que foram instaladas na madrugada, equipamento de um conjunto de som que fora abandonado no auditório do legislativo.

Honscha começa a pensar: o que estava fazendo? Pondo de lado tudo que lhe motivara a admiração de Maria e a convivência com toda aquela gente, a satisfação de sacudir de cima dos ombros anos de servilismo ao governador e ao sistema que este representava, ele estava convencido do prevaecimento de algo muito íntimo, uma força interna capaz de superar todos os seus receios e compromissos anteriores para impulsionar seus passos no mesmo caminho dos manifestantes.

Chegou na janela para tentar escutar as mensagens divulgadas pelos alto-falantes e que provocavam alaridos entre a multidão, mas o vento carregava as palavras para longe e não conseguia perceber seu sentido. Apanhou um rádio portátil sobre uma das mesas da cozinha e foi para o banheiro. Tirou a roupa e meteu-se sob o chuveiro pensando em ouvir música, mas logo a canção que sintonizara foi substituída por um locutor em tom emocionado que passou a transmitir uma edição extraordinária do noticioso radiofônico. Honscha precisou desligar o chuveiro para entender as notícias e correu, enrolado numa toalha, para acordar Maria:

— Ei, acorde — sacudiu-a pelos ombros, e diante de sua aparência sonolenta disparou a falar sem parar — acorde, a capital está sendo invadida. Soldados e agricultores do interior estão prestes a entrar em combate com tropas do quartel-general. Parece que já ocorreram vários choques, esta madrugada, entre alguns regimentos que estavam lá na fronteira e tentaram retornar para reforçar a

capital. As estradas estão bloqueadas. A Marinha está mandando fuzileiros para Rio Grande. O governo federal está anunciando que tropas de pára-quedistas do Rio de Janeiro já estão seguindo para o sul, quer dizer, para cá. Maria, acorde, estamos no meio da revolução.

O coronel Winter tencionava, com sua manobra de contorno acima do Jacuí, avançar para a capital deixando as forças enviadas pelo quartel-general isoladas. O movimento dos agricultores colocou um novo fator estratégico em pauta. Numa guerra moderna, com carros capazes de ultrapassar qualquer terreno, podendo ainda efetuar deslocamentos rápidos em rodovias asfaltadas, os acidentes geográficos passavam a constituir um empecilho pouco relevante, alterando todas as regras mais tradicionais dos conflitos bélicos. O confronto clássico, artilharia abrindo brechas para penetração de tanques secundados de infantaria, podia sofrer influências estranhas aos manuais militares. A participação social, por exemplo, ganhava destaque. Na derrota do Vietname, os americanos aprenderam muito sobre a possibilidade de utilização de civis em atividades de sabotagem, guerrilha, bloqueio de comunicações. Na medida em que avançava de um município para outro, ele compreendeu que esse importante ponto de influência estava pendendo irremediavelmente a seu favor.

Já era difícil distinguir nas três colunas que deslocava simultaneamente com o mesmo destino, a capital, se o predomínio era paisano ou fardado. Em cada povoado, homens de todas as idades e muitas mulheres aguardavam com bandeiras verde-amarelo-vermelhas e se juntavam à comitiva. Alguns pegavam carona nos próprios tanques e nas carrocerias de caminhões militares. Como uma chispa elétrica, a notícia da rebelião das tropas da fronteira se espalhou e todos corriam a engrossar as forças que marchavam contra os representantes do governo federal.

Winter resolveu que seria impossível contê-los e qualquer tentativa nesse sentido atrasaria sua marcha, de modo que, embora alimentasse certos temores, resolveu permitir aquela integração espontânea e recomendou aos seus oficiais que deixassem para trás alguns que parecessem mais afoitos com a missão de retardar o avanço das forças de Tatagiba caso este pretendesse surpreendê-lo pela retaguarda. Dinamitadores militares também receberam missões específicas no mesmo sentido. Algumas pontes seriam derubadas caso os bloqueios físicos das rodovias não fossem suficien-

tes. Ele calculava que precisaria de quarenta e oito horas depois de tomada a capital para reforçar suas posições e se preparar para defender a grande metrópole. Em seu carro de comando, em uniforme de combate, mirava a cerração fechando a estrada e reduzindo as luzes dos faróis dos carros que o seguiam ao pálido brilho das velas de procissão. Caso a Força Aérea interferisse, estremeceu com a lembrança, o estrago seria grande. Mas ele sabia que a reação dos oficiais da aeronáutica seria de cautela num primeiro momento. Na dúvida entre pender para um lado ou outro, ficariam por terra, cada facção neutralizando a outra. Acabariam não levantando vôo. Na Brigada Militar conseguira um compromisso do gênero nos contatos preliminares que mantivera com altos oficiais da corporação. Não achara viável, contudo, abrir negociações semelhantes também na Força Aérea, preferindo contar com o fator surpresa. Colocou a cabeça para fora da janela e não ouviu nenhum zumbido dos jatos equipados com mísseis mortíferos.

— Está dando certo, eles vão ficar esperando por céu de brigadeiro — ironizou o coronel rebelde.

Ele não ignorava, contudo, os pontos fracos da sua operação. O Rio Grande era facilmente isolado. Durante a revolução farroupilha, mais de século e meio antes, o domínio do único porto marítimo do Estado por tropas fiéis ao Império manteve os primeiros farrapos, denominação dada aos revoltosos justamente em decorrência das dificuldades que encontravam para equipar suas forças, restritas ao interior do Estado. Mesmo quando conseguiam conquistar a capital, dependiam do porto da cidade de Rio Grande para ganhar acesso ao mar. Numa Marinha predominantemente nordestina, Winter não esperava encontrar o menor apoio e teria como única alternativa abrir caminho por terra caso conseguisse o apoio maciço do Exército no sul. Ele matutava sobre suas possibilidades enquanto perscrutava a escuridão à sua frente. Na altura de Santa Cruz, desmembrou algumas unidades de artilharia que deveriam cruzar o rio próximo a Triunfo para colocar suas baterias em Guaíba e impedir a utilização das grandes pontes ligando a capital à zona sul do Estado.

— Vamos ter um dia quente — comentou observando o rastro sanguinolento dos primeiros reflexos do sol nascente.

O horizonte era quebrado por uma nesga avermelhada, raios refletidos no ar cerrado da manhã outonal. Alguns anos antes, enquanto completava um curso sobre mísseis nos Estados Unidos,

pensando nas condições do armamento das forças armadas em seu país, no tipo de treinamento ministrado e no regime nada profissional de convocar recrutas a cada ano para desenvolver suas aptidões para a luta num nível abaixo do regular. Winter pensava que jamais apostaria um centavo em sua eficiência em caso de guerra. Agora, à frente de uma rebelião ou sedição — os historiadores levariam anos tentando classificar o gênero e os motivos do seu gesto — reconheceu que aquela mescla de civis e soldadinhos mal-preparados que estava liderando perderia ainda mais longe, em termos de profissionalismo, para os elementos que o general Madalena certamente estaria mobilizando próximo à capital para conter seu avanço.

O cansaço bateu e o coronel cochilou recostado nas laterais do toldo de lona do veículo, misturando em sua mente breves visões de Ana, a namorada carioca, e um sonho confuso em que se via falando para uma platéia de oficiais e civis na Escola Superior de Guerra:

— Este país constitui, certamente, a maior massa territorial do globo governada por um único homem, à mercê da vontade absoluta do seu presidente. Os Estados Unidos estão divididos em Estados autônomos em que o poder central é limitado. De um Estado para outro podem existir leis diferentes, culturas diversas. A União Soviética é formada por vários países, cada qual com sua estrutura econômica, social e administrativa. Somente aqui prevalece esse sistema doentio viciado no autoritarismo que só favorece a incompetência e a corrupção — dizia em seu sonho e era freneticamente aplaudido por um bando de generais com seus uniformes repletos de medalhas e fitas coloridas.

Um sacolejar mais violento nas estradas esburacadas pelo trânsito constante da produção agrícola gaúcha em caminhões pesados, o meio de transporte mais caro e menos competitivo, o despertou para a realidade. Durante toda a vida classificara as pessoas por categorias, mas, ao se observar refletido no vidro do pára-brisa não encontrou uma definição clara para aquele homem de verde-oliva encolhido no banco de um jipão militar, braços cruzados, mirada maldormida dos boêmios. Remexeu-se procurando uma postura mais formal e reencontrou-se com o oficial de formação rígida, sempre preocupado com a aparência. Um militar, seja de que patente for ou a arma que servir, não é diferente do outro, pensou. Qualquer um poderia estar em seu lugar se contasse com os

mesmos antecedentes ou não. Bastaria querer e era essa concórdia fundamental, não o fato de ter nascido em determinada região do país, que o faria quebrar os tabus da disciplina para restabelecer princípios vitais para a organização político, social e econômica de uma nação.

Se os gaúchos contavam com a memorável Revolução Farroupilha como precedente histórico, em outros pagos não faltavam exemplos marcantes da rebelião dos concidadãos contra a gritante hegemonia de poder do governo central, a corte monárquica sucedida pelo autoritarismo presidencialista. Os pernambucanos fizeram sua revolta dos Mascates e, mais tarde, a Confederação do Equador, que acabou sufocada com a fuga dos rebeldes para o Ceará, onde foram alcançados e derrotados pelas tropas do governo. Minas teve os Emboabas, os Inconfidentes; a Bahia não esquece sua Inconfidência Baiana; Santa Catarina, sua República Juliana. Não se tratavam de rebeliões francamente separatistas, mas movimentos que visualizavam um novo país, constituído por Estados livres e autônomos.

Winter puxou um bloco de anotações e começou a rabiscar flashes de seus pensamentos. O governo só se lembra do Rio Grande do Sul na hora de raspar-lhe os cofres, pedir-lhe sacrifícios de toda monta e impedir-lhe o desenvolvimento. Confiscos, sobretaxas, impostos, a pilhagem é constante e implacável, foi rascunhando nesse tom até que o aparelho de comunicação do banco traseiro começou a chiar e o sargento passou-lhe o fone. Eram os batedores avançados informando que a capital estava à vista e que seria necessário refrear a margem para dar tempo à coluna que fazia um caminho mais longo, circundando para entrar por Viamão, para que entrasse em posição de combate. Winter paralisou todo seu cortejo e aproveitou para dispor os civis na retaguarda. Cada soldado procedeu o derradeiro exame de suas armas, abriu e fechou ferrolhos, apalpou granadas, pressionou e tornou a trancar as traves de segurança. O coronel abriu os mapas no capô do seu veículo e conferiu a posição de cada coluna, acertando os ponteiros para o avanço final. Em três quartos de hora, não mais, estaria frente a frente com sua imagem no espelho de ontem, um outro oficial obediente e fiel ao governo que estaria pronto a disparar contra os insurretos. Saberia, então, qual deles era real. Uma questão de sobrevivência.

PARTE SÉTIMA

“Gozando de absoluta independência, a despeito de nossos negócios internos e peculiares, não duvidamos, quanto ao mais, em submeter-nos a um governo geral que velasse sobre o bem e o interesse da União”.

General Bento Gonçalves da Silva, em carta da prisão no Rio de Janeiro

A reportagem eleva a condição de jornalista ao extremo limite em que um homem supera suas aspirações pessoais e começa a tocar nas cordas de suas necessidades mais espirituais. Quando se deve retratar um fato, por mais banal que seja, depois de acompanhá-lo pessoalmente, examinar suas causas e conseqüências, o acontecimento em si perde seu significado e passa a existir apenas num nível abstrato. Se o narrador não der muito de sua sensibilidade será como se nada tivesse acontecido. Na versão de um incompetente ou de um escrevinhador comprometido com determinados interesses, como a sobrevivência do Império Português, por exemplo, o Grito da Independência passaria quase despercebido, esvaizado de qualquer importância.

Quando um jovem é afogado numa tina dentro de uma delegacia de polícia ou um banqueiro pratica uma grande falcatura que prejudica milhares de pessoas, somente a consciência de um profissional capaz de suplantar suas necessidades humanas por algo divino poderá fazer com que cada detalhe chegue ao conhecimento do público devidamente dissecado e capaz de provocar repercussões sérias. O jovem deixaria de respirar mais cedo ou mais tarde. O banqueiro sempre poderia desenvolver esquemas mais ou menos

honestos, como elevar as taxas de juros, para ficar com o dinheiro de seus clientes. São crimes que só fazem apressar a ordem das coisas e a disposição de Deus. Um bom repórter, porém, pode não só alterar o desenrolar normal desses processos criminosos, usualmente impunes, como promover formas de prevenção que evitem sua repetição no futuro. Como se pudesse inverter os desígnios da Criação na condição de instrumento da vontade do Senhor.

Ao caminhar pela Praça na condição de jornalista desempregado, eu senti a importância de transformar aquilo tudo numa grande reportagem e toda a impotência por não dispor de um jornal para publicá-la. Como um Cristo abandonado na cruz. As redações estavam cheias de jornalistas que jamais haviam saído para a rua à cata de notícias, meros articulistas de opiniões patronais, compiladores e deturpadores de informações levantadas por outros ou simplesmente encaminhadas por assessorias do governo, empresas estatais, entidades de classe, firmas privadas, enfim, toda gama de gente interessada em divulgar alguma coisa e que contratava relações públicas para apresentarem as versões que lhes fossem mais convenientes. Invariavelmente, eram publicadas como verdadeiras sem passar pelo menor exame.

Uma semana antes de sua empresa entrar em estado falimentar, o presidente do Lanifício Albornoz, responsável pela exportação de trinta por cento da lã gaúcha, fazia publicar matérias salientando a excelência do mercado internacional para aquele produto e os lucros fabulosos que somaria no fim do exercício. Mesmo depois de levarem o Montepio da Família Militar e o Grupo Financeiro Sulbrasileiro à bancarota, os dirigentes das duas instituições conseguiram espaço para longas entrevistas em que pouco explicavam mas garantiam sempre, sem a menor contestação, que tudo estava muito bem, sem o menor problema, e que a intervenção do Banco Central ocorrera por engano, mera precipitação de alguma autoridade afobada.

Em questão de dias, a Praça poderia voltar ao normal, toda aquela gente retornaria às suas rotinas diárias e não ficaria nenhum registro hábil e suficientemente convincente para compensar aquele esforço. As edições daquela época limitavam-se a divulgar a versão do governador distribuída pela Mepela desde que os 150 assessores do seu gabinete de imprensa aderiram à greve pelos salários atrasados. Penetrei no legislativo e busquei refúgio na sala do subsolo reservada aos repórteres políticos, onde encontrei mi-

nha amiga Cida esvoaçando numa grande bata floreada. À distância, os enormes brincoes vermelhos pareciam dois tomates e de perto se percebia que imitavam realmente dois tomates em plástico. Eles oscilaram em minha direção e junto com um beijo em cada bochecha ouvi que a coisa estava ficando tri-russa, o que traduzindo para uma língua que os soviéticos não entenderiam significava que no mínimo três gaúchos estavam brigando de facão no escuro.

— As estradas estão bloqueadas pelo Exército pouco antes de São Gabriel e nosso repórter enviado para lá foi retido. A última informação que levantamos antes dos telefones ficarem mudos é que alguns regimentos da fronteira se rebelaram e os arroteiros, os sojicultores, os sem-terra, toda essa peonada do campo está promovendo o maior fuzuê por este interior.

Ela falava de sopetão, saltitando na ponta dos pezinhos enfiados em alpargatas coloridas nas duas ou três únicas cores que não constavam da bata enorme encobrendo do pescoço aos pés seu corpo miúdo.

— Está estourando outra revolução farroupilha, cara. Nem tô acreditando.

Como podia acontecer uma coisa dessas justamente naqueles sete ou oito meses de cada ano em que eu costumava procurar empregos que perderia quatro ou cinco meses depois. Não era justo. Estava irritado comigo mesmo, por ter queimado pólvora em chimgo, como costumavam dizer os bombachudos. Alimentara campanhas contra policiais assassinos e agentes financeiros corruptos e quando algo realmente vital acontecia, quedava completamente manietado, sem condições de participar com o maior potencial que um jornalista pode armazenar, a capacidade de transmitir os acontecimentos como realmente ocorreram sem se importar com as conseqüências pessoais por tal ousadia.

— Olha — emendou ela — mandei o motorista na sucursal pedir autorização para seguir para o interior. Se o chefe de reportagem topar, não queres ir junto?

Concordei prontamente e saímos na busca de um café, cerimonial inevitável quando dois jornalistas se encontram. Um senhor de careca reluzente, escriturário na Secretaria de Obras, consentiu com visível prazer em nos servir dois copinhos da água morna e pardacenta que trazia numa garrafa térmica. A qualidade do café nacional caíra vertiginosamente pois o produto de melhor qualidade era exportado para pagar a dívida externa. Sorvi o meu de um gole:

— Se a estrada está impedida...

— Vamos com um carro que não estará embandeirado — disse ela referindo-se a um veículo não oficial do jornal, ou seja, que não traria o logotipo da empresa e a palavra imprensa estampada no capô.

— Dará certo?

— Claro, vamos por umas estradas marginais que só o David, o melhor motorista dessas bandas, conhece — falou e brincou erguendo seu copinho de café.

Saímos para a Praça e seguimos para um ponto combinado, dois quarteirões abaixo, sob o viaduto, onde David realmente aguardava com um Opala cinzento, carro particular do diretor da sucursal.

— Olha só, ganhamos a caranga do patrão. Nenhuma locadora quis liberar um carro de aluguel — justificou ele.

Sentei atrás, onde o fotógrafo Daniel, recostado no banco luxuoso, bebericava um uísque que descobrira no bar montado sob a consola. David arrancou cantando pneus e iniciamos a viagem mais estranha pelo roteiro mais maluco que alguém possa imaginar. Passamos por Venâncio, entramos em estradas de terra e acabamos em Sobradinho, eventualmente utilizando trechos de asfalto das vias principais, e seguindo o nosso sistema, engolindo todo o pó do mundo, acabamos em Santiago, via Tupanciretã. Chegamos de madrugada e a Cida, como toda repórter que se preza, resolveu ir diretamente ao assunto. Depois de contornar durante horas para evitar encontrar algum milico pelo caminho, ela foi bater diretamente num quartel, sem saber direito qual deles era.

— Nem sabes que quartel é esse? — reclamei.

— É de comunicação, deve ser importante — justificou ela.

Ficamos dentro do carro, faróis acesos, enquanto ela se aproximou das sentinelas entrincheiradas atrás de sacos que formavam uma barreira adiante do portão principal:

— Quem vem lá — bradou o soldadinho.

— Sou jornalista, quero falar com o oficial da guarda.

— Espere aí. Não se aproxime mais — falou um deles.

Em questão de minutos surgiu um oficial com uma cartucheira meio caída na cintura, a ponta inferior do coldre amarrada na perna direita, caminhando como um cowboy:

— Boa noite, em que posso servi-la? — aproximou-se dela estendendo a mão com gentileza.

Ela se surpreendeu com o gesto e colocou apressadamente a caneta na boca para livrar uma das mãos para o cumprimento:

— Eu gostaria de falar com o comandante — pediu.

— Ele não está. Todo o regimento foi para o campo de treinamento em Sai-Cão, para os exercícios da nossa brigada — explicou ele calmamente.

— E como se faz para chegar lá? — arriscou ela para descobrir se haveria algum inconveniente em tomar a estrada principal e correr até Rosário, onde se localizava a área de treinamento militar.

— É fácil mas acho que a senhora não vai encontrá-lo por lá. Ele está avançando com todo o regimento para a capital, seguindo o coronel Winter — adiantou o jovem tenente.

— Para a capital? — Cida estava intrigada mas evitava avançar com perguntas que pudessem inibir o oficial.

— Sim — respondeu ele, candidamente.

— E quem é esse coronel Winter?

— É o chefe do Estado Maior da nossa brigada.

— Brigada?

— É. O Exército se divide em Exércitos. Temos o primeiro, o segundo o nosso aqui na região é o terceiro, Bom, o terceiro Exército se divide em divisões. Temos a primeira, a segunda, a terceira. A nossa, com sede em Santa Maria, é a terceira divisão. Cada divisão tem várias brigadas. Aqui em Santiago temos a sede da Primeira Brigada de Cavalaria Mecanizada — ele explicou didaticamente.

Por isso é que existem generais de Exército, de divisão e de Brigada? — falou ela.

Desci do carro antes que ele completasse a lição e explicasse que as brigadas se dividiam em regimentos, estes em companhias, batalhões, si lá mais o que. Já descobrira que estava diante de um zeloso oficial de uma droga de brigada de uma peste de divisão de um saco de Exército e perdera a paciência.

— Mas por que o coronel Winter está marchando para a capital? — interroguei-o sem me apresentar.

— Isto o senhor terá de perguntar para ele. Não estou autorizado a responder — retrucou com frieza mas em tom moderado, tanto que esfriou meu ânimo.

— Aqui é a sede do regimento de comunicações — emendei.

— Da décima-primeira Companhia de Comunicações — corrigiu.

— E o resto da brigada também seguiu o coronel Winter? — baixei para um tom de voz cúmplice.

— O nono Batalhão Logístico, o décimo-nono Grupo de Artilharia de Campanha, esses sei que foram, são daqui de Santiago. Mas também seguiram tropas de outros municípios — informou.

— Quando partiram? — Eu pressentia a coisa.

— Já devem estar chegando lá — ele colocou com um meio sorriso.

Era isso, por esta razão ele estava tão à vontade conversando com dois jornalistas babacas no meio da madrugada defronte do portão do seu quartel. O que for que estivesse para acontecer se daria antes que pudessemos utilizar suas informações. Peguei Cida pelo braço e mergulhei para dentro do carro berrando para o David.

— Toca homem, pelo caminho mais curto, direto para a capital.

Os pneus rangeram e retornamos varando a madrugada pelas rodovias principais, David impulsionando o automóvel a mais de 140 quilômetros por hora avançava na escuridão apenas pressentindo a estrada em meio a cerração. Cida esbravejava e teve de engolir os piores palavrões quando o motorista foi obrigado a frear numa barreira de tratores e colheitadeiras improvisada por agricultores orientados pelo major Mitri. A viagem prosseguiu com essas freqüentes interrupções mas sempre nos deixavam passar depois de um exame sumário dos passageiros no interior do carro e perdíamos tempo contornando máquinas agrícolas e toras de madeira dispostas para impedir a possibilidade do coronel Winter ter sua retaguarda cortada por forças inimigas.

A batalha iniciou às 6h45min da manhã quando foram disparadas as peças do 16.º Grupo de Artilharia de Campanha sediado em São Leopoldo, deslocado pela rodovia federal, na direção de Santa Cruz do Sul, para interceptar a coluna rebelde. Estava apoiado pelo 19.º Batalhão de Infantaria Motorizado e teria condições de causar grandes estragos e paralisar o avanço das forças do coronel Winter se seus comandantes não vacilassem em cumprir exatamente as ordens recebidas. Ao invés de fazer fogo diretamente sobre a vanguarda dos rebeldes, optaram por uma carga de alerta sobre terreno despovoado, esperando com isso evitar o combate.

Winter rapidamente ordenou a tomada de posição para o ataque e como a hipótese já fora prevista nos preparativos para a revolta, seus oficiais não perderam tempo, dispondo suas próprias peças de artilharia, desembarcando a infantaria para avançar pelo terreno e manobrando as unidades de blindados para a carga imediata. O Quinto, de Rosário, na linha de frente. A vacilação dos defensores da rodovia ficou ainda mais patente quando um jipe, conduzindo um coronel e um major, deixou suas fileiras em direção ao inimigo ostentando uma bandeira parlamentar.

O próprio coronel Winter saiu ao seu encontro em uma viatura

e o diálogo foi curto e ríspido:

— Tenho ordens de defender essa estrada e impedir sua passagem, coronel — afirmou o coronel que Winter desconhecia e trazia apenas uma fita grudada sobre o bolso superior do uniforme, em letras vermelhas, com seu nome de guerra, “cel. Pacheco”.

— Então cumpra suas ordens, coronel. Não tenciono perder tempo com conversas. Se o senhor não sair do nosso caminho vamos passar por cima — disse Winter e deu-lhe as costas, ordenando ao seu sargento-motorista que retornasse às linhas.

Quando voltou à sua posição de origem, o coronel Winter observou que o jipe com o oficial parlamentar ainda estava a caminho de suas tropas e ordenou uma primeira carga de artilharia, justamente entre esse veículo e seu destino. Os tiros foram precisos e Winter não pode deixar de rir quando o cel. Pacheco desceu da sua viatura e correu saltitante por entre as crateras abertas pelas bombas. Não havia tempo para maiores elocubrações e Winter mandou prosseguir com o plano traçado. Sua artilharia abriu fogo e os tanques avançaram rangendo suas lagartas e confundindo o pipocar de seus motores com o estrondo dos obuses. O Quinto liderou o ataque. Em questão de minutos, a resistência que se esboçou tímida cedeu. O cel. Pacheco entregou-se com seus oficiais. Perdera um capitão, atingido na cabeça e tinha vários feridos a comprovarem sua coragem no combate. Mas indiscutivelmente a vantagem numérica dos rebeldes era imbatível:

— Eu me rendo, não pretendo sacrificar meus homens — justificou-se ao oferecer a espada a Winter.

— Guarde-a, coronel, e dispense as formalidades, por favor. Quero avançar sobre a capital — desculpou-se.

— O senhor não encontrará mais resistência no caminho. A maioria das tropas foi deslocada para o interior e estão encontrando dificuldades para retornar.

— E eu não sei? — ironizou o chefe rebelde.

Quando sua coluna retomou a marcha recebeu informações de que as tropas que enviara por uma rota de contorno já haviam entrado na capital, via Viamão, descendo para o centro pelas duas margens do riacho Ipiranga. A segunda coluna, via Cachoeirinha, tomara posição ao longo da auto-estrada para Osório, podendo cair sobre o centro em dez minutos, a uma ordem do comando revolucionário. Winter mandou acelerar e os veículos civis, sempre mais velozes, voltaram a integrar-se à sua comitiva. Uma camioneta de ca-

bine dupla com meia dúzia de jovens arroteiros, todos eles barbudos e de boinas ao estilo castrista, fez menção de ultrapassar seu próprio veículo e Winter fez sinal para que manearassem. Observou a placa de Bagé e gritou na sua direção:

— Calma, tchê, ou entrego vocês para o analista.

Um dos rapazes sorriu e levantou a carabina de dois canos em saudação. O motorista do coronel acelerou ainda mais, entraram no trecho de pistas duplas que seus seguidores ocuparam em toda a extensão, carros militares e de paisanos, lado a lado, numa confusão total. Nessas alturas, os blindados e os veículos mais pesados ficaram para trás, mas Winter não se importou com isso. Não necessitaria deles agora que provara estar disposto a usá-los.

Ao avistarem a estátua do Laçador descobriram uma tropa de cavalaria, peões de centros tradicionalistas, em seus trajes típicos, bandeiras tricolores do Estado nas mãos. Vinham recepcioná-los e passaram a guarnecer os carros militares, seguindo-os com seus cavalos. Winter chegou ao centro da cidade à frente desse verdadeiro carnaval de soldados, tropeiros, agricultores, e rumou para a Assembléia Legislativa. Seus homens já sabiam o que fazer. Cada rádio seria tomada e enquadrada numa cadeia de emissoras capaz de transmitir, para todo o Estado, quiçá para todo o país, o manifesto que leria perto do meio-dia no plenário tomado pelas lideranças grevistas.

Antes disso, precisava avaliar a situação. Enquanto a Praça vivia um clima de festa ele rumou para o subsolo do legislativo, onde seus homens isolaram rapidamente o local. Lá era aguardado pelo presidente da federação do comércio, Parente, e outras lideranças empresariais. O jipão de comunicações abriu sua maior antena, mesas de campanha foram dispostas e oficiais e sargentos começaram a trabalhar no equipamento de rádio e nos mapas com base nas informações já coletadas e analisadas em outros postos. A coluna de Viamão permaneceu estacionada depois de guarnecer as margens do riacho que cortava a cidade ao meio. A coluna de Cachoeirinha tomou conta das pontes sobre o rio, isolando a região sul do Estado e apoiando as baterias que já haviam entrado em Guaíba e alteraram seus prováveis alvos, desviando suas alças de mira para o sul.

Uma lancha vermelha do Corpo de Bombeiros deixou a doca do porto da capital e poderia ter sido facilmente abatida por estas baterias. Conduzia o governador Jatahy, o comandante do Exército no

sul, general Madalena, e outros oficiais superiores. Tónico Maluz estava utilizando seu iate particular, ancorado num clube da zona sul, para tomar o mesmo rumo, um cruzador da Marinha enviado desde Rio Grande e que aguardava ao largo do farol de Itapuã. Passaram sem ser molestados pois os rebeldes estavam mais preocupados em tomar a capital.

No plenário, líderes dos movimentos rurais ocupavam a tribuna para falar do empenho do Rio Grande em libertar-se do jugo do governo central que desprezava as necessidades estaduais.

— Cansamos de ser explorados — começou Olavo e a professora Marisa, no centro da principal Praça de Santiago tomada pela população reunida para escutar o que estava ocorrendo na capital através dos alto-falantes colocados pelos rebeldes, aplaudiu calorosamente.

Alguns quilômetros além, ao lado de seu irmão, o major Mitri ouvia o mesmo discurso e comentava:

— Por aqui, podemos descansar. O general Tatagiba está recuando para Rio Grande.

— Recuando? Você conhece muito pouco da nossa história. Em Rio Grande ele receberá reforços por mar e garantirá o ingresso dos navios da Marinha na Lagoa dos Patos e não poderemos dormir tranquilos na capital, esperando um desembarque de fuzileiros a qualquer momento. Isto está apenas começando — frisou o coronel Mitri.

— Por enquanto, praticamente não tivemos perdas no movimento de sabotagem das suas manobras. Apenas um caminhão de Passo Fundo capotou e morreram cinco pessoas, três delas de Carazinho, que viajavam na carroceria. Poderia ter sido muito pior pois acho que eram mais de cinquenta agricultores espremidos naquele caminhão.

— Iam para onde? — indagou o coronel.

— Queriam chegar na capital a tempo de participar da festa — respondeu o irmão.

— Perto de Canguçu houve troca de tiros entre soldados e colonos. Tivemos perdas dos dois lados mas ainda não tenho os números. Meus homens estão avançando nas pegadas de Tatagiba para evitar mais estrepitios do gênero. Não posso evitar que ele chegue a Pelotas. Se tivesse um avião mandaria derrubar a ponte para Rio Grande sobre o canal de São Gonçalo — afirmou o coronel.

Teremos tempo para isso. Daqui há pouco começará o discurs-

so do coronel Winter — cortou o major Mitri.

Beto aproximou o velho Bezerra da janela e colocou o volume do rádio ao máximo para suplantar a algazarra da multidão na Praça, onde faziam soar todos seus bumbos, sinos, triângulos, cornetas. Falava a representante do comitê dos professores e o operário convalescentes pediu que o som fosse reduzido. Beto cedeu e baixou o volume do rádio.

— Agora, as janelas — pediu Bezerra.

O rapaz também tornou a fechar os postigos envidraçados. A revolução parecia ter colocado alguns quilômetros de distância entre os dois metalúrgicos e o alarido agora abafado estava prestes a morrer carregado pelo vento. Beto sentou ao pé da cama onde o velho repousava:

— O senhor não parece muito animado com a chegada dos soldados.

— Os milicos nunca foram capazes de fazer qualquer coisa por nós, os trabalhadores. Não será agora que quebrarão a regra — retrucou Bezerra.

— Bom, mas sempre é uma revolução.

— Como a farroupilha?

— É o que estão dizendo.

— Olha — enfezou-se o velho — essa tal história de Guerra dos Farrapos é pura lorota. O que aconteceu, mesmo, foi que alguns integrantes da elite entraram em pânico porque o governo imperial vinha com muitos impostos, coisa e tal. E mandaram a peonada lutar.

— As pessoas são mais esclarecidas hoje em dia, Bezerra — disse Beto.

— Por quê? Hem? Que esclarecimentos temos? Alguém nasceu com um detector de mentiras na cabeça? Poderemos distinguir entre falsas promessas e interesses escusos? Corremos o risco de ser levados, novamente, de roldão, como bucha de canhão.

Muitos anos após o coronel Winter proferir seu discurso no plenário do legislativo gaúcho, transmitido por redes de televisão e rádio para todo país (depois da troca de tiros e da morte do capitão naquela manhã, a rebelião ganhou caráter oficial e passou a ser noticiada quase que ininterruptamente) seu pronunciamento, somente encontrado em velhos compêndios da história estadual, perdeu um pouco de seu significado. Ele rascunhara algumas linhas, acrescentara outras anotações guardadas de antigas leituras, mas basicamente improvisara ao falar e o peso da responsabilidade e as condições físicas do local, literalmente apinhado de gente, todos em pé, por cima dos bancos, das mesas dos parlamentares, acotovelando-se em torno da tribuna, confundiram um tanto aquele militar acostumado à ordem e à disciplina das paradas nos quartéis. Mas, naquela ocasião, ele simplesmente abafou.

As fotos feitas na oportunidade o apresentavam de uniforme, cabeça descoberta, seu perfil retratado apenas do busto para cima recortado na multidão em expectativa apinhada ao seu redor. Notam-se punhos erguidos e bocas escancaradas em gritos de aprovação lançados após cada sentença. Os telespectadores que acompanharam a cena em seus vídeos, estima-se que mais de cem milhões

de norte a sul assistiram a transmissão ao vivo, ficaram certamente estarecidos com o clima envolvente, realmente feroz, do povo aplaudindo um líder que em poucas palavras conseguia expressar o que todos estavam desejando dizer há muito tempo.

— Rio-grandenses — ele fez uma pausa, aguardando que cessasse a ovação provocada por sua apresentação como chefe militar das tropas revoltadas em Sai-Cão — vou falar aqui não em meu nome pessoal mas no de todos os oficiais e praças do centro-oeste do Estado que se rebelaram contra a situação humilhante em que vive hoje o Rio Grande e se aliaram a este povo heróico que nas praças e vias públicas têm enfrentado o descaso e o menosprezo do governo federal.

Ecoou mais um brado de concordância, todos os punhos se ergueram fechados, os bumbos soaram, os sinos idem, numa saudação que se repetiria após cada sentença. Para evitar ser interrompido com tanta freqüência, o coronel Winter optou por alongar o máximo possível cada frase, só as pontuando quando realmente lhe faltava fôlego. Luisinho, o presidente da federação dos industriais, conseguiu esgueirar sua figura magrela para postar-se ao seu lado, num plano mais baixo.

— Temos acompanhado, na casernas — continuou tonitroante — os movimentos que estão a eclodir a cada ano, dos professores, dos previdenciários, dos metalúrgicos, dos funcionários públicos, dos arrozeiros, dos sojicultores, dos sem-terra, enfim, de praticamente todo o meio social gaúcho, a reivindicar alguma coisa que sempre é negada e quando prometida é logo negligenciada.

Maria, apoiada na murada da escada de acesso às galerias logo atrás da tribuna, sentiu um braço envolver seu ombro. Honscha está ao seu lado. Ela retira sua mão e chama sua atenção para as câmeras de televisão registrando a reação do público no recinto mas ele dá de ombros e insiste em abraçá-la. O coronel arrancava nova demonstração ruidosa de aquiescência dos manifestantes.

— O povo gaúcho acabou perdendo sua fé não só naquelas autoridades do governo que prometiam soluções, aumentos, empregos, recursos, reformas, e nunca cumpriam esses compromissos como também deixou de confiar nas lideranças políticas, sindicais e representativas de categorias profissionais que promoviam greves e manifestações com objetivos partidários e politiqueiros para, ao fim e ao cabo, negociarem acordos falsos e trapaceiros que, sabiam bem, seriam esquecidos. O povo cansou de ser massa de manobras

de interesses ideológicos dos fomentadores de siglas e partidos e passou a organizar um movimento mais forte e autêntico visando objetivos práticos e incapaz de conhecer a derrota.

Helena, que desde a saída de Honscha, permanecia no apartamento, acabou localizando o marido focado momentaneamente por um zoom que foi buscar detalhes do público postado na escadaria atrás do orador. Olhou para o aparelho como que hipnotizada ao notar a presença de outra mulher ao seu lado, enlaçada por ele, a cabeça repousada em seu ombro, como um casal de adolescentes namorados, e deixou escapar um gemido atônito: “Honscha, papai te mata”, murmurou.

— Ficamos sensibilizados, nos quartéis — acentuou o coronel — pelo espírito dos organizadores desse novo movimento e não nos surpreendemos quando cresceu até atingir o caráter de uma paralisação quase total das forças trabalhadoras deste Estado, levando suas reivindicações às últimas conseqüências numa demonstração cabal de que o Rio Grande ainda dispõe de muita força moral para levantar sua honra acima das pretensões dos que esperam jogá-la na lama.

Somente os dotes de oratória do coronel, sua voz potente e clara, enérgica mas pausada, bem articulada, poderiam compensar sua falta de estilo e este fraseado um tanto confuso e demasiado longo. Mas a situação não estava a exigir um poeta ou um literato, pelo contrário, o povo já estava tão cansado de ditadores que encomendavam seus discursos com assessores letrados que a maneira simples e desprovida de melhor elaboração do coronel tocou a todos por sua evidente sinceridade. Cada expressão partia de dentro de sua alma e tocava fundo no coração de cada ouvinte:

— Quando vieram, então, exigir de nós, soldados mas também gaúchos, que sufocássemos pelas armas a livre expressão desses manifestantes que estavam a exigir apenas aquilo a que o Rio Grande tinha direito, compreendemos que não restava mais nenhuma margem para o diálogo e para a negociação política de alto nível que as lideranças desse movimento estavam propondo. Se ordenaram que nossos fuzis se voltassem contra o povo para definir esta parada, sentimos que somente colocando nossa força militar ao lado do povo e suas reivindicações poderíamos realmente contribuir para uma solução para o Rio Grande e sua gente. E aqui estamos.

Em cada recanto daquilo que se convencionou chamar os nossos pagos eclodiram aplausos, gritos de confirmação, espocaram fo-

guetes e tiros foram dados para o ar. O coronel Winter engoliu em seco e procurou salivar por alguns segundos antes de retomar seu pronunciamento. Começava a ficar com a boca seca, reflexo do nervosismo e da emoção.

— Juramos defender a nossa Constituição e essa Constituição reza que vivemos numa República Federativa, garante a liberdade de manifestação e firma, acima de tudo, que todos somos iguais perante a lei. Não podemos aceitar, então, uma República em que cada cidadão não tenha liberdade para definir seu futuro; em que cada Estado e Município não tenha a autonomia e a independência para atender essas necessidades de seus cidadãos, dispondo dos recursos gerados pelas riquezas que produz; onde se pretenda usar as leis para fazer valer a vontade das minorias sobre a maioria do povo que quer mudanças imediatas e cansou de ser iludido por gestos protelatórios.

Durante mais de três minutos o coronel Winter não conseguiu retomar seu discurso. Gritaram-se refrões, deram-se vivas, repetiu-se toda a balbúrdia ensurdecidora que levou alguns críticos da rebelião a classificarem aquele momento como o de um orgasmo coletivo. Ele precisou altear um pouco mais seu tom de voz para prosseguir:

— Este não é um movimento militar. Não estamos aqui a promover golpes ou revoluções intestinas para chegar ao poder. Não, as tropas sediadas no centro-oeste gaúcho que marcharam até a capital ou encontram-se no interior mantendo imobilizadas as forças ainda obedientes ao governo federal cumprirão até as últimas conseqüências seu dever constitucional. Não se pode defender uma nação sufocando um de seus Estados mais nobres e produtivos, para a grandeza e a unidade do país queremos um Rio Grande forte e dono de seu destino.

Qualquer um poderá encontrar nos antigos alfarrábios de história a íntegra do pronunciamento do coronel Winter. Ele continuaria no mesmo tom por cerca de hora e meia, sempre aparteado pela multidão ruidosa que o forçava a intervalos expressivos. Não se trata de uma peça brilhante de literatura assim como não o eram, também, os manifestos dos primeiros farroupilhas, dos que lideraram a rebelião pioneira mais de século e meio antes. Em síntese, porém, repetiam os mesmos argumentos e revelavam a mesma disposição de luta. Na capital federal, o presidente mantinha o Conselho de Segurança Nacional em reunião permanente, a Marinha já des-

locava para Rio Grande grande parte de sua frota, inclusive seu único porta-aviões remodelado, e a Aeronáutica articulava uma operação com pára-quedistas e pilotos de confiança para tomar de assalto as duas bases aéreas que até então se mantinham imobilizadas no Estado. Nas praças e ruas de cada cidade gaúcha, com exceção do porto do Rio Grande onde fuzileiros e soldados do Exército passaram a guarnecer cada esquina, impedindo o trânsito dos habitantes, o clima era de euforia e comemorações, pela tomada da capital. Ninguém parecia temer as conseqüências.

Teríamos facilmente conseguido chegar até o plenário a tempo de ouvir o discurso do coronel Winter se o David, que conseguira tirar o máximo do potente motor daquele carro, dirigido por uma estrada asfaltada em ótimas condições, na claridade das primeiras horas da manhã, não tivesse resolvido desviar de um pequeno cãozinho que se atravessou na frente, naquele trecho da rodovia totalmente deserto, derrapando em conseqüência nos pedregulhos da lateral e capotando três vezes barranco abaixo. Felizmente saímos totalmente incólumes de dentro do totalmente demolido Opala Executivo do diretor da sucursal e com algum esforço consegui salvar o generoso motorista das mãos da furiosa Cida, decididamente uma pessoa que tem pouco amor pelos animais.

O fotógrafo Daniel saiu em busca de socorro mas nas duas fazendas mais próximas estavam apenas mulheres assustadas e preocupadas com os filhos e maridos que seguiram a coluna militar levando os únicos veículos disponíveis. Na terceira encontrou um plantador de fumo que não tinha televisão ou rádio e não sabia absolutamente de nada e o tomou por um comprador de firma multinacional, colocando-o a correr. Depois de muitas explicações Daniel convenceu-o a buscar-nos num pequeno trator.

Diante do nosso carro acidentado, dos apelos chorosos de Cida e de uma promessa de pagamento em dinheiro, ele concordou em levar-nos até a cidade mais próxima. De castigo, deixamos David guardando a sucata e os três, mais o agricultor, empoleirados no trator, seguimos até o vilarejo mais próximo, onde conseguimos um carro de praça que nos levasse para a capital. Era um fuca batendo biela e alcançamos a Praça no fim da tarde, quando o coronel Winter já se retirara para o acampamento militar montado nos quartéis do morro Santa Tereza.

Fomos para a redação, eu sempre acompanhando a Cida como testemunha ocular do acidente, mas ninguém deu a mínima para o nosso caso. Ela recebeu nova pauta e eu fui para a cabine de telex ler o material enviado pela sucursal sobre os acontecimentos daquela manhã e as repercussões colhidas por outros repórteres no resto do país. Às 20 horas, o presidente falou numa cadeia nacional de rádio e televisão e ao contrário do que se esperava partiu para uma linha conciliatória. Lamentou o confronto armado, a morte do oficial e os feridos, as perdas civis e pediu calma e ponderação entre os gaúchos. Estava disposto a negociar, passar por cima do incidente, respeitar a decisão dos oficiais rebelados e completou com a arenga de sempre sobre os problemas financeiros nacionais, as dificuldades decorrentes da dívida externa, das quedas de preços no mercado internacional, da alta do petróleo e outros quetais já exaustivamente repetidos.

O general Madalena e o governador Jatahy foram chamados à capital do país e uma comissão integrada pelo presidente do Congresso Nacional, ministro do Exército e ministro da Justiça desembarcou em Rio Grande para iniciar negociações. De comum acordo, o encontro entre os representantes do governo federal e os líderes do movimento grevista ocorreu num clube náutico da cidade de São Gonçalo. O coronel Mitri participou como observador das tropas rebeldes, o coronel Winter manteve-se à frente de seus homens.

Ao fim de cinco dias foram fixadas as bases para restabelecimento da normalidade no Estado. Nenhum oficial ou militar de qualquer hierarquia seria punido em decorrência da rebelião e todos ganharam a garantia de permanência nas unidades onde estavam servindo pelo período de dois anos. Transferências somente seriam concedidas a pedido. Nada constaria em suas folhas de serviço e teriam direito à promoção de acordo com o quadro de carreira, não podendo perder a vez para eventuais promovidos por merecimento.

Ficou implícito nas negociações paralelas, embora não constasse em nenhum papel, que o coronel Winter pediria para passar para a reserva. E realmente ele o fez algumas semanas depois. Estes foram os principais pontos na área militar.

No campo financeiro e trabalhista foi articulado um protocolo muito especial que beneficiou o Estado em vários sentidos. Outras unidades da federação imediatamente exigiram os mesmos direitos e tudo acabou resultando numa reforma constitucional que promoveu profundas alterações na estrutura econômica do país. Várias questões que antes dependiam de orientação e planejamento nacionais passaram para o âmbito dos Estados e dos municípios. O governo federal continuaria com a incumbência de promover estudos e apresentar projetos de âmbito global, mas cada unidade federativa poderia optar por enquadrar-se total ou parcialmente, podendo realizar as adaptações que julgasse mais convenientes sempre que assim o decidisse a Câmara de Vereadores ou fosse convocado um plebiscito municipal por um grupo expressivo de cidadãos, número fixado proporcionalmente à população local.

A Carta de São Gonçalo e os estudos que resultaram na Nova Constituição estão publicados em inúmeras publicações especializadas de modo que peço que me dispensem de pormenorizar detalhes de algo que exigiu a participação de centenas de pessoas e a discussão pormenorizada de cada assunto. Nunca voltei a trabalhar como jornalista e não cheguei a terminar a peça de teatro que estava escrevendo quando tudo começou. Passaria por um plágio mal feito da realidade. Acabei com ojeriza por máquinas de escrever e me dediquei a trabalhar como ator. Estou fazendo muito bem o papel de burro na milionésima montagem dos Saltibancos na capital gaúcha.

O major Mitri casou com Marisa numa cerimônia muito bonita que teve seu irmão e o coronel Winter como padrinhos. Mais tarde, ele foi transferido para o Macapá e ela contraiu malária ou qualquer coisa assim. Mas está bem. Dois filhos. O coronel Mitri passou para a reserva e foi morar no Rio, com a mulher, numa quitinete da zona sul.

Bezerra voltou para a metalúrgica e no mesmo ano foi eleito representante sindical e, logo em seguida, presidente do sindicato da região. Beto candidatou-se a um lote de terras no projeto de reforma agrária de Santa Vitória do Palmar e planta uvas com que faz um bom vinho. Quando viaja a Porto Alegre, leva um garrafão para

Maria, que continua professora, morando no Menino Deus. Honscha reconciliou-se com a esposa (os filhos) e abriu uma clínica no interior do Mato Grosso. O governador Jatahy foi derrotado quando tentou uma vaga para o Senado, acabando por abandonar a política para morar em sua casa de praia, em Capão Novo. Olavo elegeu-se prefeito de Herval e continua plantando arroz. Conceição teve suas terras em Arroio Grande desapropriadas pela reforma agrária. Pegou o dinheiro e montou um negócio em Pelotas. Um motel. Ah, sim, o Maluz continua dono de agência e a ganhar as concorrências para administrar as contas publicitárias do governo estadual. Acaba de lançar uma campanha que tem por slogan algo assim como "o novíssimo Rio Grande".

O Exército também passa por reformas. Extinguiram o serviço militar obrigatório e físicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul desenvolveram um aparelho de laser que dotou os tanques de maior poder de fogo. Para esta tarde foi convocada uma manifestação de professoras na Praça defronte ao Palácio do governo. Vão cobrar um desses aumentos prometidos e não cumpridos. Pretendo comparecer. Gosto muito de ouvir os sinos badalando, os bumbos e aquela música que fala em "unidos pela educação".

Este livro foi composto, impresso e distribuído
por Editora Proletra em 1985
Av. João Pessoa, 345 - Fone 267780
Porto Alegre - RS - Brasil

Dois ou três anos após as festivas comemorações do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, o nível de descontentamento dos gaúchos, manifestado em constantes greves e passeatas de protesto diante do palácio do governador, atingiu um ponto de saturação.

Ao movimento de agricultores, professores, metalúrgicos, bancários, previdenciários e outros segmentos profissionais somou-se a revolta militar. Este o pano de fundo em que movimentam-se as personagens de uma história densa e explosiva, envolvente ao confundir pinceladas de ficção com o absurdo da realidade. A REVOLTA DOS NOVOS FARRAPOS pode ser encarada como a História recontada ou uma antevisão histórica. Só o futuro o dirá.

proletra